



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL NO JORNALISMO COMUNITÁRIO:
AS PRÁTICAS DO JORNAL ROSA MARIA COMO ELEMENTO DE
MEDIAÇÃO

Dissertação

João Miguel Silvestre Mendes

Trabalho realizado sob a orientação de

Catarina Menezes, Instituto Politécnico de Leiria

Maria João Santos, Instituto Politécnico de Leiria

Leiria, março de 2023

Mestrado em Comunicação Acessível

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de expressar a minha gratidão às professoras orientadoras pelos inestimáveis contributos e profunda dedicação.

Agradeço, igualmente, à família e a todas as pessoas com as quais tenho o privilégio de partilhar a jornada de desbravar o mundo e crescer enquanto ser humano.

Resumo

As sociedades contemporâneas compreendem uma maior mobilidade que se traduz numa crescente coexistência multicultural. Em paralelo, a mediatização da comunicação, com especial efeito a que se caracteriza pela massificação e concentração em grandes conglomerados, tem apresentado desafios ao nível da representatividade de diferentes culturas, verificando-se não só menor presença dessa diversidade como tendências etnocêntricas nas várias coberturas dos principais órgãos de comunicação social. O jornalismo comunitário pode, assim, constituir uma alternativa que convoca uma maior descentralização e participação cidadã, com um carácter menos convergente, com maior permeabilidade às dinâmicas dos contextos onde se insere, conferindo uma mais-valia na análise de práticas que possam contribuir para uma maior diversidade de vozes nos *media* e respetiva consagração do princípio constitucional da igualdade - Artigo 13.º da Constituição da República Portuguesa.

É objetivo deste trabalho analisar a aplicação de critérios de comunicação intercultural e de mediação intercultural no jornalismo comunitário. Neste sentido, foi considerada uma publicação de natureza multicultural – o jornal Rosa Maria – quer pelo seu financiamento e estrutura editorial, como pelo seu âmbito territorial, que corresponde a uma das áreas do país com maior proporção da população residente com nacionalidade estrangeira.

A metodologia utilizada neste estudo de caso insere-se no paradigma qualitativo, tendo-se empreendido uma Análise Documental por intermédio da Análise de Conteúdo, aplicada a um *corpus* de 13 edições, publicadas entre 2010 e 2020. A análise incidiu nos textos correspondentes aos editoriais, reportagens, notícias e capas das edições. Considerando o carácter eminentemente visual das capas, aplicou-se, complementarmente, metodologia do âmbito da Análise Crítica do Discurso e da Semiótica Social, mais especificamente a Gramática do Design Visual.

Os resultados atestam a correspondência da publicação a práticas de comunicação intercultural e de mediação intercultural. Neste sentido, observaram-se boas práticas do jornalismo comunitário na promoção da interculturalidade em contextos multiculturais, visíveis na representatividade, na representação e na contextualização objetivas, imparciais e focadas em ganhos comuns.

Palavras-chave

Comunicação Intercultural, Mediação Intercultural, Bairro da Mouraria, Jornalismo Comunitário

Abstract

Contemporary societies comprise progressively a greater mobility which could be translated in a growing multicultural coexistence. At the same time, the mediatization of communication, with a special effect characterized by the massification and concentration in large media conglomerates, has presented challenges in terms of the representativeness of different cultures, with less presence of this diversity and ethnocentric tendencies in the coverage of the main media outlets. Community journalism can thus constitute an alternative that invokes greater decentralization and citizen participation, with a less convergent character and greater permeability to the dynamics of the contexts in which it is inserted, providing added value in the analysis of practices that may contribute to greater diversity of voices in the media and the promotion of the constitutional principle of equality - Article 13 of the Portuguese Constitution.

The objective of this work is to analyze the application of intercultural communication and intercultural mediation criteria in community journalism. In this way, a multicultural publication - the Rosa Maria newspaper - was considered, both due to the nature of its funding and editorial structure, as well as its territorial scope, which corresponds to one of the areas of the country with the higher proportion of resident population with foreign nationality.

The methodology used in this case study is based on the qualitative paradigm, with a documentary analysis through content analysis applied to a corpus of 13 editions, published between 2010 and 2020.

The analysis focused on the texts corresponding to editorials, reports, news and covers of the editions. Considering the predominantly visual nature of the covers, Critical Discourse Analysis and Social Semiotics were also applied, specifically Visual Design Grammar.

The results attest the correspondence of the publication to intercultural communication and intercultural mediation practices. Therefore, good practices of community journalism were observed in promoting interculturality in multicultural contexts, visible in objective, impartial and focused on common gains representativeness, representation and contextualization.

Keywords

Intercultural Communication, Intercultural Mediation, Mouraria Neighborhood, Community Journalism

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iii
Abstract.....	v
Índice Geral.....	vii
Índice de Tabelas.....	ix
Índice de Gráficos.....	ix
Índice de Figuras.....	x
Introdução.....	1
I. Enquadramento teórico.....	7
1. Um mundo culturalmente diverso: contextos para a comunicação.....	7
1.1. Comunicação: partilha, massificação e discurso.....	15
1.2. A comunicação intercultural e a sua importância.....	19
1.3. A mediação intercultural.....	22
2. Jornalismo comunitário e jornalismo intercultural: duas dimensões do jornal Rosa Maria.....	31
2.1. Jornal Rosa Maria: comunidade e diversidade cultural.....	34
II. Objetivos e Metodologia.....	39
1. Objetivos.....	39
2. Tipo de estudo.....	40
3. <i>Corpus</i>	41
4. Técnicas e Instrumentos de recolha e análise de dados.....	43
III. Apresentação e discussão de resultados.....	50
1. Editoriais.....	50
2. Reportagens.....	62
3. Notícias.....	69
4. Capas.....	75

Conclusões.....	86
Referências bibliográficas.....	92
Anexos	99
1. Análise de Conteúdo aos editoriais.....	99
1.1. Comunicação Intercultural	99
1.2. Mediação Intercultural	103
2. Análise de Conteúdo às reportagens	107
2.1. Comunicação intercultural	107
2.2. Mediação intercultural	114
3. Análise de Conteúdo às notícias	119
3.1. Comunicação Intercultural	119
3.2. Mediação intercultural	125
4. Frequência das unidades de registo	130
4.1. Unidades de registo dos editoriais	130
4.2. Unidades de registo das reportagens.....	131
4.3. Unidades de registo das notícias.....	132
4.4. Unidades de registo das capas	133

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 Fontes de financiamento, por edição, do jornal (Associação Renovar a Mouraria, 2022).....	35
Tabela 2 Elaboração própria baseado em Lazăr (2012) e Martins et al. (2020)	47
Tabela 3 Elaboração própria baseada Bush e Folger (2004), Moore (2014), Pereira (2008), Romero (1997) e Sousa (2020).....	48
Tabela 4 Codificação e categorização dos editoriais (n=12)	51

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Categorização dos editoriais (n=12).	54
Gráfico 2 Frequência dos critérios de comunicação intercultural nos editoriais (n=12)56	
Gráfico 3 Frequência dos critérios de mediação intercultural nos editoriais (n=12)	59
Gráfico 4 Categorização das reportagens (n=225).....	62
Gráfico 5 Frequência dos critérios de comunicação intercultural nas reportagens (n=57).....	63
Gráfico 6 Frequência dos critérios de mediação intercultural nas reportagens (n=57) 66	
Gráfico 7 Categorização das notícias (n=118)	69
Gráfico 8 Frequência dos critérios de comunicação intercultural nas notícias (n=34)..	70
Gráfico 9 Frequência dos critérios de mediação intercultural nas notícias (n=34)	73
Gráfico 10 Categorização das capas (n=13).	75
Gráfico 11 Frequência significados representacionais (n=13).	77
Gráfico 12 Frequência dos significados interativos (n=13)	80
Gráfico 13 Frequência dos significados composicionais (n=13)	82
Gráfico 14 Frequência dos critérios de mediação intercultural nas capas (n=13)	84

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Capas das edições 6, 10 e 11 – Exemplos de capas com representação conceptual	78
Figura 2 Capas das edições 4, 5 e 7 – Exemplos de representação narrativa.....	78
Figura 3 Capas das edições 1, 2 e 3	81
Figura 4 Capas das edições 0, 5 e 8	83

INTRODUÇÃO

Esta investigação foi elaborada no âmbito do Mestrado em Comunicação Acessível, na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, e tem como principal objetivo analisar as práticas de interculturalidade no jornalismo comunitário por intermédio da comunicação intercultural e de mediação intercultural. O estudo incide no caso do jornal Rosa Maria, através da análise de 13 edições, compreendidas entre junho de 2010 e maio de 2020.

A pertinência da investigação advém da rápida mutação que as sociedades contemporâneas atravessam. Tal como é visível nos diversos conflitos transnacionais que ocorrem ao redor do globo, a falta de diálogo e de respeito pela diversidade inviabilizam, muitas vezes, o desenvolvimento de relações promotoras de ganhos comuns. A escala das mudanças que atravessamos é impulsionada pela crescente globalização que incrementa a mobilidade e os movimentos migratórios espelhados em sociedades cada vez mais multiculturais.

A diversidade do tecido social levanta desafios ao nível da coesão social e da coexistência benéfica para todas as partes. Nesse sentido, a comunicação e mediação interculturais podem contribuir para a gestão eficaz de conflitos, respeitando a crescente diversidade cultural e permitindo fomentar a inclusão de todas as pessoas numa sociedade que se pretende mais justa.

A criação de entendimentos e a promoção do diálogo intercultural são, por isso, propósitos basilares relativamente aos quais os órgãos de comunicação social desempenham um papel central, nomeadamente na construção de representações face ao Outro, na cobertura, tratamento e difusão de diferentes culturas (Kunsch, 2017). Ou seja, a equidade e o respeito pela dignidade humana “(...) são direitos que devem ser transmitidos precocemente” (Rebelo, 2019, p.7), emergindo a comunicação como um “elemento essencial para o desenvolvimento das relações entre as pessoas,

mas também entre as pessoas e as organizações (...) sendo responsável por (...) estabelecer linhas de negociação entre (...) partes” (Ribeiro, 2022, p. 138).

Neste âmbito, o propósito da comunicação acessível e inclusiva transcende o mero acesso à mensagem, consagrado em princípios básicos e técnicos. Se o âmago da comunicação acessível reside no fácil entendimento da informação por parte de todos os públicos-alvo, esta abordagem deve contemplar, também, o respeito pela diversidade, pelas características sociais, culturais e económicas dos públicos, bem como a sua possibilidade de visibilidade e participação, uma vez que a formulação de uma comunicação com princípios inclusivos pode beneficiar todos os envolvidos no processo (Ribeiro, 2022).

Esta acessibilidade, deve, portanto, “ter um papel consciente e responsável que promova a equidade e a inclusão, não devendo beneficiar marginalmente uma parte da população, mas sim toda a sociedade” (Ribeiro, 2022, pp. 142-143).

Ribeiro (2022) aponta que, embora a comunicação acessível e o termo acessibilidade possam estar mais conotados com o acesso por parte das pessoas com deficiência, a conceção de estratégias e metodologias que removam barreiras à comunicação devem considerar a diversidade de todas as pessoas destinatárias da ação comunicativa (p.147), reforçando a democracia e, conseqüentemente, a coesão social (Rebelo, 2019).

Assim, se a mediação é um elemento gènesese de um *media*, inclusivamente redundante na forma como este opera, a mediação como área interdisciplinar no âmbito das ciências sociais e humanas introduz uma dimensão ética e social que extravasa uma mera execução do aparato tecnológico de um *media*.

Pese embora os códigos deontológicos aplicáveis ao exercício do jornalismo contemplarem valores profissionais assentes no pluralismo, objetividade e integração das partes envolvidas, as teorias da notícia e a observação das rotinas de produção revelam a existência de condicionalismos de ordem social, organizacional e sistémica que condicionam o exercício do jornalismo (Traquina, 2002) e o facto de os seus produtos nem sempre refletirem os princípios norteadores da profissão.

Tal como consta no enquadramento teórico por Silva (2016, 2017), a problemática central que imprime a premência desta investigação corresponde aos valores hegemónicos difundidos pelos *mass media* que nem sempre contemplam a diversidade na amplitude da sua cobertura mediática e territorial.

Assim, emerge o interesse no estudo de projetos jornalísticos mais descentralizados (comunitários) que incorporem aspetos preponderantes de ordem multicultural uma vez que estes podem conter práticas jornalísticas relevantes, transponíveis e consubstanciadas na literatura científica da comunicação intercultural e da mediação intercultural.

Desde os finais do século XX que se têm registado diversas experiências e correntes alternativas ao jornalismo institucional que procuram imprimir dinâmicas assentes em propósitos mais instrumentais. Uma das que obtém maior expressão e notoriedade reside no jornalismo comunitário, o qual procura integrar aspetos formais do jornalismo, contrariando lógicas massificadas, e inclui dinâmicas e pessoas das respetivas comunidades (Galli, 2021).

O jornalismo comunitário pode, assim, ter um impacto significativo na comunidade em que se insere, contribuindo para a promoção do diálogo através, não só da mediação tradicional, como da mediação enquanto fenómeno social, contribuindo para a resolução de problemas que possam existir no local em que atua (Galli, 2021).

É visível que a concentração dos órgãos de comunicação social em grandes conglomerados empresariais, bem como a sua crescente abrangência nacional e transnacional promove a transmissão de valores e formas de ver o mundo mais estandardizadas e consonantes com os valores maioritários. Esta situação pode acarretar constrangimentos para setores sociais minoritários, como sendo os provenientes das migrações e subseqüentes minorias nacionais, entre outras (Kunsch, 2017).

As migrações são fenómenos que sempre ocorreram em toda a história da humanidade, porém a afirmação do Estado-Nação consagrou identidades extremamente complexas e diversas, tal como se verifica nas diferenças linguísticas e

nos hábitos culturais. Em qualquer cidade global os indivíduos encontram-se expostos a comportamentos distintos dos seus, o que pode gerar conflitos derivados da falta de entendimento. A mediação tem a potencialidade de agir como elemento que potencia o protagonismo das partes na resolução dos seus problemas e na cooperação para que possam produzir benefícios comuns. É neste contexto que o jornalismo comunitário tem a potencialidade de aliar os processos de mediação tradicionais, nomeadamente ao nível da comunicação intercultural, com as dinâmicas da mediação intercultural que incorporam valores éticos que pretendem emancipar os diversos grupos da comunidade (Galli, 2021).

Considerou-se, por isso, relevante observar o caso do jornal Rosa Maria, publicação de âmbito comunitário, inserida no Bairro da Mouraria (Lisboa), composta por 13 edições compreendidas entre 2010 e 2020, e que foi desenvolvida com vista à “promoção da riqueza cultural, histórica e patrimonial do bairro (...)” (Associação Renovar a Mouraria, 2022). Acresce que a publicação periódica em análise foi alvo de condecoração por parte do Prémio de Comunicação "Pela Diversidade Cultural" do Alto Comissariado para as Migrações (Alto Comissariado para as Migrações, 2015). Desde a 7ª edição que é referido o registo na Entidade Reguladora para a Comunicação Social, designadamente com o nº 126509.

Como este propósito, foi definida a questão de investigação, nomeadamente, se o jornal Rosa Maria adota práticas de comunicação e de mediação intercultural. Em caso afirmativo, verificar quais. De forma a responder a estas interrogações formularam-se três objetivos:

Objetivo 1: Analisar as práticas de comunicação intercultural do jornal Rosa Maria;

Objetivo 2: Analisar as práticas de mediação intercultural da publicação;

Objetivo 3: Compilar boas práticas de interculturalidade na publicação.

É relevante frisar, tal como se poderá observar no ponto 1 da secção III, que se considerou pertinente realizar um pré-teste com o intuito de verificar se a publicação continha elementos que atestassem a sua relevância no âmbito da multiculturalidade,

interculturalidade e mediação. Esta abordagem metodológica insere-se na otimização das fases subsequentes, designadamente pela capacidade de ajuste, fiabilidade e previsibilidade (Ghiglione e Matalon, 2001).

A metodologia utilizada insere-se no paradigma qualitativo, correspondendo ao estudo de caso. Por consequência, foi empreendida a Análise Documental por intermédio da constituição de um *corpus* de análise constituído por 13 edições da publicação. A análise dos dados subsequentemente gerados foi efetuada através da Análise de Conteúdo, considerando o potencial desta ferramenta na descrição, análise e interpretação dos conteúdos apresentados.

O presente trabalho é constituído por três capítulos. O primeiro respeita ao enquadramento teórico, o qual contém a revisão de literatura e aprofundamento do tema, nomeadamente com a fundamentação e teorização da cultura como expressão humana que produz uma diversidade modeladora de relações sociais, sendo estas produtos do desenvolvimento da linguagem e aprofundadas pelos processos comunicacionais. Seguidamente aprofunda-se o papel da comunicação na mediação das relações, o qual se torna mais expressivo no âmbito do jornalismo, considerando o seu carácter de comunicação pública. Considerando que a interculturalidade é inerentemente um processo de mediação, esta área de estudos foi convocada e conjugada com o supra papel de mediação tradicional dos *media*.

O segundo capítulo corresponde à metodologia, a qual se centra no estudo de caso enquanto metodologia que promove a observação de objetos específicos que podem contribuir para um conhecimento mais vasto das áreas de estudo. Além do breve olhar já enunciado nesta introdução face a este capítulo, a sua composição concentra-se na definição da Análise Documental a realizar e aplicação de técnicas de recolha, tratamento e Análise de Conteúdo, por forma a desvendar, coerente e ordenadamente, a estrutura, composição e sentidos do *corpus* em observação.

O último capítulo apresenta os resultados obtidos, procurando sumular o processo científico em evidências sustentadas não só na metodologia como no enquadramento teórico. Por fim, as conclusões traçam os principais aspetos a reter bem como as

inferências que podem ser retiradas do presente estudo e transponíveis para futuras investigações.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. UM MUNDO CULTURALMENTE DIVERSO: CONTEXTOS PARA A COMUNICAÇÃO

Para que seja possível viver, trabalhar e interagir num mundo em crescente interconectividade e interdependência é necessário comunicar efetivamente com pessoas de diversos contextos culturais. Desta forma, é necessário considerar como a linguagem e a comunicação verbal e não verbal se concretizam e como podem ser acedidas e compreendidas por pessoas para as quais os contextos de referência são diferentes dos nossos e, simultaneamente, considerar a sua visibilidade e condições de participação num que espaço que é público. Invariavelmente, importa compreender como as relações históricas das várias culturas contribuem e impactam a sua forma de interação e relacionamento (Jandt, 2020).

Embora o berço da humanidade advenha do continente africano, as várias migrações irradiaram a humanidade por todo o globo terrestre. Por conseguinte, as diversas identidades humanas foram sendo progressivamente moldadas e distinguidas. As separações geográficas conduziram ao desenvolvimento de diversos mecanismos de regulação das redes sociais humanas que conduzem a diferentes compreensões do mundo, crenças e identidades (Jandt, 2020).

De acordo com Cannadine (2013) podemos categorizar os mecanismos de regulação da vida humana e da identidade através de seis parâmetros: nacionalidade, religião, género, classe, “raça” e civilização. A religião, segundo o autor, é o regulador da vida humana mais antigo. Não só se tem apresentado como uma fonte de identidade, através de valores, rituais e práticas comuns, como está na origem de vários conflitos que provocaram várias milhões de mortes. Relativamente à nacionalidade Jandt (2020) indica ser criação política mais relevante da modernidade. Para uma parte substancial da humanidade, a partir do século XIX, passou a ser uma identidade mais expressiva do que a religião. Não obstante, este regulador de identidade tem provocado conflitos

muitos expressivos, inclusive, com resultado em guerras e milhões de mortes humanas. Jandt (2020) afirma que, embora as culturas tenham a possibilidade de oferecer várias formas de interpretar o mundo e de relacionamento com outras pessoas, existe uma dissimilitude entre reconhecer outras visões do mundo ou considerar que essas mesmas são menos perfeitas. Esta problemática tem sido um dos elementos originadores de conflitos entre nações.

Outra visão que fortemente contribui para este debate reside na noção de classe. Segundo Marx e Engels (1848/2005) as identidades advêm da relação com os meios de produção e não, necessariamente, da religião ou da nacionalidade, existindo, portanto, duas identidades/grupos: o proletariado que vende a sua força de trabalho e a burguesia que detém os meios de produção. Assim sendo, as relações e a história são permanentemente moldadas por um conflito: a luta de classes. O conceito de classe foi reformulado por Weber (2002) que deu a primazia às capacidades, à educação e ao posicionamento económico do indivíduo em detrimento da relação com os meios de produção.

O género também intervém como elemento regulador da vida humana. Jandt (2020) aponta que o género assenta não tanto nas características físicas, mas na relação que a nação estabelece com este elemento, nomeadamente no reconhecimento das identidades e expressões de género. A identidade de género contribui significativamente para o que é ser-se masculino ou feminino. No entanto, importa considerar que além do conceito de cisgénero (pessoa que se identifica com o sexo atribuído à nascença) existem várias identidades de género, entre as quais o género não binário, que não considera dicotomia entre masculino e feminino. Cada identidade de género tem os seus próprios privilégios, reconhecimentos e representações.

No que respeita à questão racial, existe a necessidade de desconstruir a sua perspetiva biológica, que classifica os seres humanos considerando as suas características físicas visíveis. Esta abordagem desenvolveu-se com o colonialismo europeu e serviu de base a regimes como o nazi. Não só não tem validade científica como encontra-se substituída pela definição de “raça” como um conceito socio-histórico. Esta não tem

uma categorização rígida e é moldada por um extenso e constante debate social (Jandt, 2020).

Por sua vez, Huntington (2011) considera que no mundo pós-guerra fria a cultura tanto é uma força separadora como unificadora. Embora os indivíduos possam encontrar-se separados pelas ideologias ou contextos históricos, encontram a sua união no elemento aglutinador que é a sua civilização, considerando que os países culturalmente próximos tendem a cooperar economicamente e politicamente. Huntington (2011) aponta que é nas zonas de contacto entre civilizações onde ocorrem mais conflitos. Não obstante, indica que as forças integradoras do mundo são reais e provocam uma afirmação ao nível cultural e civilizacional. Existe uma forte divisão do mundo em dois: ocidente e o não ocidente. Embora as nações sejam elementos fulcrais ao nível geopolítico, atuam de acordo com fatores civilizacionais. Assim, os conflitos de maior escala são aqueles que decorrem entre civilizações. Por fim, Huntington (2011) identifica as seguintes civilizações: Sínica (culturalmente associada à China), Japonesa, Hindu, Islâmica, Ortodoxa, Ocidental, Latino-americana, Africana e Budista. Não obstante, Huntington (2011) considera existir uma tendência para uma ocidentalização do mundo e aponta as comunicações globais como importante manifestação de uma hegemonia ocidental, nomeadamente com o advento dos grandes conglomerados noticiosos como a CNN. Huntington (2011) aponta que a religião e a linguagem são os elementos centrais de uma civilização, sendo que a língua inglesa muitas vezes é apontada como sendo uma língua universal.

Os vários mecanismos de regulação da vida humana e da identidade expostos inferem na identidade cultural na pós-modernidade, precisamente o nome do livro de Stuart Hall (1992/2006). Este aponta que no século XX as paisagens culturais da sociedade moderna sofreram uma grande transformação. Se até então os indivíduos se encontravam integrados no seu mundo social e cultural, na época moderna regista-se o fenómeno de deslocamento/descentralização do indivíduo. A identidade do sujeito pós-moderno torna-se mais volátil e permeável através de um processo de constante mutação decorrente da forma como o indivíduo é representado e interpelado pelos sistemas culturais que o rodeiam.

A globalização afigura-se como um processo central da modernidade que impacta relativamente à identidade cultural. Desta forma, as sociedades modernas são “sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (Hall, 1992/2006, p.14). Igualmente, a modernidade é pautada pelo seu carácter reflexivo. Este ponto é central na Teoria Social. Beck, Giddens e Lash (1994/2000) consideram que reflexividade da modernidade advém da (auto) desconstrução da sociedade industrial. Este fenómeno tem conduzido a um dinamismo assente da desconstrução das “formações de classe, de status, de ocupação, os papéis sexuais, a família nuclear, a indústria, os setores empresariais e (...) progresso tecnoeconómico” (Beck, Giddens e Lash, 1994/2000, p.2). Não obstante, a identidade cultural mais expressiva no mundo moderno é a identidade nacional. Embora a nacionalidade não esteja inscrita na matriz genética do indivíduo é esta que, muitas vezes, mais é apresentada como sendo a “nossa natureza essencial” (Hall, 1992/2006, p.47).

Embora a consolidação do Estado-nação já se tenha afirmado no início da modernidade, é no seu estágio tardio que assume uma maior expressão ao nível das identidades dos indivíduos através de um sistema de representação cultural onde as pessoas não só têm um vínculo legal ao nível do seu país como participam na representação da sua cultura nacional como comunidade simbólica (Hall, 1996).

Anderson (1983) reflete que o nacionalismo consiste numa ideologia assente na preservação de uma identidade cultural por associação a um Estado-nação. Esta ideologia registou um rápido crescimento e consolidação pelo papel histórico da comunicação de massas que atuou e atua como ferramenta de rápida e ampla disseminação de ideias e valores que reforçam o sentimento de pertença a um conjunto vasto de indivíduos. Estes processos transformam-se em problemáticas sociais e objeto de estudo quando, segundo Hall (1996), a comunicação de massas é usada para disseminar discursos de exclusão e discriminação em desfavor de minorias étnicas ou culturais.

Importa considerar, igualmente, que a “cultura nacional é um discurso” (Hall, 1992/2006, p. 50). Desta forma, agrupa-se num conjunto de instituições que operam com o propósito de construir sentidos que organizam as ações dos indivíduos e

intervêm na sua auto-concepção, formulando pontos de referência construtores de identidade.

A globalização e a afirmação da identidade cultural assente na cultura nacional conduzem-nos a três fenómenos: fundamentalismo, diáspora e hibridismo. A fusão de culturas tanto poderá produzir novas formas de cultura como conduzir a uma indeterminação que implicará “custos e perigos” (Hall, 1992/2006, p. 91), nomeadamente no que diz respeito a conflitos entre culturas ou a “fortes tentativas para se reconstruírem identidades purificadas, para se restaurar a coesão, o “fechamento” e a tradição, frente ao hibridismo e à diversidade. Dois exemplos são o ressurgimento do nacionalismo na Europa Oriental e o crescimento do fundamentalismo” (Hall, 1992/2006, p. 92).

Neste contexto a interculturalidade aporta um referencial teórico crucial que procura responder às complexidades e aos desafios da diversidade cultural num mundo crescentemente globalizado e interconectado. Através da promoção do diálogo, da promoção da compreensão mútua e da criação de pontes é possível a convivência pacífica e mutuamente benéfica (Byram & Zarate, 1997).

O mundo globalizado tende a criar tensões entre o global e local ao nível das identidades. Por um lado, as identidades nacionais representam vínculos simbólicos e de pertença, enquanto a economia de mercado tende a promover um sistema global onde os sistemas de comunicação e os *media* tendem a difundir as várias identidades e culturas. Não obstante, a globalização não ocorre ao mesmo ritmo em todo o planeta e nem sempre promove a diversidade cultural. Primeiro, há desigualdades ao nível regional e de estratos populacionais. Segundo, existe a perspetiva que pode promover uma homogeneização cultural com enfoque na ocidentalização do mundo (Hall, 1992/2006).

Tal como reporta Martín-Barbero (2008), embora o nacionalismo e a multiculturalidade possam ser percecionados como conceitos antagónicos, não são mutuamente excludentes. As “nuevas ciudadanía culturales” (p.151) podem intervir como “políticas de identidad” (p.151) enquadradas numa política de emancipação humana e respetivo surgimento de novas figuras de cidadania. Este fenómeno deve-se

à resistência ao individualismo e à atomização social perante a intensificação da globalização.

A comunicação humana é um processo com diversos graus de mediação e onde a cultura está sempre presente. A comunicação intercultural é um campo de investigação multidisciplinar que considera duas abordagens: 1) o objetivo da investigação, compreendendo a comparação transcultural e a compreensão da interação intercultural e 2) o contexto de comunicação, correspondendo à dimensão interpessoal e aos *mass media*. A convergência tecnológica e os avanços tecnológicos ao nível da informação e da comunicação têm conduzido a uma reconceptualização da comunicação considerando desde as novas formas de *media* até às formas mais elementares. Neste sentido, reconhece-se, atualmente, existem três níveis de mediação da comunicação: *face to face (embodied communication)*; comunicação *mass media* tecnicamente reproduzida e; a comunicação em rede (tecnologias digitais). A ideia central da comunicação intercultural está na relação que a cultura tem com a comunicação considerando o sentido da criação da comunicação a todos os níveis. Não obstante, todas as dimensões encontram-se conectadas. A relação da cultura com a comunicação, independentemente do nível de mediação, impacta o processo de criação de sentido, a atribuição de sentido, a interpretação da mensagem e a o resultado da produção (Chen, 2017), bem como a construção de identidades individuais e coletivas.

Embora a cultura possa ser perspectivada como fenómeno humano ou um processo social, Chen (2017) considera ser, também, um processo simbólico. A cultura enquanto fenómeno humano corresponde à perspectiva de que é formada por intermédio de culturas, cada uma delas constituída pelo ambiente natural e social bem como por toda a experiência material, cultural, espiritual e relacional de todos os seus indivíduos.

Por sua vez, o enfoque da cultura como processo social considera que esta tem sentido como um todo e é constituída por complexas relações que influem na formulação de uma estrutura geral que constringe comportamentos e atividades num determinado contexto social e a um determinado nível. Esta abordagem abarca a cultura como

fenómeno humano e tem em consideração as estruturas sociais e de poder e as relações que se desenrolam num contexto social. Desta forma, a cultura é consolidada através do sistema político e económico dominante, considerando o desenvolvimento histórico e o seu impacto nos vários domínios da vida humana (Chen, 2017).

A cultura é, portanto, produto das atividades humanas e da história, sendo dinâmica e constituída por valores e ideais que culminam em convicções e crenças que decorrem ao longo do tempo em interação e concorrência com outras ideias. O seu prolongamento no tempo revela as diferenças e semelhanças com outras culturas sendo que cada uma desenvolve-se e sobrevive num determinado ambiente, no decorrer da atividade humana pela sobrevivência e pela prosperidade, no entanto, o ambiente apresenta alguns problemas universais sendo que cada cultura os encara e resolve considerando o seu quadro de valores (Chen, 2017).

Tylor (2014) transporta-nos para a perspetiva etnográfica da cultura. Segundo o mesmo:

Cultura ou Civilização, tomada em seu mais amplo sentido etnográfico, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade. (Tylor, 2014, p.6)

No entanto, este autor basilar da definição apresenta o mundo como detendo diferentes níveis de civilização, referindo, inclusive, uma categorização entre “raças” superiores e “raças” inferiores. Defendendo, inclusive, a comparação entre os vários estágios de civilização (Tylor, 2014).

Mintz (2010) aponta que a perspetiva comportamentalista e evolucionista, de categorização e avaliação de culturas foi substituída pela abordagem antropológica de Boas, na qual se reitera um posicionamento de relativismo cultural.

Boas (2015) reitera a importância de abordar cada cultura de acordo como os valores da mesma e de compreender os processos mais ou menos porosos que influenciam no

desenvolvimento de uma cultura. Desta forma, não só se opõe ao evolucionismo como ao etnocentrismo.

(...) cada grupo cultural tem sua história própria e única, parcialmente dependente do desenvolvimento interno peculiar ao grupo social e parcialmente de influências exteriores às quais ele tenha estado submetido. Tanto ocorrem processos de gradual diferenciação quanto de nivelamento de diferenças entre centros culturais vizinhos. Seria completamente impossível entender o que aconteceu a qualquer povo particular com base num único esquema evolucionário. (Boas, 2015, p.23)

Godoy e Santos (2014) apresentam um rompimento com as perspectivas apresentadas ao considerarem a concepção simbólica e estruturalista da cultura. Neste sentido, apontam que tanto Tylor como Boas seguiram uma formulação descritiva da cultura.

Em contraponto, Geertz (2008) considera a cultura como um sistema simbólico que advém de um longo processo de atribuição de sentido por parte dos indivíduos às suas ações. Esta abordagem semiótica assenta nas relações de mediação entre seres humanos na produção de sentidos e significados. Assim, a teoria cultural de Geertz (2008) tem na Análise do Discurso, nomeadamente no discurso social, a sua metodologia através da interpretação das estruturas simbólicas e semióticas. Por sua vez, Thompson (2011) conceptualiza a cultura na ótica estruturalista, abrangendo a sua componente simbólica, inserida em “contextos e processos sociais estruturados nos quais as formas simbólicas estão inseridas” (Thompson, 2011, p. 182). Desta forma as formas simbólicas encontram-se condicionadas pelos contextos e processos socio-históricos que podem ser constituídos por assimetrias ao nível do poder, do acesso a recursos e oportunidades e pelas estruturas institucionalizadas que atuam na produção, transmissão e receção das formas simbólicas.

Neste seguimento, Thompson (2011, p. 289) considera que a comunicação de massa se caracteriza pela “produção e difusão institucionalizadas de bens simbólicos” uma vez

que é composta por instituições que produzem e difundem bens simbólicos em larga escala através das múltiplas cópias para um conjunto alargado de recetores. Este processo decorre através da fixação elementos simbólicos por intermédio da codificação em meios técnicos. Concomitantemente verifica-se um controlo centralizado e institucionalizado tendo por vista a mercantilização e objetificação das formas simbólicas.

1.1. COMUNICAÇÃO: PARTILHA, MASSIFICAÇÃO E DISCURSO

A comunicação de massa criou uma rutura na transmissão e difusão dos bens simbólicos pois os interlocutores não têm de partilhar o mesmo espaço físico, em contrapartida, existe uma mediação operada por meios técnicos. Uma vez que o fluxo é frequentemente unidirecional o recetor tem uma influência reduzida sobre os conteúdos simbólicos produzidos e difundidos. Através dos processos de fixação das formas simbólicas existe uma maior acessibilidade temporal e espacial das mesmas. Considerando que são produzidas para um público vasto, existe um processo de colocar as formas simbólicas no domínio público (Thompson, 2011).

Não obstante, a ideia de processo é colocada em causa atendendo a Castells (2010) uma vez que comunicação de massa e a tecnologia digital têm mudado a estrutura da sociedade, cristalizada numa nova forma de organização social assente em redes e fluxos de informação, operando transformações significativas na economia, na política na cultura, introduzindo o que o autor denomina “the rise of the network society” (p.61).

Este paradigma disruptivo implica a reorganização da interação social. O desenvolvimento dos meios técnicos mediadores dos bens simbólicos impacta a forma como os indivíduos agem e interagem. Desta forma, a cultura contemporânea encontra-se assente na mediação eletrónica da cultura. Embora a comunicação de massa não seja o único local, na modernidade, de operação de ideologia, apresenta uma centralidade na produção e distribuição de formas simbólicas que, ao nível da ideologia, podem “estabelecer e sustentar relações de dominação” Thompson (2011, p. 342).

Os meios de comunicação de massa possibilitam uma maior amplitude da ideologia, no entanto, importa considerar que estão inseridos numa estrutura pelo que as mensagens que emitem devem ter em consideração contexto em que se inserem. Desta forma, as mensagens dos *media* tanto podem conduzir para a manutenção como para a rotura ao nível das relações de poder (Thompson, 2011).

O conceito chave reside no carácter mediador. Segundo Martín-Barbero (1987/1997) tanto produtores como mensagens e recetores se encontram em interligação na formulação de significados. Através do processo contínuo que é a mediação, a comunicação assume um posicionamento central na cultura. Por intermédio dos processos comunicativos, principalmente ao nível do quotidiano, é possível materializar a cultura e a sua transmissão. A mediação é uma constante entre os vários grupos sociais e é esta que permite a negociação de sentidos e significações a dois níveis: 1) significação individualmente codificada e 2) sentido socialmente produzido.

A raiz etimológica da comunicação remete, precisamente, para o seu carácter mediador. Neste sentido, deriva de duas palavras latinas: *communicationem* que por sua vez advém *communicare* e esta de *communis* que significa colocar em comum e partilhar. Não obstante a partir do século XVII existe uma alteração de significado, passando a referir-se às vias de comunicação, associado às infraestruturas de transporte. Por sua vez, no século XX, passa a associar-se à indústria dos *media* e, assim, o termo comunicação adquire o sentido da transmissão de informação e ideias. Neste sentido, levanta-se uma ambivalência na definição etimológica de comunicação. Se por um lado se refere ao processo de transmissão, unidirecional, por outro remete para a partilha, ou sejam um processo comum e mútuo (Williams, 2015).

Esta dualidade da comunicação é atestada por Carey (2009, p.12):

We might label these descriptions, if only to provide handy pegs upon which to hang our thought, a transmission view of communication and a ritual view of communication.

A comunicação do ponto de vista da transmissão é a noção que se encontra mais enraizada e a mais apontada nos dicionários contemporâneos. Foi constituída e

fortalecida por analogia ao sistema de transportes e à geografia no que diz respeito ao movimento de bens, de pessoas e de informação. Esta perspetiva afirmou-se devido ao cristianismo tendo por base a transmissão das crenças por intermédio da missão, em especial durante a expansão marítima e comercial europeia através do colonialismo. Com a secularização e com a ciência a metáfora da comunicação continua associada à transmissão, porém na lógica de ser um processo e uma tecnologia que possibilita a transmissão rápida de conhecimento, ideias e informação. Esta perspetiva ressurgiu na contemporaneidade com as novas tecnologias de informação e comunicação (Carey, 2009).

A perspetiva da comunicação como ritual é a mais antiga, sendo ligada às noções de partilha, participação, associação e ao processo de colocar em comum. Esta ótica não opera no sentido da extensão da mensagem pelo espaço, mas na representação de valores comuns. No fundo, a comunicação atua na construção e estabilização de um mundo culturalmente ordenado e dotado de sentido que tem a capacidade de controlar e abranger a ação humana (Carey, 2009).

Esta dualidade de perspetivas face à comunicação encontra-se presente nas teorias da comunicação. A comunicação registou, na década de 40 e 50, uma forte teorização considerando modelos processuais de transmissão de informação como a Teoria Matemática da Informação de Shannon e Weaver, na qual a comunicação consistia num processo tecnicista de transmissão de informação entre um emissor e um recetor sendo que a eficácia consistia na transmissão da mensagem através de um canal sem ruído (Rüdiger, 2011).

No entanto, o Modelo de Comunicação de Newcomb introduziu as relações sociais no processo comunicativo. Desta forma expôs que o processo comunicativo corresponde à relação por intermédio de uma forte ligação entre duas pessoas (A e B) e um objeto (X) significativo para ambas (McQuail e Windahl, 2015).

As perspetivas tecnicistas da informação são questionadas quando se equaciona a dimensão discursiva da comunicação, mais concretamente, quando se considera o *linguistic turn*. Existe um rompimento entre a dimensão técnica da comunicação e a dimensão discursiva (Rodrigues, 2001).

Em virtude da sua dimensão discursiva, a comunicação humana é um processo através do qual os consensos se criam sob um fundo incontornável de diferendos. (Rodrigues, 2001, p.97)

Esta tese dual da comunicação é atestada por Fiske (1995). O autor expõe a existência da escola processual e da escola semiótica. Enquanto a primeira se foca nos atos da comunicação a segunda na linguística e nos trabalhos de comunicação. Enquanto a escola processual encara a comunicação como um processo de transmissão e a mensagem como derivada de um processo dependente da intenção do emissor, a escola semiótica vê a interação social como constituinte do indivíduo, sendo que este se encontra inserido culturalmente. Por sua vez, a mensagem é “uma construção de signos que, pela interação com os recetores, produzem significados” (Fiske, 1995, p.15).

Enquanto os modelos processuais encaram o texto apenas como uma parte do processo, a semiótica centra-se no seu estudo. Assim, cada texto é constituído por um conjunto de signos, estes, por sua vez, desdobram-se em significantes (meio de expressão) e significados (conteúdo). Os signos estão enquadrados em códigos/sistemas. A cultura é o meio onde tanto códigos e signos se encontram organizados e encontra-se dependente “do uso destes códigos e signos no que diz respeito à sua própria existência e forma” (Fiske, 1995, p.62).

O recetor ou leitor, como denominado pela escola da semiótica, apresenta uma preponderância uma vez que é este que realiza a leitura do texto e, desta forma, desempenha um papel ativo na criação de significado através “da sua experiência, atitudes e emoções” (Fiske, 1995, p.63).

Os modelos de significação assentam numa tríade: o signo, aquilo a que o mesmo se refere e os seus utentes. A significação está assente nas relações estruturais sistémicas que permitem a categorização e compreensão do mundo. Assim, a significação é um processo ativo de negociação através da interação dinâmica entre signo, interpretante e objeto (Fiske, 1995).

Outra nomenclatura utilizada pela linguística para texto é a de discurso, embora esta seja mais abrangente por considerar a interação. Neste sentido van Dijk (2005) considera que o discurso é composto pela linguagem, pela cognição e pelas interações sociais. Independentemente da forma que o discurso pode assumir o mesmo tem uma componente de ação que situa os indivíduos estrategicamente numa relação de poder. O discurso não corresponde apenas à utilização da linguagem, diz respeito, também, às estruturas sociais macro. Assim, emerge a importância da Análise Crítica do Discurso (ACD) ao considerar que a linguagem se configura como sendo uma prática social não inócua.

1.2. A COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL E A SUA IMPORTÂNCIA

A comunicação intercultural tem vindo a ser desenvolvida desde 1990 através de três perspetivas: 1) comunicação entre pessoas com diferente origens linguísticas ou culturais; 2) comunicação que ocorre aquando de encontros linguísticos e/ou culturais dos quais o fenómeno comunicativo se enquadra como expressivo para o entendimento; e 3) a definição mais restrita considera que estamos perante o fenómeno de comunicação cultural quando um dos participantes da interação reflete criticamente sobre as representações e valores da cultura a que pertence (ten Thije, 2020).

Os estudos da comunicação intercultural podem ser enquadrados através de cinco abordagens metodológicas: 1) interação intercultural *face-to-face*; 2) comparação de sistemas linguísticos e culturais; 3) consideração da imagem do “eu” e do “outro” enquanto coletivos e nações ao analisar representações culturais nas suas várias formas comunicativas; 4) abordagem compreendida nos estudos multilingues e nas diversidades e linguísticas; e 5) a abordagem de transferência que integra as dimensões do conhecimento, das atitudes, das capacidades, da flexibilidade e na motivação na aprendizagem de competências interculturais (ten Thije, 2020).

A mediação intercultural é uma forte componente da comunicação intercultural, nomeadamente pelo seu carácter primordial ao nível da resolução de conflitos. O carácter mediador assenta no terceiro elemento que detém o papel de assistir as partes

na procura de soluções para os seus conflitos. Esta dimensão do terceiro elemento nos campos de estudo da comunicação intercultural é comumente visível quando as dificuldades de interação entre as partes estão assentes na língua e se procura um mediador intercultural que promova o entendimento mútuo (ten Thije, 2020).

A globalização, as migrações, os conflitos internacionais e a partilha de território por pessoas de diferentes culturas apresentam-se como desafios emergentes à comunicação. Independentemente de o contacto entre culturas ser mais ou menos estruturado, nomeadamente no que concerne à natureza: cooperativa, conflituosa ou pacífica, existe a premência do reconhecimento da diversidade e das relações entre indivíduos e grupos culturalmente distintos. Desta forma, urge-se uma abordagem a vários níveis: “global, multidimensional e multidisciplinar” (Ramos, 2001, p.156).

A realidade cultural ao nível político-social é cada vez mais complexa e há um crescente contacto com discursos culturais distintos. Atualmente, a interculturalidade é uma das principais questões da sociedade, tendo a sua origem nos fins do século XX com base na multiculturalidade. No entanto, a multiculturalidade apenas atende à coexistência de culturas. Por sua vez, a interculturalidade assenta nas interações entre várias culturas. Assim, a comunicação intercultural surge quando pessoas de diferentes culturas se inter-relacionam através da comunicação. É nesse contexto que os *media* surgem como espaços relevantes nestes processos comunicativos, atuando como intermediários culturais e simbólicos e permitindo que o indivíduo de uma cultura se possa posicionar através do fenómeno da alteridade (Silva, 2017).

No entanto, essa potencialidade nem sempre se verifica. Silva (2016), ao analisar os conteúdos interculturais presentes em alguns dos principais jornais ocidentais (*The Guardian*, *Público*, *Monocle*) e do *website* Notodo indica que a presença, além de ser reduzida, apresenta um cariz etnocêntrico. Assim, cada *media* noticioso tende a conferir uma maior destaque às produções culturais do seu país e às produzidas por países ocidentais. As notícias que representam o outro tendem a ser escritas de acordo com os padrões da cultura predominante do país no qual o *media* noticioso se insere. Não existe um aprofundar das complexidades das culturas não ocidentais, acabando

por culminar numa produção jornalística redutora face à compreensão do mundo, dos valores e crenças de outras culturas.

Estas perspetivas são parte integrante do estudo de Lazăr (2012) que, numa reflexão sobre os *media* na República da Moldávia, observa que se por um lado apresentam dinâmicas consideráveis ao nível da visibilidade de vários grupos culturais, por outro continuam, principalmente ao nível das manchetes, a revelar preconceitos e parciaisidades na cobertura de grupos étnicos.

Content analysis of 4 reference newspapers in Moldova in the months August to September 2012 show that part of the articles with intercultural theme carries a conflict, spread stereotypes and prejudice with ethnic character.

(Lazăr, 2012, p. 293)

Não obstante, são identificadas boas práticas, nomeadamente ao nível da visibilidade e do posicionamento igualitário, designadamente no que corresponde ao acesso a condições comunicacionais semelhantes, tal como se verifica nos *talk shows*.

Mediation requires time and place that lead to effective communication.

Standard rule is to give to each party equal place in the studio and on the screen, and the mediator (journalist) – to be fair to the actors of

communication. Talk shows on television from Moldova largely follow this rule

(...) (Lazăr, 2012, p.293)

Assim, os *media* noticiosos não só podem assumir um papel relevante na interculturalidade como existem experiências bem-sucedidas, como é patente no estudo de realizado por Lazăr (2012) que dá nota de preconceitos, mas também de bons exemplos de conteúdos televisivos que convocam diferentes culturas, promovendo o diálogo e contribuindo para a resolução de conflitos. Considerando que entre 1987 e 1991 os *media* da Moldávia contribuíram para a polarização étnica da sociedade, gerando fobias a agressões recíprocas, a autora sublinha a necessidade de

uma comunicação intercultural na era da globalização, percecionando-a como basilar na responsabilidade social e nos padrões éticos do jornalismo. Defende-se, assim, que os *media* desempenham um papel crucial na sociedade ao criar um espaço simbólico para o desenvolvimento da vida pública, institucional e privada e que o jornalismo pode ter um papel pronunciado na resolução de disputas com dimensão intercultural bem pronunciada.

1.3. A MEDIAÇÃO INTERCULTURAL

A mediação visa garantir a inclusão das partes, independentemente das suas características e necessidades, promovendo a comunicação e a construção de relações mais positivas e colaborativas. Deste modo, é um processo que pode ser utilizado em diferentes contextos, como escolas, empresas e outras organizações, tendo como objetivo principal facilitar a comunicação e a negociação entre as partes envolvidas em um conflito. Através da mediação é possível desenvolver capacidades de comunicação, de resolução de conflitos e de cooperação que geram oportunidades e promovem a empatia e a compreensão entre os envolvidos (Simão, et al., 2009).

Correspondendo aos objetivos da mediação, a Lei n.º 105/2001, de 31 de agosto, estabelece o estatuto legal do mediador sociocultural, criando a figura do mediador com o objetivo de colaborar na integração de imigrantes e minorias étnicas. As competências e deveres do mediador sociocultural consistem na promoção do diálogo intercultural, estimulando o respeito e o conhecimento da diversidade cultural e a inclusão social; na colaboração na prevenção e resolução de conflitos e definição de estratégias de intervenção, na facilitação da comunicação entre profissionais e utentes de origem cultural distinta; na assessoria dos utentes na relação com os serviços públicos e privados; na promoção da inclusão de cidadãos de diferentes origens sociais e culturais em igualdade de condições; e no respeito da confidencialidade inerente à sua ação.

As origens da intervenção de uma terceira parte ao nível de partes etnoculturalmente distintas poderão ser tão longínquas no tempo ao ponto de advirem dos próprios contactos culturais e das relações interétnicas. A mediação tem sido uma ferramenta

amplamente utilizada ao longo da história, nomeadamente aquando do contacto entre grupos e pessoas de diferentes e culturas procurando mediar os mal-entendidos, conflitos e acordos entre as partes (Romero, 1997).

Tal como consta na obra *Mediação Intercultural: formação, ação e reflexão* de Silva e Costa (2022) a mediação intercultural é uma área disciplinar e de intervenção que visa construir pontes entre distintas culturas e promover a compreensão mútua. Encontra-se inerentemente fundada na alteridade, nomeadamente na capacidade de nos colocarmos no lugar do outro. Para tal, a comunicação, nomeadamente a sua assertividade, eficácia, acessibilidade e adaptabilidade configuram aspetos centrais que permitem abarcar pessoas de culturas diferentes.

No mundo contemporâneo a mediação intercultural tem sobressaído dentro do campo da mediação. A sua formalização iniciou-se em 1974 com o Programa de Saúde Mental de Miami e tem proliferado em várias iniciativas europeias para com comunidades de migrantes. Estas assentam na formação de mediadores que por sua vez atuam nas áreas da precariedade e da marginalização e, desta forma, atuam na criação de pontes entre os coletivos de imigrantes e os serviços de bem-estar, saúde, educação e sociais (Romero, 1997).

As dinâmicas da mediação, tal como expresso por Santos (2014), são invariavelmente dinâmicas, operando por intermédio de objetos transitivos, com o propósito de potenciar a relação entre “o dentro e o fora” (p.71) através de uma construção partilhada que atua no desenvolvimento dos indivíduos e na “incorporação e interiorização de regras, instrumentos e símbolos num contexto de relação e interação, permanentes” (p.71). Neste sentido, a mediação é inerentemente um processo consensual e relacional que além de atuar na transformação das pessoas atua na resolução de conflitos. É com este propósito transformador que Brickman (2009) argumenta que a visão subjetiva dos sujeitos sobre o que é a realidade é importante para a compreensão da vida emocional e relacional dos mesmos, não sendo estes objetos, mas interdependentes das duas experiências e relações. Assim, a subjetividade corresponde a uma abordagem mais sensível e humana que promove a compreensão e respeita a diversidade. Neste sentido, e de acordo com Tuber (2008), a

resolução de conflitos é possível através do aprofundamento da realidade e consequentes complexidades, respeitando a autenticidade de cada pessoa por intermédio da consideração da subjetividade e do desenvolvimento de um vínculo de confiança.

A globalização da economia, as migrações, o turismo, as novas tecnologias de informação e comunicação e os meios de transporte têm potenciado a multiculturalidade, ou seja, situações nas quais estão implicados indivíduos, grupos ou instituições culturalmente diferenciados entre si através de uma distinção cultural ampla que abrange a etnicidade, “raça”, religião, língua e nacionalidade. Poder-se-á considerar que a presença da multiculturalidade é uma questão quase omnipresente pois a cultura será sempre distinta considerando as idades, os géneros, as classes e até mesmo as regiões. Assim, no âmbito da mediação, importa definir o que podemos entender como situações sociais de multiculturalidade. Estas correspondem às situações nas quais as diferenças socioculturais dos atores apresentam um carácter central ou influente, ou seja, a sua interação atribui uma considerável importância, consciente ou inconscientemente, à diferenciação face ao Outro, seja em termos físicos, comportamentais, modos de vida, língua, simbolização ou expressão de valores (Romero, 1997).

Segundo Romero (1997) a sua natureza é diversa no que respeita aos atores envolvidos. As relações, neste aspeto, podem estabelecer-se em 6 dimensões: 1) indivíduo-indivíduo (e.g. casamento); 2) indivíduo-grupo (e.g. missão); 3) indivíduo-instituição (e.g. imigrante-serviço público); 4) grupo-grupo (e.g. espaço multiétnico); 5) grupo-instituição (e.g. coletivo de estudantes de origem estrangeira-universidade); e 6) instituição-instituição (e.g. interações entre municípios) (pp. 134-136).

Por sua vez a relação interétnica pode ser “familiar, laboral, assistencial (acesso a servicios sociales), escolar o educativa, residencial (por ejemplo, de vecindad), sanitaria o médica, judicial o penal, etc.” (p.137). No entanto, cada relação encontra-se delineada, entre outros, por inferência ao estatuto, os papéis, a hierarquia ou a existência de conflito. Desta forma a relação pode assumir várias dimensões ao nível

da igualdade/desigualdade, hierarquia/horizontalidade, competição/cooperação, dominação/paridade etc... (Romero, 1997, p.137)

Romero (1997) aponta que uma parte significativa, se não mesmo quase na totalidade, das interações sociais são multiculturais. Porém, a questão sobre a qual recai o foco de estudos incide na compreensão face ao porquê de, em determinados contextos, o fator étnico-cultural emergir como algo relevante.

Embora, segundo Romero (1997), frequentemente as relações interétnicas estejam associadas a benefícios mútuos ou sejam, simplesmente, naturalizadas, podem convergir em barreiras e distâncias atitudinais, comunicativas e simbólicas. Consequentemente, podem gerar conflitos e desentendimento, evidenciando a necessidade da intermediação. Neste sentido o autor questiona face ao impacto das várias bagagens culturais nas relações entre os vários atores envolvidos e o que implica a circunstância que os diferencia. Para tal enumera um conjunto de indicadores que permitem inferir as dimensões expostas:

- 1) Repúdio e evitação face ao outro ou, por oposição, interesse e atração pelo outro;
- 2) As relações interpessoais podem ser de igualdade/desigualdade social ou de semelhança/diferença cultural;
- 3) Ao nível comunicativo podem surgir de avaliações pré-concebidas, avaliações desconhecidas ou mal-entendidos culturais;
- 4) Comportamentos e hábitos quotidianos diferentes percecionados como desagradáveis ou incompatíveis (e.g. sons, odores e alimentação);
- 5) Inadequação de instituições e serviços a novos utilizadores (pp. 138-139).

Romero (1997) aponta que o fundamental de qualquer relação consiste em quatro aspetos: 1) o reconhecimento de ambas as partes como interlocutores; 2) compreensão plena do conjunto das mensagens transmitidas; 3) respeito pela singularidade do outro, compreendendo uma convivência sem dano; 4) a capacidade de prevenir ou resolver conflitos. Estes imperativos mediadores da interação e

promotores de relações proveitosas entre segmentos socioculturais distintos requerem, em determinados contextos e sociedade, de mecanismos sociais e institucionais que atuem no sentido da conexão e da redução do conflito (p.139).

A mediação intercultural tem a potencialidade de reconhecer o outro como interlocutor, compreendê-lo, superar barreiras, superar estereótipos e medos, promover a aprendizagem da convivência, o enriquecimento mútuo e a cooperação, prevenir situações de conflito e adaptar as organizações e instituições aos seus beneficiários, otimizando a sua atuação e a sua acessibilidade (Romero, 1997).

Assim, entende-se como “um espaço transacional que medeia entre duas partes distintas” (p.77) que não as substituindo estimula uma nova relação de entendimento capaz de ser prolongada no tempo pelas partes intervencionadas. É através da incorporação de contextos simbólicos comuns que as relações podem desenvolver-se no sentido de potenciar interações mutuamente benéficas (Santos, 2014).

A mediação intercultural advém a sua expressividade dos contextos pluriculturais que se registam nas sociedades contemporâneas, nesse sentido individualizou-se enquanto área de conhecimento e ação da mediação social, pese, embora, o trabalho desenvolvido por esta em contextos de mediação socioculturais distintos. A mediação intercultural corresponde a uma modalidade de intervenção de uma terceira parte em situações sociais nas quais a multiculturalidade é um elemento expressivo. Neste pressuposto atua com a finalidade de perseguir uma comunicação e compreensão entre as várias partes, promovendo a aprendizagem e desenvolvimento comum através da regulação de conflitos e adequação institucional e dos atores sociais a contextos de diversidade étnico-cultural (Romero, 1997).

Embora a mediação intercultural possa estar associada à resolução de conflitos, a intervenção de uma terceira parte visa o estabelecimento de pontes e uma maior eficácia da comunicação entre as partes. Assim, a mediação intercultural detém um carácter iminentemente de mediação social podendo intervir em todas as esferas nas quais se registam situações de multiculturalidade expressiva. Não obstante, sendo uma modalidade da mediação apreende desta os seus princípios e delineamentos teóricos (Romero, 1997).

Romero (1997) aponta que a mediação é distinta de outros mecanismos de intervenção de terceiras partes como o é, por exemplo, o sistema judicial, apontando sete princípios orientadores do processo de mediação:

- 1) a mediação pressupõe a aceitação e inclusão de uma terceira parte por acordo das partes envolvidas, assente no princípio da voluntariedade das mesmas, permanecendo no processo de mediação livremente até o entenderem. No entanto, a mediação intercultural decorre, muitas das vezes, em situações assimétricas e desiguais. Neste sentido, deve ter-se em consideração a vontade e participação da parte mais “débil” (p.146), inclusive, no que corresponde ao pedido de mediação, evitando que os agentes da mediação intercultural sejam percebidos como agentes de poder;
- 2) a única finalidade da mediação reside na ajuda às partes envolvidas, não direcionando ou impondo direções. No que corresponde à especificidade da mediação intercultural, o mediador, geralmente, não intervém em conflitos explícitos, mas em áreas de aproximação comunicativa, cultural e profissional, ocorrendo, portanto, em ambientes mais informais do quotidiano. Neste sentido, o mesmo deverá estar sempre comprometido com o impacto das ações em benefício de ambas as partes;
- 3) a mediação implica a não obrigação de aceitar as intervenções do mediador, sendo necessária a participação efetiva e esclarecida de ambas as partes de forma que possam decidir conjuntamente o que lhes é benéfico;
- 4) todo o processo deve estar assente na confiança de ambas as partes no mediador e no respetivo procedimento de mediação, sendo que este deverá ser o mais flexível e ajustado possível aos contextos. No âmbito dos contextos pluriculturais existe uma exigência extra neste aspeto pois as relações já se encontram carregadas de percepções estereotipadas ou narrativas pré-concebidas;
- 5) no processo de mediação é importante promover o envolvimento das partes envolvidas como coparticipantes na solução. Assim o mediador deverá conferir um maior protagonismo às partes, principalmente aquelas que se encontrem em desvantagem;

6) inexistência de lados vencedores ou predadores, pretende-se que todos ganhem. Esta situação deve ser principalmente considerada aquando dos processos de mediação que envolvem instituições;

7) embora a neutralidade seja um conceito consideravelmente debatido o autor expressa a sua relevância ao nível do posicionamento e envolvimento do mediador relativamente às partes, não obstante, com a ponderação das assimetrias relacionais inerentes (pp. 145-149).

Este último aspeto, como referido, tem sido alvo de reflexão no campo da mediação com autores como Moore (2014) e Bush e Folger (2004) a argumentar que a neutralidade pode conduzir a que o mediador ignore desigualdades e injustiças pelo que é relevante a consciência face à situação em que se encontra cada parte para que o processo seja justo e equilibrado. Embora o mediador não esteja “comprometido com as partes, com qualquer tipo de interesse relativo à solução que venha a ser dada ao conflito” o mesmo não “significa que seja axiologicamente neutro, perante a solução final (...)” devendo intervir com imparcialidade (Pereira, 2008, p.84).

Compreende-se, portanto, que durante todo o processo de mediação, o mediador deve atuar como construtor de pontes entre as partes envolvidas, facilitando a comunicação. A mediação é um processo comunicativo em que o mediador desempenha um papel crucial, auxiliando as partes a (re)estabelecer a comunicação “(...) para a transformação de contextos, na medida em que proporciona aos intervenientes a reflexão sobre as suas capacidades e os consciencializa a refletir sobre as atitudes (...)” (Sousa, 2020, p. 28). Assim, nesta investigação opta-se pela noção de imparcialidade em detrimento da neutralidade.

Estes princípios basilares do processo de mediação, segundo Romero (1997), aquando da sua aplicação no âmbito da interculturalidade, apresentam quatro aspetos:

- 1) a natureza etnoculturalmente diferenciada das partes envolvidas;
- 2) o impacto das diferenças etnoculturais ao nível relacional;
- 3) a relevância da bagagem cultural do mediador;

4) o objetivo da interculturalidade.

Neste sentido, o ponto inicial da mediação intercultural assenta na bagagem/identidade cultural detida ou percecionada dos diferentes atores sociais e públicos, quer em termos raciais, de origem, de nacionalidade, de religião, costumes e linguística. Importa destacar que dentro destes diferentes contextos decorrem, em simultâneo, desigualdades e tensões, como são as de género e classe. O mediador necessita de empreender uma visão global e holística face aos contextos multiculturais, uma vez que a diversidade cultural não é único elemento dentro do campo social. Na mesma medida, a atitude reflexiva e abrangente face ao contexto evita posturas homogeneizantes e estáticas face aos sujeitos. Para que tal seja possível, o mediador deverá considerar o contexto sociopolítico e ideológico no qual decorrem as relações sobre as quais intervém, desenvolvendo e ajustando estratégias adequadas aos sujeitos envolvidos (Romero, 1997).

Sabendo que todo o conflito social apresenta um carácter relacional, as características socioculturais têm um peso preponderante na mediação pois moldam a forma como as partes percecionam o Outro, sendo que as suas atitudes podem ser condicionadas por estereótipos ou posicionamentos etnocêntricos. Por sua vez, a própria cultura pode moldar a perceção de conflito e de ganhos que a mediação do mesmo pode significar. Neste sentido, o mediador deverá considerar as várias perspetivas e conceptualizações de ambas as partes envolvidas (Romero, 1997).

A bagagem cultural é o elemento agregador, de reconhecimento e pertença dos indivíduos a uma cultura, e, portanto, a um mundo sociocultural distinto dos demais. Por consequência, o próprio mediador, também, detém a sua própria bagagem cultural, situação que não é indiferente ao processo de mediação. Assim, exige-se um carácter reflexivo face ao seu posicionamento. A situação ideal reside na biculturalidade do mediador e a menos ideal encontra-se na pertença a apenas uma das culturas envolvidas. No entanto, o aspeto central reside na sensibilidade e capacidade do mediador face à aproximação a ambas as lógicas culturais em questão (Romero, 1997).

Assim, Mayer (2020) afirma que o mediador deve procurar soluções consensuais e proveitosas que cubram nas necessidades das partes numa perspetiva de “win-win-

solution” (p.57), conciliando interesses distintos através da consolidação de denominadores comuns promotores de diálogo e entendimento.

As vantagens da mediação vão para além do que evita. Apresentam uma poupança de tempo e dinheiro por parte dos envolvidos, inclusive, ao nível judicial. Atuam na criação de acordos de longo prazo que possibilitam que não existam vencedores e perdedores e atuam na coresponsabilização dos indivíduos e comunidades envolvidas na resolução de eventuais conflitos futuros. A mediação intercultural detém, no entanto, vantagens específicas, sendo elas (Romero, 1997):

- 1) Potenciação da tolerância dos indivíduos face as outras culturas;
- 2) Adequação das instituições às mudanças de ordem sociocultural;
- 3) Garantia da convivência, organização e participação cidadã;
- 4) Fomento, em situação multiculturais, do encontro, negociação, debate e convivência (pp. 153-157).

No que concerne às desvantagens, importa considerar que a mediação intercultural poderá não ter os mesmos proveitos para as partes envolvidas em situação de desvantagem face às resoluções judiciais. Por sua vez a resolução de conflitos interétnicos por via da mediação poderá contribuir para um afastamento do sistema judicial face às questões da multiculturalidade, não promovendo a sua adaptação às mesmas e reduzindo o acervo da jurisprudência. Assim, tanto as leis como os normativos estarão, conseqüentemente, menos sensíveis aos contextos multiculturais. Do mesmo modo, um planeamento inadequado da mediação intercultural, assente na resolução simplista e unilateral dos conflitos, poderá ser um fator que evidencia as dissimilaridades. Por fim, a aplicação da mediação intercultural apenas pela existência de pessoas etnoculturalmente distintas, mesmo que esse não seja o foco do conflito poderá criar equívocos perigosos e perversos (Romero, 1997).

Importa ressaltar que perante Mayer (2020) a mediação intercultural tem o seu âmago em circunstâncias/contextos concretos, não substituindo procedimentos legais ou

terapêuticos. Não obstante, poder ser complementar ou suportar intervenções dessa natureza.

2. JORNALISMO COMUNITÁRIO E JORNALISMO INTERCULTURAL: DUAS DIMENSÕES DO JORNAL ROSA MARIA

Tem sido discutido o potencial do jornalismo comunitário no desenvolvimento de uma cidadania comunicativa que pode amplificar a voz dos cidadãos e fomentar espaços de debate, abrindo a participação cívica, política e a reivindicação de direitos. Defende-se que pode, por um lado, possibilitar o alargamento do acesso à informação, por outro, atuar na denúncia das desigualdades sociais e injustiças (Ramos & Saggin, 2018).

Esta modalidade de jornalismo assume-se, portanto, como alternativa face à grande imprensa uma vez que pretende construir discursos com base em realidades micro (jornalismo local e, muitas vezes, hiper-local), em contraponto com a imprensa *mass media* que frequentemente se enquadra num padrão comercial orientado para grupos dominantes. No entanto, importa que o jornalismo comunitário não se feche sobre a sua própria comunidade, uma vez que pode atuar como força política, nomeadamente no que respeita à construção de visibilidade de determinados temas e, conseqüentemente, conquista de direitos para a sua comunidade (Freitas, 2006).

Enquanto o jornalismo de massas se industrializou e transformou o jornalista num operário, o jornalismo comunitário assenta numa base de maior liberdade, onde o jornalista não tem os mesmos constrangimentos empresariais e pode retomar rotinas de construção da informação menos condicionadas por uma industrialização da notícia. Neste sentido, o seu trabalho apresenta-se, inevitavelmente, de forma mais livre. Embora a linha entre ser jornalista e ser militante de causas se torne mais ténue e introduza acesas discussões sobre a ontologia da profissão, o jornalismo comunitário tem sido associado a um enriquecimento da comunidade, pois permite uma maior consciência e participação política e social (Freitas, 2006).

Neste sentido, pode também surgir como o espaço propício ao desenvolvimento de temáticas de interculturalidade a que os *mainstream media* podem estar a prestar menos atenção.

Em 2013, a UNESCO definiu o jornalismo intercultural como um dos 10 pontos sugeridos para o programa curricular da área do jornalismo. A realidade cultural ao nível político-social é cada vez mais complexa e há um crescente contacto com discursos culturais distintos. Embora a comunicação intercultural esteja amplamente abordada na literatura científica, no que diz respeito ao jornalismo intercultural este apenas consta em publicações muito específicas. Os *media* jornalísticos podem ser ferramentas por excelência nestes processos comunicativos ao atuarem na definição de culturas e atuarem como intermediários culturais e, assim, permitirem que o indivíduo de uma cultura se possa posicionar através do fenómeno da alteridade (Silva, 2017).

No entanto, e como anteriormente referido, essa potencialidade nem sempre se verifica. Silva (2016) ao analisar os conteúdos interculturais presentes em alguns dos principais jornais ocidentais observou que a presença além de ser reduzida apresenta um cariz etnocêntrico. Assim, estes *media* noticiosos tendem a valorizar as produções culturais do seu país e, seguidamente, as produzidas por países ocidentais. As notícias que representam o outro tendem a ser escritas com padrões da cultura predominante do país em que o *media* noticioso se insere. Não existe um aprofundar das complexidades das culturas não ocidentais, acabando por culminar numa produção jornalística redutora face à compreensão do mundo, dos valores e crenças de outras culturas.

O jornalismo tem a potencialidade de contribuir para a emancipação da sociedade uma vez que desempenha um papel crucial na democracia ao permitir que a pluralidade de escolhas possa ser informada, tendo por base as regras deontológicas e o exercício de intermediação com o poder. Embora o jornalista para desempenhar as suas funções tenha de se inserir nas múltiplas racionalidades económicas e contextuais, o seu foco deve residir na produção de informação relevante e contextualizada em prol dos cidadãos. Pese embora o surgimento de um jornalismo

low cost, imediatista, emocional e com uma aproximação ao entretenimento esteja a expandir-se sob o mote de uma produção técnico-mercantil, projetos alternativos, críticos e independentes têm a potencialidade de explorar linhas editoriais mais claras, princípios éticos mais demarcados e assumir um propósito emancipador (Monteiro, 2017).

O jornalismo comunitário pode, assim, ter um papel complementar relevante, pois fornece uma cobertura noticiosa e informativa que pela escala, pelos públicos-alvo e pelas dinâmicas económicas e sociais pode não constar na comunicação *mainstream*, permitindo um enriquecimento da informação disponível no espaço público, em especial com a emergência face às questões locais (Lowry, 2002). Nesta ótica, pode ser promotor da pluralidade e diversidade de vozes e perspetivas, conferindo aos membros da comunidade em que se insere a oportunidade de transmitir as suas próprias histórias e partilhar os seus pontos de vista (Deuze, 2005).

Consequentemente, afigura-se como uma ferramenta para a criação/consolidação de um sentido de comunidade através da inclusão e conexão dos seus constituintes, incentivando a participação cívica e o envolvimento com o quotidiano e assuntos da comunidade (Fenton & Barasi, 2012). Neste pressuposto, será uma fonte de informação relevante que mantém os seus membros atualizados sobre assuntos diretamente impactantes das suas vidas e do seu território (Lowry, 2002).

Em suma, Fenton e Barasi (2012) acreditam que este jornalismo pode desempenhar um papel relevante na democracia e no bem-estar de uma comunidade, proporcionando uma plataforma para a discussão e para o debate sobre temas que emergem do quotidiano e que pela sua dimensão podem não estar refletidos noutras produções jornalísticas de maior escala.

Num contexto específico de elevada diversidade cultural, pode, também, incorporar características de mediador intercultural uma vez que os conteúdos que produz, ao conferirem o protagonismo das partes e procurarem uma proximidade com a diversidade das lógicas culturais, podem promover o conhecimento, a compreensão, o diálogo e o entendimento por intermédio de informação formulada com denominadores comuns. Esta atitude terá o potencial de evitar posturas

homogeneizantes e estáticas face aos sujeitos (Romero, 1997; Mayer, 2020). Assim, responde à problemática levantada pela Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia (2008) ao considerar que numa “sociedade com várias nacionalidades, a verdade será colorida pelas bases culturais do emissor” (p.4), sendo, portanto, necessário o “aprofundamento dos conhecimentos” (p.4) e a consideração de “uma perspetiva mais alargada” (p.4). Por conseguinte, releva-se a importância da tomada de consciência face aos impactos dos preconceitos e da necessidade de ampliar a formação disponível por forma a abranger um maior número de áreas da sociedade.

2.1. JORNAL ROSA MARIA: COMUNIDADE E DIVERSIDADE CULTURAL

O jornal Rosa Maria é uma publicação semestral da Associação Renovar a Mouraria. O jornal tem como propósito representar os habitantes da Mouraria, bem como os seus hábitos, atividades e culturas. São os habitantes da Mouraria que são a capa do jornal, existindo uma referência ao tempo que residem no bairro. O jornal explora de forma etnográfica a vida dos habitantes e os seus quotidianos. Apresenta a vida destes como sendo constituinte da realidade do bairro através de uma imagem dialética, entre a tradição/património histórico e a multiculturalidade, que aporta várias temporalidades, desde as origens enquanto espaço de exclusão de comunidades islâmicas até ao papel fundacional de expressões culturais portuguesas como o fado. As imagens dialéticas são caracterizadoras das sociedades modernas pois acarretam em si ideias de memória coletiva e de produção de história. No jornal Rosa Maria surgem várias pessoas do bairro da Mouraria provenientes de diversas culturas, demonstrando o carácter intercultural do bairro (Matias, 2015).

O jornal foi financiado pelo Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), pelo Orçamento Participativo da Câmara Municipal de Lisboa, por fundos próprios e pelo Fundo para o Asilo, Migrações e Integração (Associação Renovar a Mouraria, 2022). Em 2015 venceu o Prémio de Comunicação "Pela Diversidade Cultural" do Alto Comissariado para as Migrações (Alto Comissariado para as Migrações, 2015).

Tabela 1 Fontes de financiamento, por edição, do jornal (Associação Renovar a Mouraria, 2022)

Fontes de financiamento do jornal Rosa Maria	
Edições 0 a 3	Quadro de Referência Estratégico Nacional
Edições 4 a 5	Orçamento Participativo da Câmara Municipal de Lisboa
Edições 6 a 9	Receitas próprias
Edições 10 a 12	Fundo para o Asilo, Migrações e Integração

Esta publicação tem a pretensão de envolver a comunidade em que se insere de forma a poder contribuir para a renovação socioeconómica do respetivo bairro e conta com uma grande implementação nesse território. De acordo com Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano e Augusto Mateus & Associados (2013), num relatório de avaliação de fundos do QREN, todos os residentes inquiridos tinham conhecimento do jornal Rosa Maria, 58% indicou lê-lo regularmente e 30% já participou, quer seja por ter feito parte dos conteúdos ou por ter contribuído para a sua produção. O relatório revela existir uma missão de promover os residentes do Bairro da Mouraria e, desta forma, contribuir para que a história do bairro possa ser contada através do jornal.

O relatório é especialmente relevante pelo destaque que apresenta no âmbito da avaliação, tendo sido premiado pela Comissão Europeia no âmbito da *7th European Evaluation Conference* intitulada “The result orientation: Cohesion Policy at work References” (Comissão Europeia, 2016).

O relatório do Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano e Augusto Mateus & Associados (2013, p. 47) considera que:

As intervenções apoiadas pelo QREN contribuíram para o reforço das interações positivas entre indivíduos, grupos e organizações, nos territórios urbanos problemáticos, com efeitos potenciais, a médio e longo prazo, na redução do isolamento dos grupos mais vulneráveis, na promoção de uma cultura de convivência e de diálogo intercultural e no reforço do capital social.

O relatório indica que o jornal contribuiu para o reforço do sentido de pertença, para o acesso à informação e para a promoção dos recursos e da diversidade do bairro. Assim, potenciou o conhecimento sobre o “outro”, reduziu os preconceitos e estereótipos “trabalhando pela construção de um ser cidadão responsável, capaz de operar transformações na realidade e lutar de forma consciente e crítica pelo exercício da cidadania, pela igualdade de direitos e oportunidades para todos” (Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano e Augusto Mateus & Associados, 2013, p. 48).

O Bairro da Mouraria é um bairro típico e popular de Lisboa. Encontra-se ligado à iconografia do fado, registando-se, ainda, um modo de vida bairrista. É pautado por um comércio muito diverso, reflexo das vagas de imigração que se iniciaram nos anos 70, particularmente intensas neste território. As vagas de imigração configuraram este bairro num espaço partilhado por várias culturas, etnias e religiões. Conta com uma presença significativa de residentes oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, da China, da Índia, do Bangladesh e do Paquistão (Matias, 2015).

De acordo com Mendes (2012), o quotidiano do bairro é composto por pessoas autóctones, imigrantes que se instalaram há mais tempo e imigrantes mais recentes. Existe uma diversidade ao nível das origens, das experiências migratórias, dos estatutos, dos percursos de vida, das religiões, das culturas e das línguas. O Bairro da Mouraria é visto como um espaço onde existem várias culturas e um espaço onde, também, consta descaracterização. A pluralidade de culturas e o bairrismo visível nos

elementos característicos do local coexistem sem se oporem. Assim, tanto é possível observar aglomerados multiculturais como uma marcha ou arraiais populares compostos por elementos tradicionais e típicos da Mouraria.

Neste território constata-se características sociais específicas, sendo elas: a existência de relações fortes de vizinhança; prostituição; criminalidade; e consumo e tráfico de drogas ilícitas. O bairro da Mouraria é, portanto, fruto de um conjunto de dinâmicas urbanas compostas por dimensões endógenas e exógenas (Menezes, 2004).

Estas dinâmicas próprias derivam, também, segundo Almeida (2016), do turismo e dos apoios à regeneração urbana da Câmara Municipal de Lisboa. Estas duas dinâmicas promoveram o bairro, em especial a zona envolvente à Praça do Martim Moniz, como um espaço exótico onde várias culturas e nacionalidades se encontram. Esta situação materializa-se através de mercados e eventos que espelham um espaço “pintado de muitas cores e cheiros” (Almeida, 2016, p. 168).

O bairro está integrado, maioritariamente em Santa Maria Maior, a freguesia da cidade de Lisboa com o maior percentual de população residente com nacionalidade estrangeira, precisamente, 33,3% (INE, 2021). Acresce, de acordo com Craveiro, Belo e Cardoso (2017), que esta região se pautava por “uma vasta oferta de estabelecimentos comerciais de cariz étnico, principalmente de países asiáticos como a China, Índia, Bangladesh e Paquistão” (p.270) o que contribuiu para o “estabelecimento de residência de mais imigrantes” (p.270).

O 2º diagnóstico social de Lisboa (Craveiro, Belo & Cardoso, 2017) revelou que a freguesia de Santa Maria Maior apresentava uma tendência de retorno populacional devido à instalação de casais jovens e de pessoas imigrantes, em virtude dos preços mais acessíveis, considerando a degradação do edificado. Importa clarificar que esta tendência não se verifica na atualidade visto que esta freguesia registou, na última década, uma perda populacional de 22% a par de uma crescente prevalência de Alojamento Local (Pavel, Esteves, Gago & Cocola-Gant, 2022).

Embora a presença multicultural proveniente dos fluxos migratórios e económicos continue a singularizar o Bairro da Mouraria, os processos de gentrificação provocados

pela rápida disseminação do arrendamento de curta duração têm provocado um acréscimo dos fluxos de turismo neste território, os quais, em parte, advêm da promoção da multiculturalidade enquanto atratividade (Tulumello & Allegretti, 2020).

Face ao exposto, considerando as características referidas do jornal Rosa Maria, bem como as lacunas identificadas face à dimensão intercultural dos *media mainstream*, pretende-se analisar o jornal Rosa Maria ao nível do seu papel na comunicação intercultural e na mediação intercultural considerando que este conjuga a dimensão comunitária e encontra-se inserido numa das zonas mais multiculturais de Portugal (Matias, 2015).

II. OBJETIVOS E METODOLOGIA

1. OBJETIVOS

Considerando a reflexão apresentada no capítulo anterior, a investigação tem como objetivo analisar as práticas de interculturalidade no jornalismo comunitário, com foco na comunicação intercultural e na mediação intercultural. Para tal, desenvolve-se a análise de 13 edições do jornal Rosa Maria, compreendidas entre junho de 2010 e maio de 2020. A pertinência da investigação advém da necessidade de gestão eficaz de conflitos em sociedades cada vez mais multiculturais, em que a comunicação e mediação interculturais podem contribuir para promover o diálogo intercultural e a inclusão de todas as pessoas numa sociedade mais justa. Nesse sentido, esta investigação visa contribuir para a reflexão sobre o papel da produção jornalística na criação de dinâmicas de inclusão social, diversidade e maior amplitude da cobertura mediática e territorial. Assim, e através de um caso – o jornal Rosa Maria – procuraremos observar se o jornal adota práticas de comunicação e de mediação intercultural e, se sim, quais. Para tal, formularam-se três objetivos fundamentais:

Objetivo 1: Analisar as práticas de comunicação intercultural do jornal Rosa Maria;

Objetivo 2: Analisar as práticas de mediação intercultural da publicação;

Objetivo 3: Compilar boas práticas de interculturalidade na publicação.

Sabendo, pelo que já foi exposto no capítulo de enquadramento teórico, que o jornal procurou abordar de forma etnográfica a vida dos moradores, destacando a diversidade cultural do bairro, procurámos observar como é desenvolvida essa abordagem: que temáticas são mais abordadas?; Podem ser identificadas práticas de comunicação intercultural?; Que práticas de comunicação intercultural são desenvolvidas pela publicação?; Que recursos são utilizados?; Podemos considerar esta publicação como detentora de características de um mediador intercultural?; Que práticas de mediação podem ser identificadas?

Ou seja, considerando as características que devem ser consideradas na comunicação e na mediação intercultural, sistematizadas pela literatura e anteriormente apresentadas, procuraremos observar se, e em que medida, estão presentes na publicação, procurando, posteriormente, compilar boas práticas no tratamento da temática da interculturalidade.

2. TIPO DE ESTUDO

A presente investigação encontra-se dentro do paradigma qualitativo uma vez que o trabalho dela decorrente detém um carácter interativo no qual quem analisa e quem é analisado se apresentam como elementos expressivos e condicionantes que configuram a compreensão e interpretação (Aires, 2015). Este paradigma pode ser explorado através de várias estratégias de investigação, tendo-se optado pelo estudo de caso.

O estudo de caso considera-se relevante uma vez que se trata da abordagem de fenómenos contemporâneos existentes “em alguns contextos da vida real” (Yin, 2001, p.19).

Yin (2001) indica que este método tem ganhos inigualáveis face à compreensão de fenómenos de natureza individual, organizacional, social ou política pois permite estudar fenómenos sociais complexos, preservando as suas complexidades e configurando um olhar holístico sobre os mesmos.

Considerando a atualidade do tema e a necessidade de um olhar profundo às especificidades que interligam os *media* noticiosos com a interculturalidade considera-se que a análise do Jornal Rosa Maria poderá produzir resultados que, numa pequena escala, poderão transpor aspetos relevantes face às dinâmicas interculturais no contexto jornalístico. Assim, procura-se que esta análise sistemática de uma situação concreta origine contributos para problemáticas mais abrangentes (Matos & Pedro, 2011). Para tal, como adiante se aprofundará, irá utilizar-se a Análise Documental considerando o seu potencial enquanto ferramenta que permite a compreensão e interpretação de fontes de informação (Aires, 2015).

3. CORPUS

O *corpus* pode ser entendido como um conjunto de textos selecionados externamente de acordo com um critério de representação de dados para uma investigação linguística (Sinclair, 2005). A seleção destes textos deve compreender a representatividade da amostra face à temática e a finitude dos enunciados (McEnery & Wilson, 1996).

O *corpus* consiste nas 13 edições do Jornal Rosa Maria, propriedade da Associação Renovar a Mouraria, compreendidas entre junho de 2010 e maio de 2020. O jornal encontra-se registado na Entidade Reguladora para a Comunicação Social. A maioria das publicações é financiada por fundos públicos e todas, excetuando a última, foram impressas e distribuídas gratuitamente.

Devido à extensão e diversidade de conteúdos do *corpus*, foi efetuado um recorte com o propósito de analisar os principais e mais importantes géneros jornalísticos, nomeadamente o editorial, a reportagem e a notícia. Adicionalmente, integra-se, também, a capa, considerando o destaque que confere à publicação. O género entrevista não foi incluído na análise por ser menos expressivo na publicação, não estando, inclusivamente, presente em todas as edições.

O editorial é um elemento comum num jornal que tem por objetivo sensibilizar os leitores para determinado tema, assumindo a função primordial de exprimir a visão da redação e o posicionamento do jornal face a determinados temas. Este tipo de discurso de opinião assume um carácter institucional, mesmo nas circunstâncias em que seja assinado por um único editor. Esta situação deve-se ao facto deste conteúdo mediático representar a opinião do jornal. Este elemento pauta pelo carácter mais impessoal, focando-se em opiniões relacionadas com aspetos do domínio público (van Dijk, 1996).

Os editoriais representam o olhar e posicionamento dos *media* face ao mundo em seu redor. Neste sentido, é possível perceber como estas instituições constroem o

ambiente sociocultural e ideológico de determinado tempo. Assim, estes pequenos e concisos textos são “snapshots of media socio-cultural identities” (Le, 2010, p. 12).

Além do caráter representativo da visão do jornal, e com isto um retrato aos respetivos contextos institucionais, a Análise de Conteúdo dos editoriais apresenta vantagens expressivas. Acresce que este conteúdo é breve, fácil de obter e contém um conjunto de estratégias de persuasão interessantes de desvendar. Embora estes aspetos possam transmitir a existência de uma maior facilidade, na realidade existe uma análise linguística microscópica inevitavelmente dependente do contexto sociopolítico, ou seja, uma análise macroscópica (Le, 2010).

A reportagem é considerada um dos elementos de maior relevo e prestígio do jornalismo, oscilando entre a atribuição do protagonismo enquanto género nobre ou género por excelência. Esta caracteriza-se pelo seu elevado grau de complexidade uma vez que requer um aprofundamento considerável por parte do jornalista ao nível do trabalho de campo e da investigação, integrando-se, simultaneamente, no género narrativo pois pretende contar acontecimentos com alguns detalhes. Não obstante, é requisito que os indivíduos envolvidos e respetivas ações sejam reais, procurando não só uma imersão num acontecimento, como uma explicação mais abrangente, assemelhando-se a uma fotografia da realidade. Embora esta seja constituída por um ângulo de quem a produz, nomeadamente pela senda em torná-la cativante e inovadora (Machado, 2012).

A notícia é um género jornalístico relacionado com os acontecimentos que emergem na atualidade, neste sentido, contém informação nova que corresponde à data da sua publicação e que se apresenta no domínio do interesse geral dos leitores. Este género é definido como “o mais básico do jornalismo” (Sousa, 2001, p.232). Embora as fronteiras da notícia possam ser flexíveis esta prende-se pelo seu caráter mais reduzido, quando comparado com a reportagem, e pelo seu propósito assente exclusivamente em factos, através de descrições e de citações, podendo apenas, após estes, surgir um pretexto para qualquer análise ou correlação. Paralelamente, tem um conjunto de requisitos formais, nomeadamente a aplicação da pirâmide invertida (Sousa, 2001).

A capa de um jornal é uma parte importante do design do jornal. Tem um impacto significativo na forma como os leitores percebem e interagem com os demais conteúdos da publicação. Esta funciona como “uma vitrine para chamar a atenção do leitor”, principalmente no jornalismo impresso que não dispõe de *pop-ups* e *hiperlinks*, como ocorre no jornalismo em contexto digital (Cunha, 2007, p.2).

Desde logo, atrai a atenção dos leitores uma vez que é o primeiro elemento visível, podendo ser um fator importante na decisão na aquisição ou leitura da publicação. Neste sentido, apresenta um caráter representativo da edição que agrupa as informações mais importantes, direcionando o leitor para os assuntos que lhe são mais interessantes (Kiouisis, 2002).

Acresce, como nos transmite Lundby (2009), que as capas fornecem o contexto e perspectivas face às notícias e às informações apresentadas no jornal, ajudando os leitores na compreensão do significado e a importância do que poderão ler.

Todos os aspetos mencionados fundamentam a importância das capas na formulação da identidade de um jornal. Além de refletirem o posicionamento e o tom do jornal face aos aspetos que aborda, a forma como estão constituídas revela características comunicacionais ao nível da correspondência que se opera com os públicos-alvo das publicações (Dahlgren & Sparks, 1991).

4. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

Foram empreendidas técnicas indiretas de recolha de materiais empíricos através da utilização de documentos produzidos por instituições. Neste sentido foi encetada uma Análise Documental de ordem qualitativa em que o investigador desempenhou um papel importante ao nível do processo analítico aplicado ao vasto universo de informação disponível (Aires, 2015).

Esta flexibilidade metodológica proporciona o incremento da diversidade de perspectivas sem que seja colocado em causa o rigor científico pois a coerência do

projeto de investigação reflete os pressupostos expostos na revisão de literatura (Aires, 2015).

Estas técnicas encontram uma sequência instrumental assente em quatro dimensões: 1) exploração; 2) descrição; 3) interpretação; e 4) teorização. Este último elemento é especialmente relevante pelo carácter cognitivo inerente à atribuição de sentido às categorias até então abstratas, visto que as mesmas apenas refletem, inicialmente, o agrupamento de dados (Bravo, 1998).

Para análise do *corpus*, a ferramenta metodológica adotada consiste na Análise de Conteúdo uma vez que esta tem a sua aplicabilidade na descrição e interpretação dos conteúdos presentes na publicação em análise, permitindo desvendar e ordenar discursos polissémicos. É de destacar que esta metodologia teve um grande desenvolvimento, precisamente, com a imprensa (Bardin, 1977/2008).

A Análise de Conteúdo pretende ir além das evidências do saber subjetivo, rejeitando que os factos sociais possam ser transparentes ou de análise objetiva. Neste sentido, esta metodologia irá possibilitar uma compreensão mais completa e incisiva das mensagens, desvendando significações não evidentes. Se por um lado detém uma função heurística que permite explorar possibilidades e empreender descobertas, detém, igualmente, a função de estabelecer afirmações provisórias suscetíveis de serem fundamentadas (ou não) por esta, assumindo, portanto, a função de prova (Bardin, 1977/2008).

Tal como sucede no presente estudo, ambas as funções podem coexistir pois a primeira possibilita desvendar hipóteses e a segunda fundamentar interpretações. Através das leituras sistemáticas é possível aperfeiçoar as técnicas a adotar, nomeadamente a lista de categorias e grelhas de análise. Este trabalho empírico consiste na aplicação de um conjunto de técnicas de análise das comunicações, desvendando os seus significados não evidentes (Bardin, 1977/2008).

Seguindo a metodologia de Bardin (1977/2008), a primeira fase consiste na sistematização dos tipos de comunicação consoante o número de pessoas implicadas e a natureza do suporte e código da mensagem, tal como já se encontra desenvolvido na

revisão bibliográfica. A segunda fase reside na descrição analítica que atua no tratamento da informação constante nas mensagens em análise, ao nível dos significados e dos significantes. A Análise de Conteúdo encontra-se inserida na investigação qualitativa e enquadrada mediante a Análise dos *Media*. Cunha e Peixinho (2020) inserem esta abordagem teórica como um elemento fundamental na literacia face aos *media*, nomeadamente através do *empowerment* proporcionado pela decifração das suas mensagens e intenções. Para tal, como já anteriormente desenvolvido, além da Análise de Conteúdo, importa enquadrar o respetivo *media*, ao nível da propriedade, objetivos e estatuto editorial. A Análise dos *Media* tem o seu propósito pelo crescente impacto mediático nas sociedades contemporâneas, individualizando-se como uma área de estudos na qual os objetos/*corpus* de estudo são os *media*. Decerto, os *media* tradicionais, nomeadamente os órgãos de comunicação social, eram o foco, no entanto, com a diversificação de outros mecanismos mediáticos, muito impulsionada pelo digital, têm-se diluído barreiras e aberto o espectro de *corpus* suscetíveis à análise nesta área de estudos.

Efetivamente a Análise de Conteúdo, mediante Cunha e Peixinho (2020), tem estado próxima da Análise dos *Media* nomeadamente dos impactos dos *media*. As autoras expõem esta metodologia como sendo constituída por três princípios fundamentais:

- 1) objetividade, ao nível da utilização de regras explícitas que permitem resultados semelhantes;
- 2) sistematização, correspondente à organização da informação consoante princípios declarados, permitindo um levantamento estruturado dos dados;
- 3) generalização que permite a aplicação do conhecimento gerado em contextos semelhantes.

Tal como exposto por Bardin (1977/2008) e Cunha e Peixinho (2020), a importância da fundamentação de categorias/unidades de codificação face às quais é possível agrupar um vasto conjunto de informação reside na obtenção de informação sistematizada sob a qual é possível trabalhar e desvendar sentidos em conjuntos documentais vastos.

Neste âmbito, importa aludir aos critérios de comunicação intercultural sistematizados por Lazăr (2012) e cuja presença procuraremos observar no *corpus*. Ou seja, procuraremos analisar se estão presentes no *corpus* em análise os parâmetros necessários para que um *media* se possa assumir como um agente de comunicação intercultural na era da globalização, designadamente: 1) facilitador da mediação como terceira parte imparcial; 2) coloca as partes em contacto; 3) cria condições promotoras de participação; e 4) aborda a interculturalidade com termos isentos.

No âmbito do último critério (aborda a interculturalidade com termos isentos), e considerando todas as complexidades inerentes ao que se possa entender por objetividade, a análise que se segue incorpora o guia de comunicação inclusiva do Instituto Politécnico do Porto de Martins et al. (2020). Esta ferramenta foi escolhida pela sua maior amplitude relativamente à diversidade cultural face a documentos semelhantes, como sendo o Manual de Linguagem Inclusiva do Conselho Económico e Social (2021). Neste sentido, são consideradas as seguintes variáveis: 1) linguagem sensível à diversidade que não perpetua estereótipos e preconceitos; 2) tónica colocada na pessoa e não nas suas características; 3) potencia a humanização e universalização da comunicação; e 4) grafismos que demonstrem a diversidade das pessoas, que não as objetifiquem ou as associem a estereótipos.

Importa, igualmente, considerar a formulação teórica da mediação intercultural, já enunciada no enquadramento teórico, nomeadamente os critérios essenciais da mediação, considerando o contexto intercultural (Romero, 1997), bem como a diversidade do que poderá ser incluído no espectro de cultura (Cannadine, 2013).

Assim, e tendo por base os contributos de Lazăr (2012) e Martins, Rocha e Serrão (2020) estabelece-se a seguinte grelha de observação referente à Análise de Conteúdo.

Tabela 2 Elaboração própria baseado em Lazăr (2012) e Martins et al. (2020)

Facilitador da mediação como terceira parte imparcial	Cobre ambas as partes	Não cobre ambas as partes	Não se aplica
Coloca as partes em contacto	Integra as partes em assuntos comuns	Integra uma das partes	Não se aplica
Cria condições promotoras de participação	Adapta-se de forma a potenciar a participação	Não se adapta de forma a potenciar a participação	Não se aplica
Aborda a interculturalidade com termos isentos	Abordagem objetiva e isenta	Abordagem parcial	Não se aplica

Importa, igualmente, considerar a formulação teórica da mediação intercultural, já enunciada no enquadramento teórico, nomeadamente os critérios essenciais da mediação. A mediação intercultural assenta em sete princípios, os quais se adaptam considerando não só a dimensão da interculturalidade de Romero (1997), complementada por Pereira (2008), como pela diversidade cultural exposta por Cannadine (2013), os quais se seguem:

- 1) terceira parte aceite voluntariamente pelas partes envolvidas, em especial pela que se encontra numa situação de menor poder;
- 2) mediação em prol das partes, assente nos pontos comuns de ambas as culturas, e não no conflito;
- 3) participação voluntária, ativa e efetiva das partes em prol do que lhes é benéfico, independentemente do mediador;
- 4) flexibilidade e ajustamento do processo de mediação aos contextos e às partes;

5) inexistência de vencedores ou vencidos, considerando que o objetivo reside nos ganhos de ambas as partes;

6) protagonismo das partes, principalmente aquelas que se encontrem em desvantagem;

7) imparcialidade no envolvimento do mediador.

Estes princípios permitem formular quatro categorias visíveis na grelha de observação que se segue:

Tabela 3 Elaboração própria baseada Bush e Folger (2004), Moore (2014), Pereira (2008), Romero (1997) e Sousa (2020)

Imparcialidade do mediador	Autorreconhecimento da bagagem cultural do mediador	Ajuda às partes como único objetivo
Protagonismo das partes	Participação das partes	Coparticipação na solução
Foco na parte em desvantagem	Reconhecimento das assimetrias	Consideração das estruturas de poder
Ganhos comuns	Impacto das ações em benefício de ambas as partes	Inexistência de vencedores e vencidos

No sentido de complementar Romero (1997), nomeadamente no que corresponde ao balizamento da multiplicidade do que se entende por cultura, serão integradas as dimensões expostas por Cannadine (2013). Assim, acresce às categorias uma observação que permita registar a diversidade dos atores ao nível da nacionalidade, da religião, do género ou da classe.

Este processo metodológico encontra-se enquadrado na primeira fase já exposta por Bardin (1977/2008) e denomina-se de análise categorial. Através da construção de unidades de codificação, enquadradas em unidades de contexto, será possível ordenar os conteúdos dos vários números do Jornal Rosa Maria. Esta fase possibilitará a objetificação e racionalização dos conteúdos em números e percentagens.

As capas apresentam especificidades decorrentes do seu caráter predominantemente visual pelo que as técnicas de análise de dados irão incidir, no que à comunicação intercultural diz respeito, à Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006). A análise irá compreender os significados representacionais (representação narrativa e representação conceptual), os significados interativos (contacto, distância e atitude) e os significados composicionais (valor informacional, saliência e enquadramento).

Neste sentido, irá, adicionalmente, recorrer-se a instrumentos da Análise Crítica do Discurso e da Semiótica Social considerando ser uma abordagem teórico-metodológica amplamente utilizada para analisar conteúdos visuais, nomeadamente ao nível da Gramática do Design Visual que identifica como as imagens e os textos são produzidos e usados para reproduzir e legitimar relações de poder. As escolhas discursivas na produção de imagens, como a escolha de ângulos de câmara, cores, iluminação e composição carregam significados ideológicos e culturais (Kress & van Leeuwen, 2006).

Esta metodologia permitirá observar se as condições comunicacionais são adequadas e equitativas (comunicação intercultural), uma vez que as imagens se apresentam constituídas como textos, ou seja, possuem uma gramática que as concebe considerando relações de poder e normas enraizadas. No fundo, a imagem é percebida como socialmente e historicamente constituída e não fruto de um acaso. Esta gramática corresponde a uma percepção de determinados padrões ocidentais de regulação da comunicação visual que enquadra comunicação em três parâmetros: representacionais, interativos e composicionais (Kress & van Leeuwen, 2006).

III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

1. EDITORIAIS

Tendo em consideração o aspeto representativo do editorial ao nível da direção da publicação, a observação foi encetada com um pré-teste que teve por objetivo desvendar as linhas de força do jornal, procedendo-se, seguidamente, à segmentação e respetiva Análise de Conteúdo, tendo por base a metodologia desenvolvida por Bardin (1977/2008).

Esta etapa apresenta uma especial relevância para o trabalho que se segue considerando que possibilitou analisar a adequação do objeto de estudo aos objetivos propostos. Este procedimento preliminar avalia a viabilidade e fiabilidade do estudo, bem como permite afinar e inscrever um maior rigor preditivo às etapas seguintes (Ghiglione & Matalon, 2001).

Nesse sentido, e com o objetivo de identificar as temáticas mais presentes, foi feita a codificação em unidades de registo e subsquente categorização. A tabela infra representa esse processo, efetuando-se uma breve descrição, da qual emergem ideias/conceitos que são codificados através de unidades de registo, posteriormente agrupadas em categorias.

O processo de Bardin (1977/2008) é demonstrado na tabela n.º 4, tendo sido efetuada uma pequena síntese de cada conteúdo, por editorial, através do qual se extraíram unidades de registo, estruturais da formulação de categorias. O processo consistiu no diálogo entre a revisão de literatura e os temas emergentes provenientes da observação do *corpus*. Dando alguns exemplos, a multiculturalidade surge como categoria que agrega unidades de registo relacionadas com a coexistência de culturas, o urbanismo com unidades relacionadas com reabilitação urbana, especulação imobiliária ou renovação do território e a exclusão socioeconómica como resultante de unidades de registo como desigualdade, envelhecimento e outros fatores de exclusão no bairro.

Tabela 4 Codificação e categorização dos editoriais (n=12)

<i>Corpus</i> : editoriais		Codificação	Categorização
Edição	Síntese (pré-análise)	Unidade de Registo	Categoria
0	Rosa Maria, mulher mítica símbolo do bairro. Ligação da Mouraria à tradição, ao tejo, ao fado, à multiculturalidade, às desigualdades, à diversidade gastronómica, de hábitos e territorial. Jornal como agregador destas características e posicionamento crítico e lúdico.	Tradição; Fado; Diversidade cultural; Desigualdades; Género.	Multiculturalidade; Exclusão socioeconómica; Cultura endógena.
1	Ligação do bairro ao fado.	Fado	Cultura endógena.
2	Aprovação de projetos de reabilitação urbana e social, presença do gabinete do presidente da Câmara de Lisboa no Bairro, diversidade dos moradores, questionamento do impacto das mudanças na qualidade de vida dos residentes.	Reabilitação urbana; Diversidade cultural; Impacto dos projetos; Poder político.	Urbanismo.
3	Degradação do parque habitacional. Reabilitação do bairro, perda de populacional da cidade de Lisboa, fado	Fado; Reabilitação urbana	Urbanismo; Cultura endógena;
4	Reabilitação urbana, em parceira com as entidades	Reabilitação urbana; Especulação imobiliária.	Urbanismo.

	locais e alerta para o perigo da especulação imobiliária		
5	Mérito da reabilitação urbana, apelo a participação da comunidade nas entidades locais com a ARM, exclusão mediática e más condições de vida do bairro.	Reabilitação urbana; Associação Renovar a Mouraria; Comunidade; Exclusão do bairro.	Urbanismo; Associativismo; Exclusão socioeconómica.
6	Trabalho em rede das várias entidades e dos moradores no bairro no processo de reabilitação. Necessidade de uma maior abrangência da comunidade que participa no jornal	Trabalho em rede; Comunidade.	Urbanismo, Associativismo; Participação.
7	Importância do combate à intolerância e exemplo os vários artigos da edição com elementos multiculturais. Intergeracionalidade e envelhecimento. Conteúdos multiculturais,	Desigualdades; Intergeracionalidade; Diversidade cultural; Tradução de artigo.	Multiculturalidade; Direitos humanos; Exclusão socioeconómica.
8	Multiculturalidade, denúncia de islamofobia, denúncia da posição hierárquica inferior da mulher na cultura islâmica. Referência ao preconceito contra as pessoas chinesas a propósito dos vistos gold. Referência à perseguição histórica de judeus em	Islamofobia; Xenofobia; Perseguição histórica de judeus; Desigualdades; Género; Machismo; Diversidade cultural.	Multiculturalidade; Direitos humanos; Exclusão socioeconómica.

	Portugal. Referência à música imagine de John Lennon, com tradução.		
9	Acolhimento dos refugiados e a necessidade de solidariedade	Refugiados.	Direitos Humanos; Exclusão socioeconómica.
10	Multiculturalidade e as mudanças ocorridas no bairro ao nível da especulação imobiliária. 10 anos de ARM “construção coletiva”. Maioria dos participantes da edição não é português	Participação; Diversidade cultural; Associação Renovar a Mouraria; Especulação imobiliária.	Multiculturalidade; Associativismo; Urbanismo.
11	-	-	-
12	Pandemia Covid – 19 Referência a cantor brasileiro	Covid – 19; Diversidade cultural.	Covid – 19; Multiculturalidade.

Com base nos 12 editoriais ordenou-se um vasto conjunto de informação através da sua sistematização, tendo como propósito desvendar sentidos e atribuir racionais coerentes à polissemia textual (Bardin, 1977/2008).

Em resultado do processo de análise, o gráfico seguinte demonstra visualmente as categorias com mais unidades de registo contabilizadas nos editoriais.

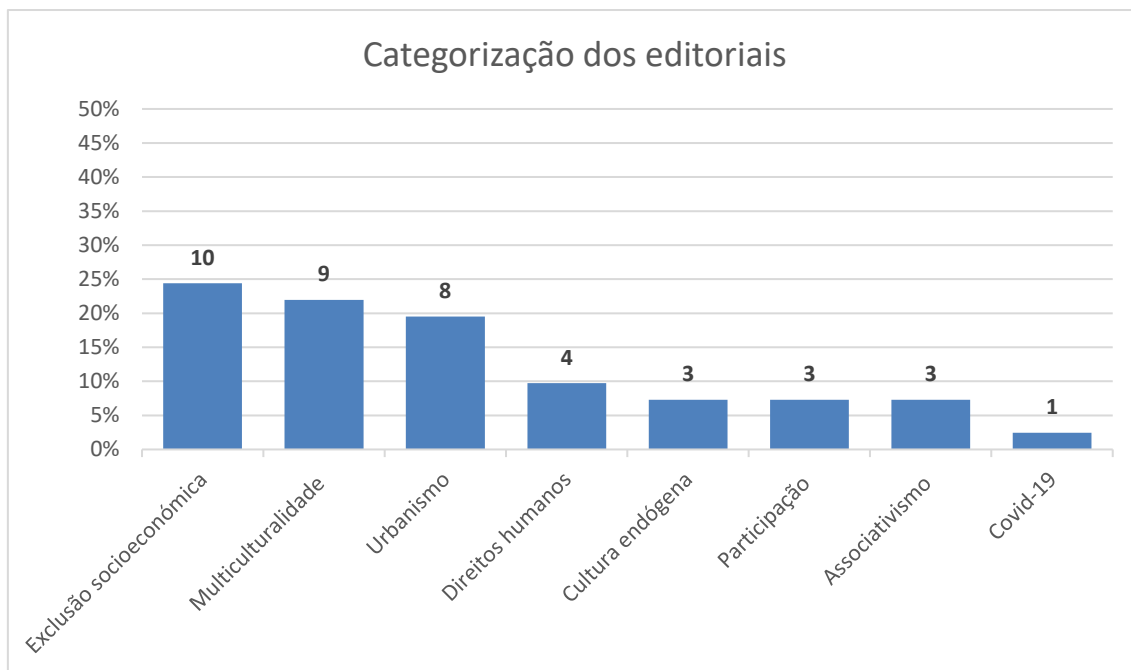


Gráfico 1 Categorização dos editoriais (n=12).

As categorias que apresentam uma maior preponderância, considerando a correspondência às unidades de registo (frequências), são a exclusão socioeconómica (10), a multiculturalidade (9) e o urbanismo (8). A categoria covid-19 é a que apresenta menor expressividade (1). A distribuição face a direitos humanos, cultura endógena, participação e associativismo é uniforme, oscilante entre 3 e 4 observações.

É relevante uma especial atenção ao editorial da edição 0 uma vez que é enquadrador do âmbito da publicação. O primeiro parágrafo é revelador das vivências multiculturais do bairro, quer seja pelo “fado” quer pelas “especiarias” ou as “várias línguas”. Existe um foco numa figura mítica do fado designada de “Rosa Maria”, sendo que as suas características como a “voz do bairro”, o “arrojo”, a “descontração” e um “olhar inacabado, aberto” fundem-se com o próprio jornal, que conclui que este leva “nome de flor e espinhos para picar quando é preciso”, sendo a “rosa regada por aqueles que, dentro e fora do bairro, amam a Mouraria e a cidade de Lisboa”. É importante o reconhecimento por parte do editorial face à importância da comunidade, considerando que “a matéria-prima sempre esteve diante” do próprio. Assim, desta “realidade passou-se à ideia de um jornal que falasse da tradição e da história que se encontra nas gentes e casas, de um lugar multicultural e moderno” que ultrapassa a

“iniquidade” e mostra “sonhos”, “ambições” e “cores”. Estas passagens atestam grande parte das categorias definidas como sendo a cultura endógena, a multiculturalidade, o urbanismo, o associativismo e os direitos humanos.

Através da análise é possível validar a existência de várias culturas, inclusive, como um foco e preocupação do jornal. Não obstante, há uma inferência face à qual é necessário responder: Os editoriais do Jornal Rosa Maria apresentam uma abordagem intercultural?

Para resposta a esta questão, observou-se se os conteúdos publicados contemplam os princípios da comunicação intercultural.

A análise aos 12 editoriais atesta a proeminência de temas relacionados com a interculturalidade. Assim, e como género privilegiado ao nível da orientação da publicação, ficou patente a presença do objeto de estudo e dos seus eventuais contributos no âmbito da interculturalidade aplicada aos órgãos de comunicação social. Tendo presentes as especificidades deste género, nomeadamente ao nível da autoria (institucional e hierárquica), considerou-se que o critério “coloca as partes em contacto” não se enquadra na natureza deste conteúdo, pelo menos no que respeita ao confronto de fontes. O gráfico que se segue representa, portanto, a aplicação parcial da grelha de observação baseada em Lazăr (2012) e Martins et al. (2020).

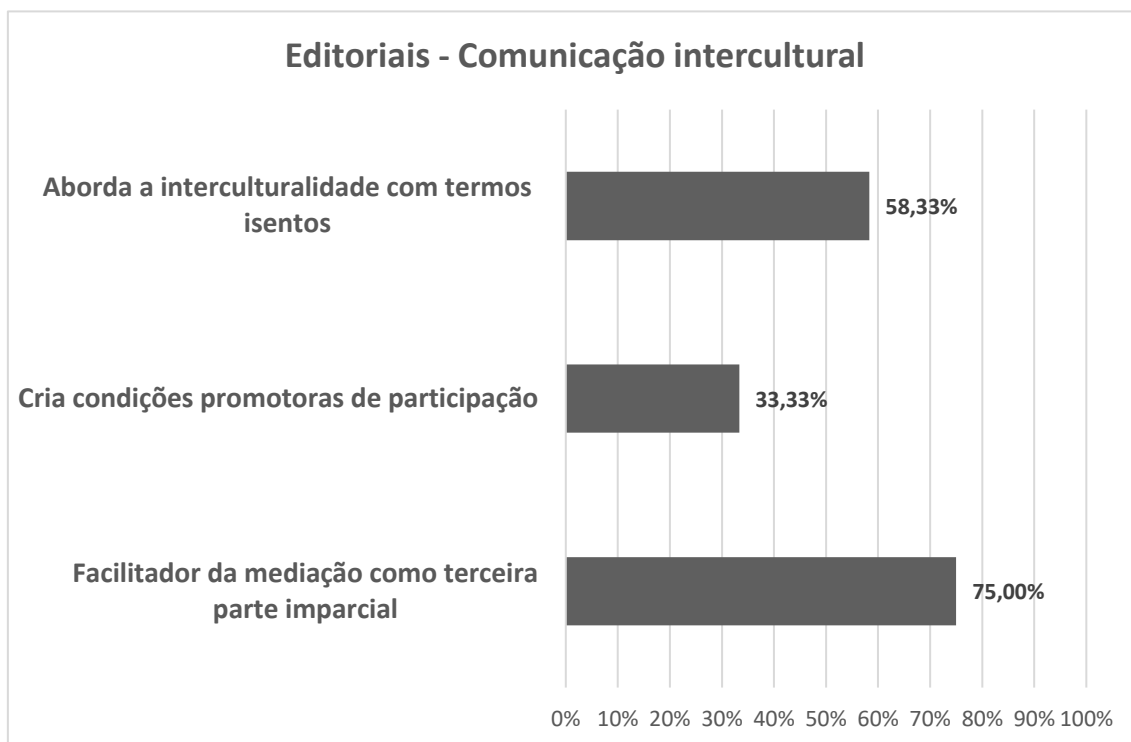


Gráfico 2 Frequência dos critérios de comunicação intercultural nos editoriais (n=12)

A maioria dos editoriais tem características idênticas às do mediador, aparecendo como um terceiro elemento imparcial, capaz de funcionar como facilitador da comunicação entre pessoas com origens culturais diferentes, promovendo, assim, a inclusão de cidadãos de diferentes origens sociais e culturais em igualdade de condição (Lei, nº 105/2001 de 31 de agosto). É comum a existência do retrato dos habitantes deste território, respeitando a sua diversidade e colocando-a em evidência. As pessoas que habitam este espaço são posicionadas como protagonistas. Expressões como “suas gentes, tão únicas e diversas como cada rua” (edição 2) ou “sua gente, as suas gentes” (edição 1) são comuns nos diversos editoriais, às quais se junta um sentido de pertença centrado no nós, como sendo “Estamos todos ligados. Na Mouraria ainda mais” (edição 6) ou “estamos juntos” (edição 7). Estas referências são aprofundadas por considerações mais explícitas face à orientação do jornal como a que se segue: “A matéria-prima sempre esteve diante nós! Da realidade passou-se à ideia de um jornal que falasse da tradição e da história que se encontra nas gentes e nas casas, de um lugar multicultural e moderno” (edição 0). Verifica-se, portanto, a valorização da

dualidade entre o endógeno e o exógeno relativo à diversidade provocada pelos fluxos migratórios, tal como exposto por Mendes (2012) e Menezes (2004).

No fundo a multiculturalidade apresenta-se como um aspeto transversal aos conteúdos dos editoriais, confluindo numa abordagem intercultural que promove a intervenção como terceira parte capaz de se constituir como uma das estruturas fundamental da mediação no domínio social e comunitário visando objetivamente criar e renovar laços sociais (Simão et al., 2009), tendo como foco a multiplicidade das pessoas visível em “todas as Rosas Marias” (edição 1), percorrendo desde a “consagração internacional do fado” (edição 3) à descoberta de “pessoas e estórias do mundo” (edição 7).

Situação idêntica regista-se ao nível dos editoriais que abordam com imparcialidade a interculturalidade, nomeadamente seis em doze. Desde logo, os sujeitos referidos nos editoriais são explicitados por referência à diversidade cultural, sem que estas diferenças imprimam uma caracterização preconcebida. São vistos como “Pessoas comuns, a expressarem-se sobre e como gostam, imprimindo um traço tão múltiplo quanto os idiomas que falam” (edição 10).

Tal como abordou Menezes (2004) ao nível das características socioeconómicas menos favorecidas do bairro, e em concordância com Craveiro, Belo e Cardoso (2017), aquando da análise das condições precárias das infraestruturas do território, a Mouraria apresenta especificidades que a enquadram negativamente no concelho de Lisboa. É com base nesta realidade que os editoriais observam criticamente a existência de dinâmicas perpetuadas por quem vive neste bairro, bem como as suas potencialidades e contributos enquanto agentes de mudança e protagonistas da sua comunidade. Nas palavras do jornal, quem embora fosse, no passado, “cometendo a iniquidade”, hoje mostra “os nossos sonhos, as nossas ambições, as nossas cores, as cores dos outros” (editorial 0). No fundo, o foco encontra-se nas “pessoas” (edição 9) e na “comunidade” (edição 5). Não obstante, existem duas edições nas quais os editoriais abordam a interculturalidade com associações pejorativas, sendo elas uma crítica à “hierarquia islâmica” (edição 8) e a expressão “como dizem os africanos” (edição 6), uma vez que recuperando Martins et al. (2020) e Conselho Económico e

Social (2021) no tópico “técnicas de análise de dados”, uma linguagem inclusiva deve pautar pela tónica na pessoa, pela humanização da comunicação e pela não colocação de preconceitos ou estereótipos associados a grupos.

A criação de condições de participação observou-se, ao nível dos editoriais, em quatro edições, verificando-se, portanto, elementos que potenciam ou detêm, em si, aspetos que fomentam a participação, quer ao nível da promoção de metodologias, quer na integração de pessoas do bairro que participam nos demais conteúdos de cada edição. Neste ponto verifica-se o apelo para que os “moradores da Mouraria” estejam “mais presentes” (edição 5), sendo este convite estendido a quem “for e onde quer que esteja neste planeta com sete mil milhões de habitantes” (edição 6). Os editoriais do jornal Rosa Maria têm, inclusivamente, discurso indireto dos moradores, como é o caso de Paulo Santos na edição 3, que “aos 18 anos, contra corrente, arriscou. Comprou o prédio, reabilitou-o e fez dele a sua morada e de outros arrendatários”. Este fomento da participação atinge um patamar meta ao trazer para o texto impossibilidades de participação, como é o caso de da “dona Almerinda” que devido a uma “queda” tem estado “menos conversadora” (edição 7). Estes exemplos demonstram o papel da mediação defendido por Romero (1997) uma vez que, como terceira parte, estimula que as partes intervencionadas participem, conferindo não só o protagonismo como a visibilidade na resolução dos conflitos. Em simultâneo, e recuperando Freitas (2006), podemos constatar os benefícios do jornalismo comunitário, tal como abordado no ponto 2 do enquadramento teórico, nomeadamente ao nível da construção de discursos tendo por base realidades descentralizadas.

Relativamente a este último critério é possível observar na segunda edição que nem sempre existe o fomento da participação. Embora seja referido que o bairro conta com novas dinâmicas e novas pessoas a ocupá-lo, como é o caso do “governo da cidade” e de “algumas figuras do novo governo do país”, não existe uma aproximação que integre as pessoas que são referidas, nem as que possam ser impactadas por estas. Assim, embora os sujeitos sejam mencionados não apresentam um papel preponderante e interventivo nos conteúdos.

O gráfico infra corresponde à aplicação da grelha de validação da mediação intercultural, a qual foi concebida por intermédio de Bush e Folger (2004), Moore (2014), Pereira (2008), Romero (1997) e Sousa (2020). Neste sentido verificou-se se, em cada edição, os editoriais compreendem os critérios que se encontram definidos na tabela. Tal como exposto anteriormente, não se considera a variável “coloca as partes em contacto” visto ser um discurso institucional (van Dijk, 1996).

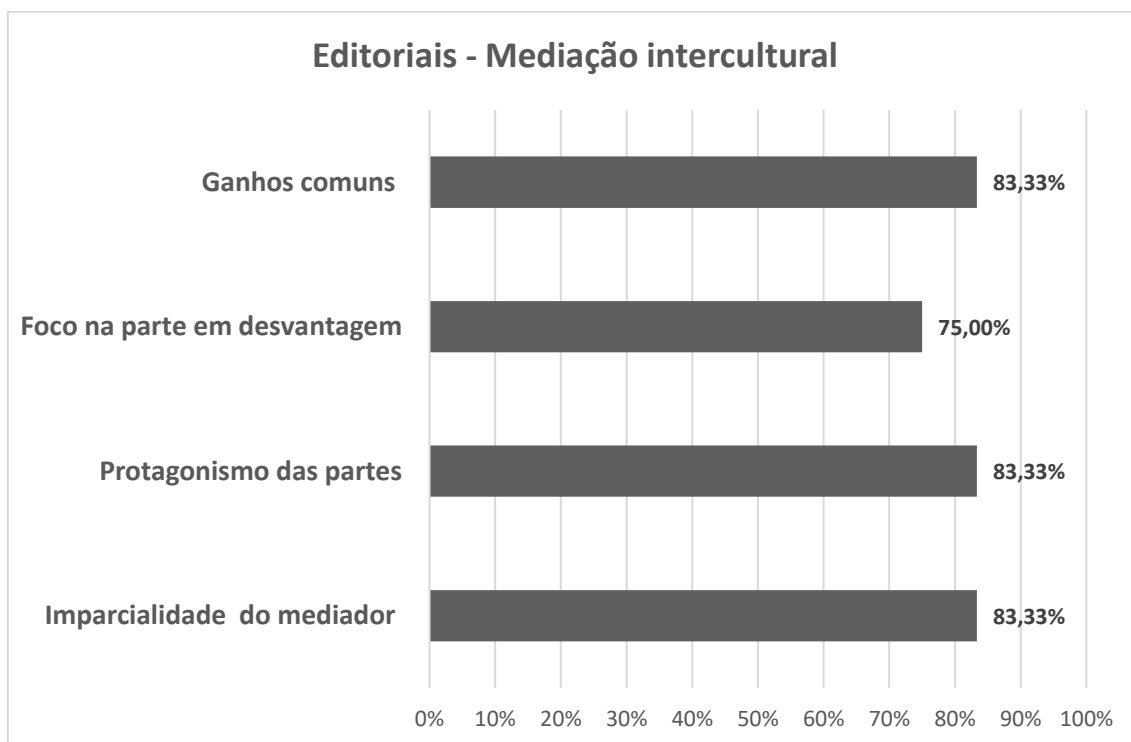


Gráfico 3 Frequência dos critérios de mediação intercultural nos editoriais (n=12)

A referência a ganhos comuns, o protagonismo das partes e a imparcialidade, verificáveis em 10 dos 12 textos existentes, fazem destes editoriais um objeto de mediação.

O foco do processo de mediação reside na potenciação de ganhos comuns entre os intervenientes por forma a que sejam encurtadas distâncias e barreiras e promovidas relações mutuamente benéficas (Romero, 1997) que respeitem a autenticidade e subjetividade de cada pessoa (Tuber, 2008) e facilitem a comunicação entre as partes com o propósito de construir relações mais positivas e colaborativas (Simão et al., 2009).

Os editoriais analisados expressam a valorização do impacto que a diversidade cultural detém, desde as trocas gastronómicas observáveis no “vinho das janelas e o cheiro a caril” (edição 10) até ao trabalho “em rede” (edição 6) e “construção coletiva” (edição 10) que possibilita o “projecto comunitário” com “progressos notáveis” (edição 5).

Para que haja efetividade na resolução de problemas, as partes visadas têm de assumir o protagonismo da mudança e na procura de soluções, tal como tem vindo a ser abordado no enquadramento teórico e se encontra expresso em ten Thije (2020) e Romero (1997). Com igual expressividade face aos ganhos comuns, a afirmação dos vários agentes do bairro nos assuntos que lhe dizem respeito encontra um amplo suporte nos editoriais. Logo na primeira edição pontua-se que “é também pelos olhos dos outros que continuamos a voltar”. Este mote de colocação no lugar do Outro, tal como abordado por Kunsch (2017), constrói representações e situa o indivíduo, convocando “moradores da Mouraria ainda mais presentes, mais participativos” (edição 5) o que, idealmente, pode contribuir para “a união de culturas” enunciada na edição 8.

Para que o processo de mediação possa ocorrer, inclusive com o protagonismo das partes e com ganhos comuns, é imperativo que o mediador seja imparcial. Esta imparcialidade deve contemplar o processo reflexivo no qual o mediador reflete o seu posicionamento no âmbito do respetivo envolvimento e reconhece a existência de assimetrias entre as partes, tal como se encontra referido por Romero (1997) e Pereira (2008). Estes autores apontam ser indispensável que o mediador questione a sua bagagem cultural e tente criar pontes que aproxime as lógicas culturais objeto de intervenção, sendo independente, ou seja, pautar a sua conduta sem ser sujeito a qualquer ordem ou pressão do exterior ou decorrente de si mesmo e dos seus interesses (Pereira, 2008). É precisamente o que ocorre na generalidade dos conteúdos em análise. Na edição zero surge um posicionamento determinado pelas “nossas cores, as cores dos outros”. Este posicionamento, na edição seguinte, é acrescido de um ponto de partida, no qual se começa “a ver melhor a Mouraria. A ver a sua gente, as suas gentes”, as quais são “tão únicas e diversas” (edição 2). Na edição 7 o papel de mediação é reforçado e intitulado de “contributo”, residindo no fomento

para que todos se conheçam “um pouco melhor” tendo por objetivo a “liberdade, igualdade” e “fraternidade”, por intermédio do combate à “ignorância”.

O foco na parte em desvantagem é o elemento que se segue, estando presente em 9 editoriais.

Em cada contexto no qual decorre a mediação ocorrem desigualdades e tensões. A imparcialidade suprarreferida beneficia desta constatação pois permite visões globais e holísticas, logo, estratégicas, adaptadas e adequadas aos sujeitos (Romero, 1997; Pereira, 2008). A capacidade de entender que nem todos se encontram no mesmo ponto de partida, tal como consta nas relações de poder de Thompson (2011) ou nos mecanismos de regulação da vida humana de Cannadine (2013), contribui para um ajustamento que nivela a ação que se pretende igualmente benéfica. Na edição zero, esta reflexão inicia, desde logo, com as iniquidades territoriais do bairro com “São Cristóvão e Santa Justa mais próximos e menos necessitados de Socorro”. São várias as menções que percorrem grupos socioeconómicos mais vulneráveis como sendo os “mais velhos”, as “crianças” (edição 3), as “pessoas chinesas” (edição 8), os “refugiados” (edição 9), “gente” que sai do bairro devido aos “preços proibitivos” (edição 10).

Assim, pode observar-se que este género jornalístico detém uma ampla presença dos critérios analisados, podendo, conseqüentemente, assumir-se não só como um instrumento de comunicação intercultural, mas, também, como mediador intercultural, capaz de criar um espaço de transformação das pessoas envolvidas, numa lógica de ajuda partilhada, onde se procura promover o crescimento, através de uma ideia de realidade (Brickman, 2009; Tuber, 2008).

2. REPORTAGENS

No que respeita ao género jornalístico 'reportagem', foram analisados 225 textos de acordo com os pressupostos metodológicos de Bardin (1977/2008), correspondentes a um processo de ordenação dos discursos em torno de unidades de registo e categorias coerentes e mensuráveis, tal como já explicitado na análise aos editoriais. Esta observação volta a fundamentar a importância da publicação no tratamento de temas relacionados com a multiculturalidade, o que atesta a importância de aprofundar este estudo com a aplicação dos critérios de comunicação e mediação intercultural.

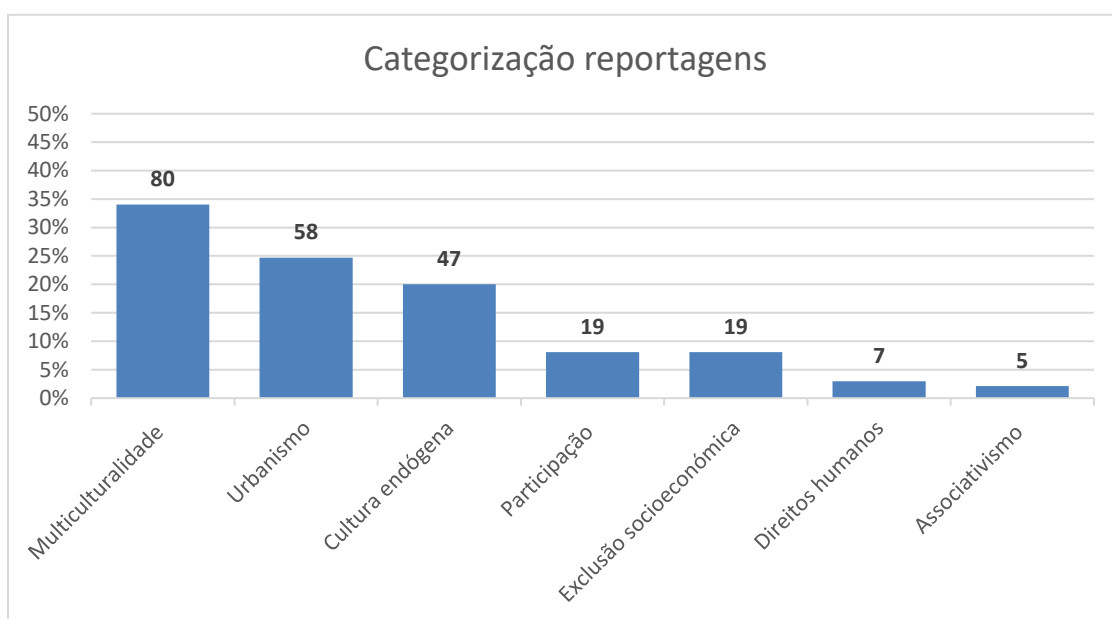


Gráfico 4 Categorização das reportagens (n=225)

Na análise de conteúdo às reportagens, podemos observar que a multiculturalidade é a categoria com mais ocorrências, no total, perfaz 80.

Esta categoria é seguida por urbanismo (58) e cultura endógena (47). O associativismo e os direitos humanos são as categorias menos expressivas, com 5 e 7 ocorrências, respetivamente. A participação e a exclusão socioeconómica têm a mesma prevalência, nomeadamente 19 ocorrências. Verifica-se, portanto, que a multiculturalidade é um aspeto predominante.

Tal como poderá ser aprofundado no gráfico presente no ponto 4.2 (anexos) relativamente às unidades de registo das reportagens, são referidas 14 nacionalidades,

7 religiões/espiritualidades, entre outros elementos importantes, como o património ou a diversidade cultural.

O gráfico seguinte contempla a existência dos critérios de comunicação intercultural nas reportagens sobre situações sociais de multiculturalidade, nas quais as diferenças socioculturais dos atores apresentam um carácter central ou influente (Romero, 1997; Pereira, 2008). Neste sentido, foi efetuada uma seleção com base na análise anterior, tendo-se delimitado os textos nos quais existem situações de multiculturalidade expressiva. Considerando este recorte, a análise dos critérios de comunicação e mediação intercultural foi aplicada a 57 reportagens.

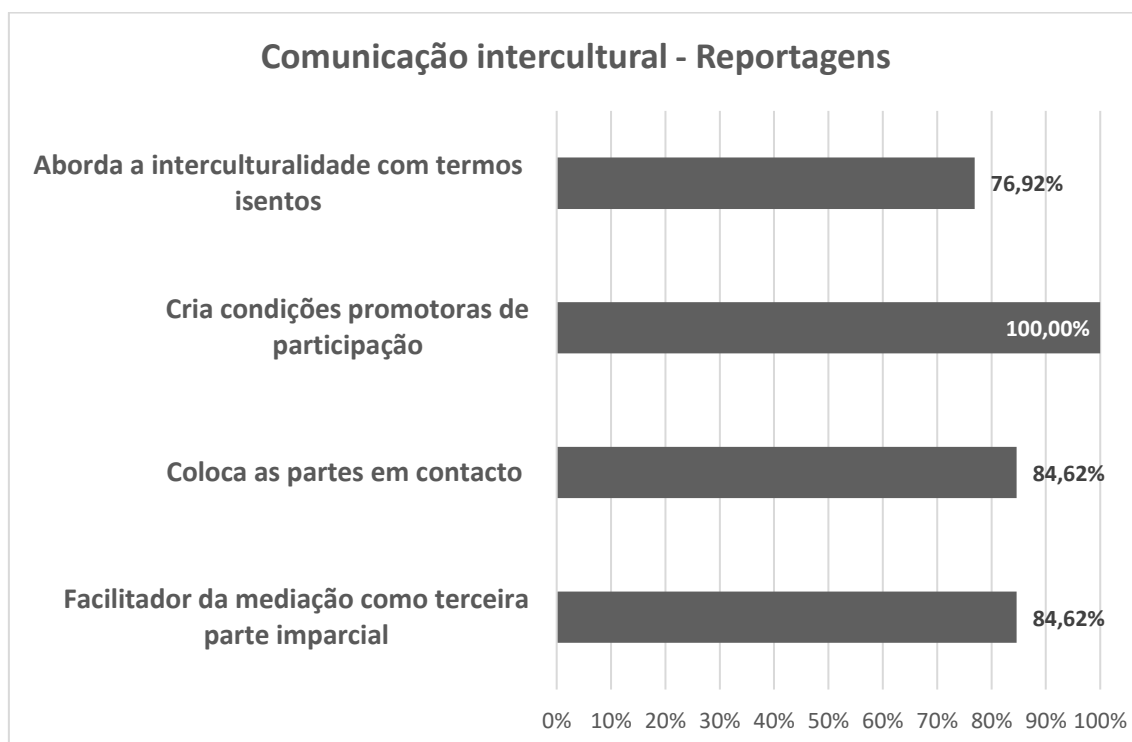


Gráfico 5 Frequência dos critérios de comunicação intercultural nas reportagens (n=57)

Em todas as edições verifica-se que a reportagem prima pela sua adaptação ao contexto de cada pessoa, além dos moradores do bairro serem a fonte e o conteúdo principal deste género, observa-se que o jornal procura ir ao seu encontro. De forma geral, existem três dimensões contextuais: o espaço doméstico, como é o caso do “nº 7” da “família de Shifali” com a sua “porta (...) aberta” (edição 2) ou o “R/C” de “José e Fátima Aguiar” (edição 4); o espaço educativo, visível na ida à “escola” onde estuda “Jahidul, do Bangladesh, e Gurpreet, da Índia” (edição 5); e o espaço profissional,

como sendo “a loja do Professor Wu” (edição 3) ou o “café “ de “um jovem delicado a acolher” (edição 10). Esta promoção da participação tem um pendor multicultural pelo leque diversos dos protagonistas e estende-se mais amplamente no âmbito da interculturalidade, como se verifica na “viagem à volta do mundo, em oração” pelos “templos” do bairro, na procura de conhecer os “líderes religiosos” (edição 9). Das 13 edições, 11 contemplam reportagens nas quais se verifica o papel da publicação ao nível da mediação enquanto terceira parte imparcial.

As reportagens abordam as diversas culturas, posicionando o jornal como um observador que constitui narrativas tendo em consideração os recursos comunitários que tem ao seu dispor, que na edição 2 se observa no “cadinho de nacionalidades e religiões”. As reportagens englobam diversos indivíduos, sendo frequente a menção a várias nacionalidades, como é o caso da reportagem efetuada à Vila Almeida, também na edição 2, na qual se refere que nesse espaço “vivem mais de 40 pessoas, entre indianos, romenos, portugueses e angolanos”. As histórias que são apresentadas, mesmo as que correspondem às atualidades do bairro, têm várias culturas expressas, como sendo na visita à livraria de um empresário de origem chinesa, a qual além de cativar “clientes chineses” atrai “cada vez mais portugueses” (edição 3). O próprio jornal coloca-se na terceira pessoa, intervindo junto das partes como uma terceira entidade, como é o caso de quando “andou pelos templos a perceber quem são os líderes religiosos que (...) vivem” na Mouraria (edição 9). Esta imparcialidade é muito visível na amplitude que se confere, como se um retrato sociodemográfico se tratasse, como observável neste excerto da edição 12 “Passear pela Mouraria é sentir um estímulo aos sentidos: dos cheiros dos restaurantes de todos os cantos do mundo”.

Na mesma proporção da variável anterior, as reportagens cumprem mais um aspeto da comunicação intercultural, nomeadamente no que corresponde à colocação das partes em contacto.

São diversas as reportagens que conjugam pessoas de diferentes culturas, como é o caso da reportagem, já referida, realizada na vila Almeida, tendo este conteúdo orbitado em torno de “Shifali”, do “Punjab, que fica no norte da Índia”, e “D. Rosa, 65 anos, (...) a moradora mais antiga” (edição 2). Também no contexto educativo, como

foi a visita à escola Gil Vicente, constam tanto os alunos “Jahidul, do Bangladesh, e Gurpreet, da Índia” como o “director da turma” (edição 5) que os acompanha. Outro exemplo relevante de demonstrativo da colocação das partes em contacto corresponde à reportagem que explorou os líderes religiosos deste bairro. Este conteúdo contou desde o “Edgar Clara O padre todo-o-terreno” até ao “Satnam Singh” do “templo Shri Guru Ravidass Sabha”, da “comunidade indiana” (edição 9). No fundo, as reportagens são “imagens de um bairro histórico e multicultural” (edição 10), contendo “rostos” (edição 11) e “Retratos da Mouraria” (edição 10).

Na grande maioria das edições, as reportagens abordam a interculturalidade com termos isentos, nomeadamente em 10 das 13 edições.

Assim, tanto os sujeitos retratados como a multiplicidade de culturas que emergem do discurso apresentam normas de comunicação inclusiva, tal como recomendado por Martins et al. (2020) e pelo Conselho Económico e Social (2021), e que compreendem a sensibilidade à diversidade através de uma linguagem com a tónica na pessoa, na humanização e no evitamento de associações estereotipadas. Esta abordagem é observável na reportagem que decorre na Escola Básica 2+3 Gil Vicente, onde “alunos de várias culturas e etnias aprendem sobre a diferença e a semelhança” (edição 5), sem esquecer a tónica na pessoa, respeitando a sua individualidade, como é o caso de “Paula Petreca” “natural de São Paulo, Brasil, e investigadora no Centro de Estudos em Dança da Universidade Católica” (edição 0). No fundo, este critério, aplicado às reportagens, na maioria das edições, atende à humanização e universalização da comunicação, visível na reflexão abrangente das complexidades da Mouraria que é “tão espaço quanto tempo. Abarca de onde viemos, onde habitamos, o tempo que seremos, que fomos e o tempo que somos” (edição 10).

Não obstante, é o critério menos predominante nas reportagens, sendo verificáveis três circunstâncias nas quais a interculturalidade não é abordada com imparcialidade, nomeadamente na edição 7 com “Chineses celebraram o Ano Novo no Martim Moniz”, na edição 8 com “pertence a um chinês que o comprou” e na edição 12 com “Conflito entre bengaleses”, verificando-se em todas estas uma despersonalização e a opção por um tratamento coletivo.

De seguida irá atentar-se à mediação intercultural considerando as 57 reportagens analisadas, as quais emergem, tal como anteriormente referido, de situações sociais em que as diferenças socioculturais dos atores são carácter central ou influente (Romero, 1997; Pereira, 2008). O gráfico infra integra a reflexão empreendida por Bush e Folger (2004), Moore (2014), Pereira (2008), Romero (1997) e Sousa (2020), tal como formulado na grelha de validação.

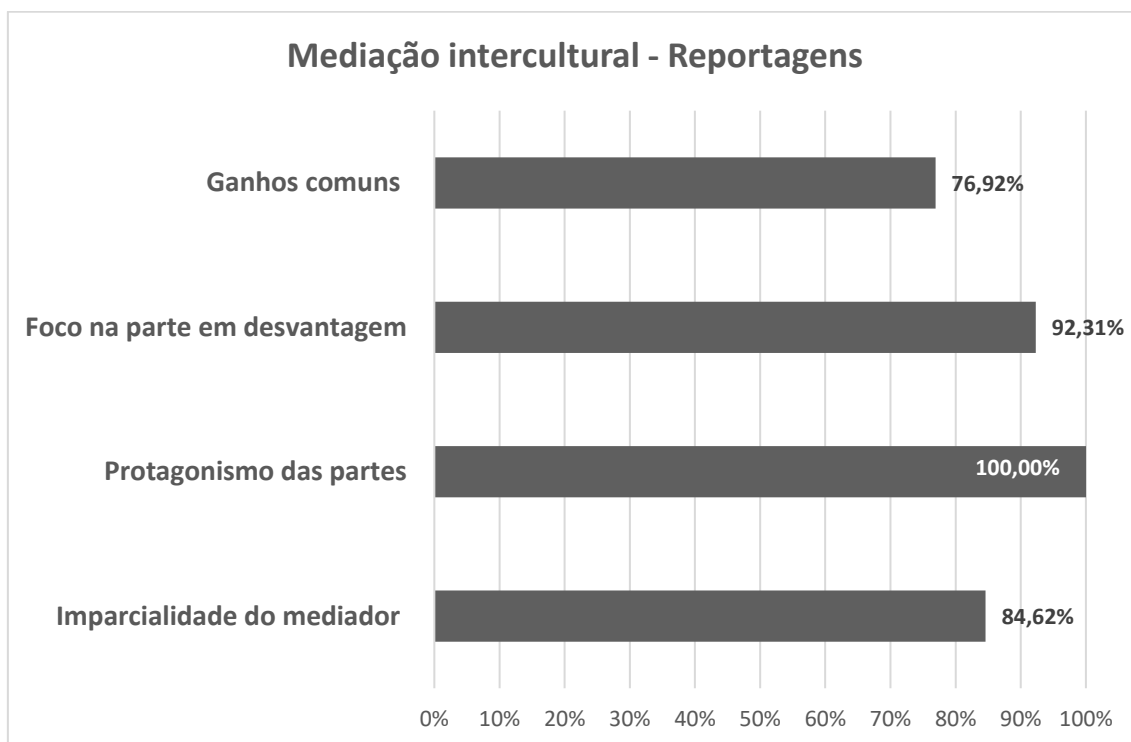


Gráfico 6 Frequência dos critérios de mediação intercultural nas reportagens (n=57)

Relativamente às variáveis de mediação intercultural, estas encontram-se amplamente refletidas neste género, com o protagonismo das partes a verificar-se em todas as edições. Este aspeto é uma base da mediação uma vez que esta visa que as partes procurem soluções mutuamente benéficas, através da valorização do seu papel e da constituição de processos comunicativos empáticos e compreensivos (Simão et al., 2009). Estes são a base do diálogo intercultural que estimula a o respeito pela diversidade, consagrando a inclusão social (Lei n.º 105/2001, de 31 de agosto). Estas dinâmicas vão ao encontro de Tuber (2008) nomeadamente pela noção de aprofundamento da realidade (complexa), respeitando a autenticidade na senda do desenvolvimento de um vínculo de confiança.

É constante o destaque e centralidade conferidos aos sujeitos contemplados nestas peças jornalísticas. Os seus nomes, as suas falas, as suas identidades e outras características identitárias são ressaltadas. Na edição inaugural, temos “Frank, nome pelo qual gosta de ser tratado”, na edição 1 “Shifali, uma hindu de 13 anos (...) com um grande sorriso”. Este foco nas pessoas do bairro, representando diferentes culturas, decorre ao longo da publicação, percorrendo pessoas como “Paulo Santos” de “24 anos” que “mora no Beco do Jasmim” e “decidiu tomar em mãos a tarefa de recuperar a casa da avó” (edição 3), “o pai, Singh, 40 anos, há 11 em Portugal” (edição 4), da “Emília de Jesus Moreira Costa” que “nasceu em Belmonte no ano de 1913 e vive na Mouraria há mais de setenta” (edição 7) ou, simplesmente, e mais abrangente, os vários “rostos frente à loja” que compõem “o lugar mais fotogénico da cidade (...) multicolorido, cheio de contradições, mas acima de tudo, verdadeiramente autêntico e único” (edição 11).

O foco na parte em desvantagem é a segunda variável mais presente, encontrando-se em 12 edições. Na edição 1 aborda uma pessoa que se encontra em situação de desemprego e que “não sabe o que o futuro lhe reserva”. Na edição seguinte esta questão também surge, com um casal imigrante que embora “desempregado (...) Medianca faz questão de explicar no seu português rudimentar que estão inscritos na “segurança social”. Na edição 2 aborda-se o envelhecimento populacional com “pessoas de idade a viver em condições miseráveis” e “moradores que desesperam” devido ao “mau estado” do edificado. Também se aborda “os duzentos consumidores” de “heroína ou cocaína” que têm a Mouraria como “ponto de encontro” (edição 6), os “evangélicos chineses” “perseguidos durante a revolução cultural” (edição 9), “a representação desequilibrada no concerne ao género” (edição 11) relativamente ao Rap e ao “o corpo queer, imigrante e afro descendente” (edição 12). Fica patente um forte pendor nas pessoas que se encontram em situações de menor poder, principalmente, como teorizado por Weber (2002), face à sua situação socioeconómica. Também a origem nacional e o género têm um peso expressivo, nomeadamente pelas desigualdades constatadas na relação que estes elementos regulatórios da vida humana têm na relação com as estruturas nacionais (Jandt, 2020).

Com presença em 11 edições, a imparcialidade do mediador é um elemento assinalável, nomeadamente por garantir que todas as partes envolvidas são tratadas com equidade, ou seja, respeitando a diversidade e inerentes especificidades, indo ao encontro da compreensão de valores e crenças culturais, tal como exposto por Silva (2016). É perceptível em apreciações como “escutamos nomes como Harpiya, Nikita, Shifali ou Corina e sentimos o cheiro a especiarias - bem-vindos, estamos numa vila da Mouraria” (edição 2) ou a ambivalência registada no bairro ao nível da “mudança acelerada (...) Entre a preservação da tradição e dos mitos do “bairro típico (...) e a criação de uma vibrante nova comunidade multicultural”. O jornal, enquanto objeto de mediação, aborda as dinâmicas do bairro e convoca à interação entre os seus constituintes, como consta no “convite” para visitar o café de “kebabs” frequentado pela “Dona Esmeralda”, de “Dhurba Ghimire” que “chegou a Portugal há 4 anos (...) e encontrou acolhimento graças à grande comunidade nepalesa” (edição 10). Assim, o jornal Rosa Maria funciona como um elemento de mediação que estimula uma cultura de participação na gestão dos conflitos, sendo um instrumento de aprendizagem capaz de criar laços sociais (Simão et al., 2009).

Por fim, os ganhos comuns, embora seja o critério menos preponderante, surge em 10 edições. Importa recuperar o objetivo central da mediação intercultural, nomeadamente a promoção da compreensão mútua, possível através do respeito e da cooperação entre as partes envolvidas, preservando as identidades culturais de cada parte, gerando oportunidades e promovendo a empatia e a compreensão entre os envolvidos (Simão et al., 2009; Romero, 1997), tal como aprofundado no enquadramento teórico, uma vez que são estas as materialidades que constituem os ganhos comuns. Através de relações de entendimento é possível prolongar no tempo ambientes cooperativos e sinérgicos que, incorporando contextos simbólicos comuns, potenciam interações mutuamente benéficas, ou seja, consubstanciam ganhos comuns (Santos, 2014).

É nas interações entre a “tarefa de todos” que é a “reabilitação urbana” (edição 3), passando pelo “centro de compras” (edição 4) de produtos multiculturais que é o Martim Moniz, até à imigração que traz “à memória os hábitos que aqui existiam, mas

que se vão esquecendo”. Relembrando, assim, a necessidade de reparar que todos ganham nas interações proporcionadas pelo território que partilham.

3. NOTÍCIAS

A análise de notícias compreendeu um total de 118 artigos. À semelhança do que foi feito para a análise dos editoriais e das reportagens, foi desenvolvida uma Análise de Conteúdo, aplicada ao vasto universo de informação disponível (Aires, 2015). Assim, com base na exploração, descrição, interpretação e, no fim, teorização, espera-se que os conteúdos noticiosos se enquadrem no âmbito teórico do estudo, transpondo a dispersão e abstração para a atribuição de sentido e consequente coerência epistemológica (Bravo, 1998).

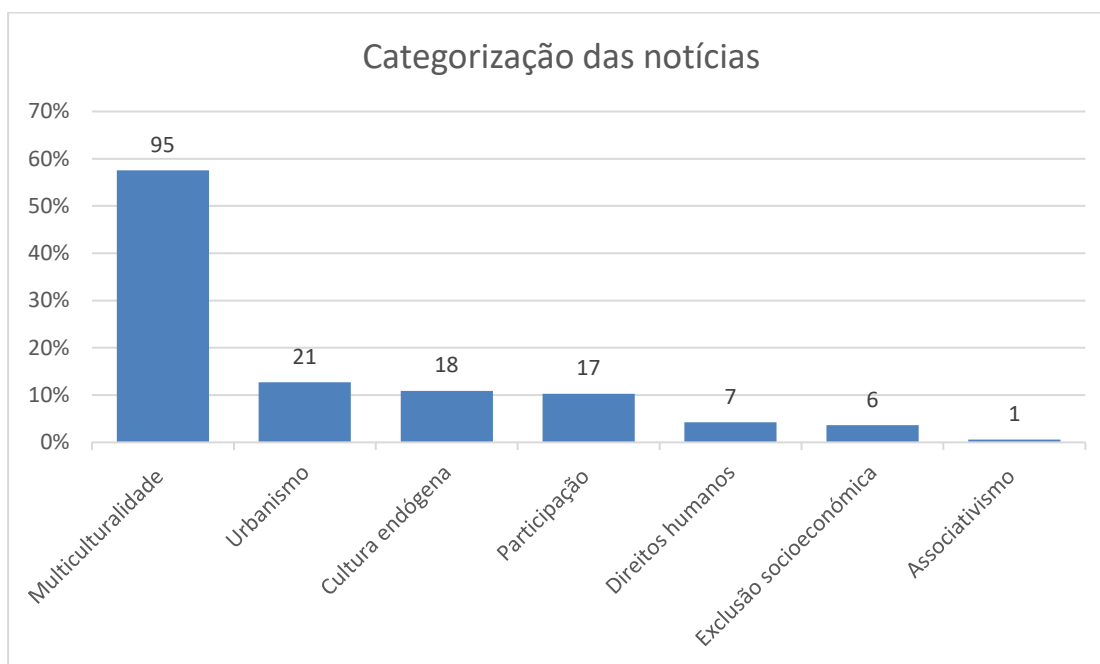


Gráfico 7 Categorização das notícias (n=118)

Nas notícias, a multiculturalidade é também a categoria com mais ocorrências, contemplando 95 unidades de registo. O urbanismo é a segunda categoria mais expressiva, com 21 referências. Por sua vez, a terceira maior expressividade corresponde à cultura endógena, nomeadamente com 18 referências. Esta encontra-se muito próxima da expressividade da participação, com 17 ocorrências. O

associativismo é a categoria com menor preponderância (1), enquanto direitos humanos e exclusão socioeconómica têm os valores compreendidos entre 7 e 6 ocorrências, respetivamente.

Como poderá ser aprofundado nos anexos, designadamente no gráfico presente no ponto 4.3, são referidas 32 nacionalidades, sendo a bengalesa a que surge com mais ocorrências (6). São referidas 5 religiões/espiritualidades, bem como outros elementos relevantes no âmbito da interculturalidade, como o género e as questões raciais.

Verificou-se, também, neste conjunto de textos, que a multiculturalidade é preponderante, pelo que se justifica analisar se detém característica de comunicação promotoras de interculturalidade, tal como postulado por Lazăr (2012) e Martins et al. (2020), ao nível do respeito pela diversidade e potenciação de um diálogo benéfico para as partes, tornando-as protagonistas da ação e da relação. À semelhança do que foi feito com as reportagens, também esta análise incidiu nos textos em que a multiculturalidade é tema central, tendo sido, para este efeito, analisados 34 textos.

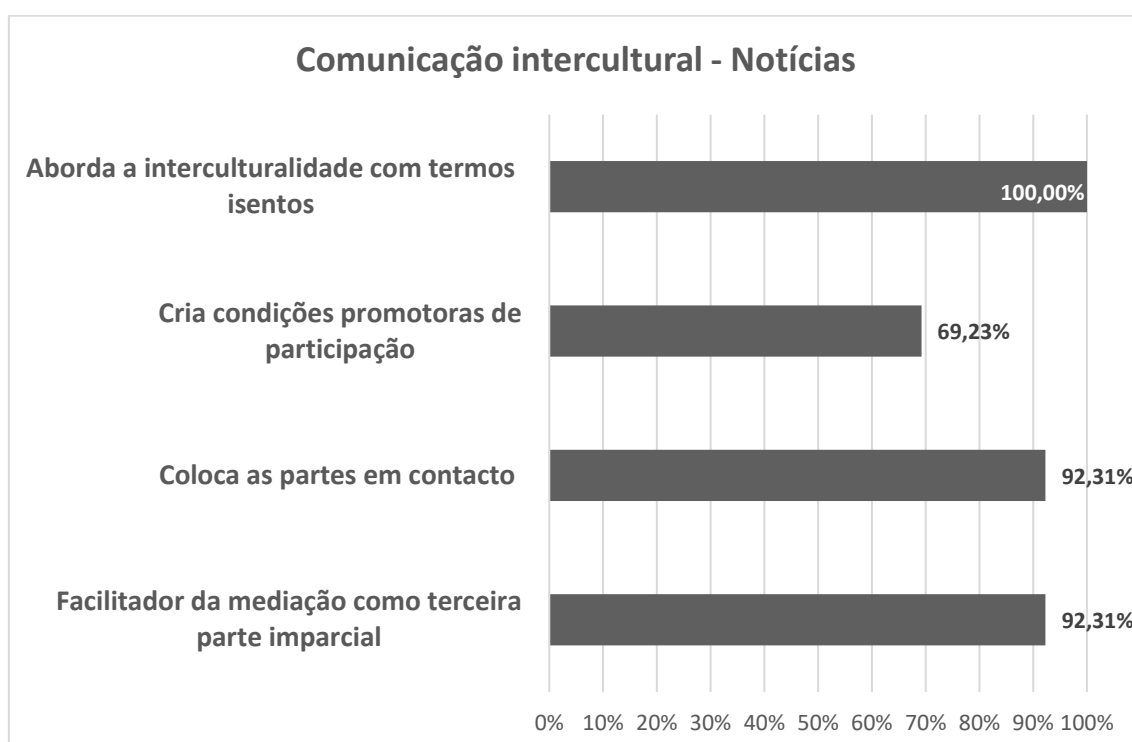


Gráfico 8 Frequência dos critérios de comunicação intercultural nas notícias (n=34)

Em todas as edições existe uma correspondência com a objetividade e imparcialidade, sendo, também nestes textos, patente o respeito pela diversidade e a aplicação dos princípios da comunicação inclusiva. Assim, é notória a inexistência de conteúdos pejorativos, ligados a preconceitos e discriminações, verificando-se a colocação da tónica na pessoa e não unicamente nas suas características. O território é percecionado como “pleno de História e de histórias” (edição 0), as quais poderão estar relacionadas com os hábitos multirreligiosos do bairro, tal como consta na edição 1 a propósito do “Ramadão na Mouraria” que “Entre Agosto e Setembro, sempre ao pôr do sol” espalha “o cheiro a comida (...) pelas ruas”. A imparcialidade acompanha a diversidade de contextos e condições, abrangendo desde as pessoas em situações socioeconómicas mais vulneráveis como as “pessoas que usam drogas, trabalhadores do sexo, migrantes em situação de vulnerabilidade e pessoas sem-abrigo” (edição 5) até aos “investidores chineses” (edição 8). Os sujeitos retratados são integrados no discurso através de normas relacionadas com a comunicação acessível (Martins et al., 2020) como verificável na edição 11 com a enumeração de pessoas de diferentes identidades relacionadas com o género, questões raciais, nacionalidade e idade, designadamente “mulheres, pessoas trans, não binárias e, inclusive, homens. Brancos, negros, mais ou menos jovens, portugueses e estrangeiros”.

A colocação das várias partes em contacto é assegurada na vasta maioria das edições, nomeadamente em 12. Logo na edição 0 há um convite para que “todos” conheçam “o grande circo cigano de Alexander Romanès” e a “acompanharem o fado de Aldina Duarte”. São comuns as notícias que agrupam pessoas de diferentes culturas, ou criam uma ponte entre a comunidade em geral e uma comunidade específica, tal como sucede na edição 3 em que se verifica uma aproximação do “bairro e o público à comunidade chinesa”. Na edição 4 aponta-se que uma das escolas que serve a comunidade “tem mais de 15 nacionalidades”, por sua vez, na edição seguinte (5) aborda-se o trabalho da fotógrafa inglesa Camilla Watson e o seu trabalho ligado a iconografia do bairro. De forma geral, surgem em relação e por agregação múltiplas culturas, essencialmente por ligação à dimensão da origem nacional, como é o caso dos guias da Mouraria que “são do Brasil, Congo, Irão, Bangladesh, Paquistão, da Polónia e da Ucrânia” (edição 7).

Na mesma proporção surge a mediação da publicação enquanto terceira parte imparcial, ou seja, comprometida com as partes, sem que haja qualquer tipo de interesse face a uma solução específica, pese embora o posicionamento ético e deontológico imprima uma responsabilidade face a uma solução justa e adequada ao conflito (Pereira, 2008), patente nas observações realizadas face ao meio e ao contexto de cobertura, com a inclusão, ao mesmo nível, de pessoas de “todas as idades, de todas as crenças, de todas as cores” (edição 1). Na edição 2 existe um elemento diferenciador face ao que se tem vindo a analisar. No seguimento das “Eleições na comunidade Bangladesh” existe a correspondente tradução em bengali, podendo ler-se, no paralelo ao anteriormente citado, “বাংলাদেশ কমমউমিটি অফ পতু গাল”. Esta preocupação com a acessibilidade linguística é, aliás, visível nas várias edições, que fazem por vezes uso das línguas de origem. Também na ficha técnica podemos observar esta preocupação com a inclusão de tradutores na equipa.

A criação de condições de participação é o aspeto menos presente, porém, com ocorrência em mais de metade das edições. Verifica-se uma procura pelo lugar e pelo contexto da notícia, o que potencia o diálogo e a integração dos vários agentes da comunidade, promovendo a integração das vozes dos residentes, como sendo visível na participação da “Rosário Farmhouse, Alta Comissária do ACIDI” (edição 0), do “Movimento de Amigos de São Cristóvão” (edição 3), da “Ana Silva, 57 anos, desde os 12 por aqui” (edição 7), da “Ana Cosme, do Catch Up” (edição 8) ou de “uma imigrante” (edição 10).

O gráfico 9 corresponde à frequência da mediação intercultural nas várias edições por intermédio das notícias. Neste sentido, procura-se verificar se este género jornalístico aborda a multiculturalidade na senda dos ganhos comuns, nos quais os sujeitos são os protagonistas e a mediação decorre com imparcialidade, o que requer uma abordagem justa, atendendo aos diferentes graus de poder dos indivíduos (Pereira, 2008; Sousa, 2020).

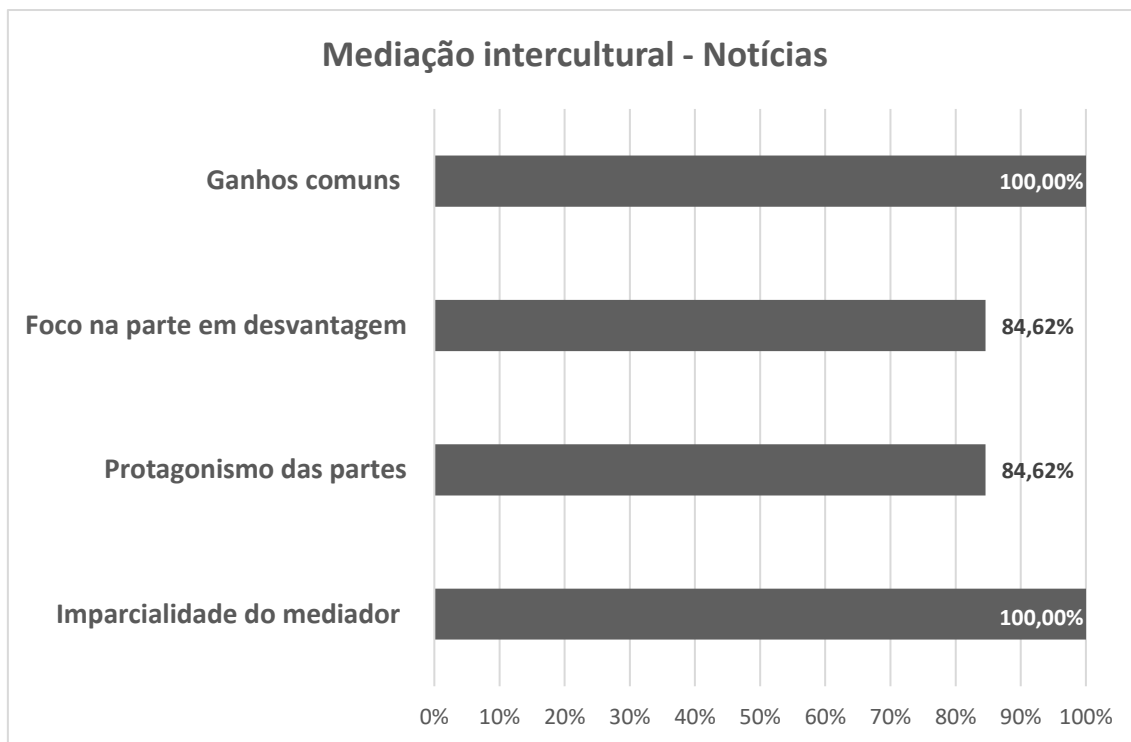


Gráfico 9 Frequência dos critérios de mediação intercultural nas notícias (n=34)

Por fim, face à mediação intercultural, todas as edições incorporam a imparcialidade do mediador, como consta da edição 0 na caracterização da “rosa Maria perdigueira e irrequieta”, do bairro como “um dos bairros mais tradicionais e multiculturais de Lisboa (edição 1), do convite a “Qualquer cidadão” para “cozinhar um jantar típico da sua região” (edição 6), dos projetos focados na “inclusão” e na “revitalização” de um “bairro antigo de Lisboa” (edição 11), expressando, na edição 12, que “um sorriso” “pode superar a barreira da língua”.

Com a mesma proporção verificam-se os ganhos comuns, visíveis na valorização dos “novos vizinhos” (edição 0), nas visitas guiadas feitas pelos “residentes” que mostram com “intimidade” “um bairro cheio de tesouros” (edição 1), na “cidadania ativa” que envolve “a população na melhoria das suas condições de vida” (edição 3) e no programa “Migrantour” “que permite conhecer pessoas de tantas nacionalidades e culturas diversas” (edição 10).

O protagonismo das partes ocorre em 11 das 13 edições, contemplando vários sujeitos que coexistem no território. Este protagonismo ocorre tanto ao nível individual, como

é o caso da “dançarina Paula Peteca” (edição 0) ou “da Florência, de Buenos Aires, e Erica, de São Paulo” (edição 9), como no espectro coletivo, designadamente “a comunidade Bangladesh” (edição 2), “Líderes de várias religiões” (edição 6) ou “os moradores da freguesia do Socorro” (edição 3).

O foco na parte em desvantagem surge no mesmo posicionamento do critério anterior, sendo, portanto, predominante. Assim, são várias as comunidades migrantes mencionadas nestas peças jornalísticas, como é o caso da islâmica, nomeadamente como “O Ramadão na Mouraria” (edição 1), da “comunidade Bangladesh” (edição 2) ou da nepalesa como é caso de “Sabina” que aprende português (edição 10). Outros elementos inerentes à diversidade cultural, como o género (Cannadine, 2013), também estão presentes, tal como se verifica na edição 11 com o “Festival Feminista de Lisboa Uma experiência inovadora que põe o feminismo na agenda da cidade”. A dimensão socioeconómica menos favorável (Weber, 2002) está presente na edição 8 com o “Cabeleireiro Solidário para todas as pessoas” com “dificuldades financeiras” e na edição 7 com a “Primeira sala de consumo assistido de drogas”.

4. CAPAS

A categorização das capas do jornal Rosa Maria através da Análise de Conteúdo de Bardin (1977/2008) e da Análise dos *Media* de Cunha e Peixinho (2020) é uma prática fundamental para compreender e explicitar a informação veiculada. Através destas técnicas é possível identificar as principais temáticas abordadas e a sua frequência. Isto permite uma análise mais aprofundada da cobertura jornalística e ajuda a compreender as dinâmicas e tendências desta publicação. Além disso, a categorização pode contribuir para a análise crítica e reflexiva da informação jornalística no fortalecimento do jornalismo comunitário como um espaço de diálogo e participação social (Freitas, 2006).

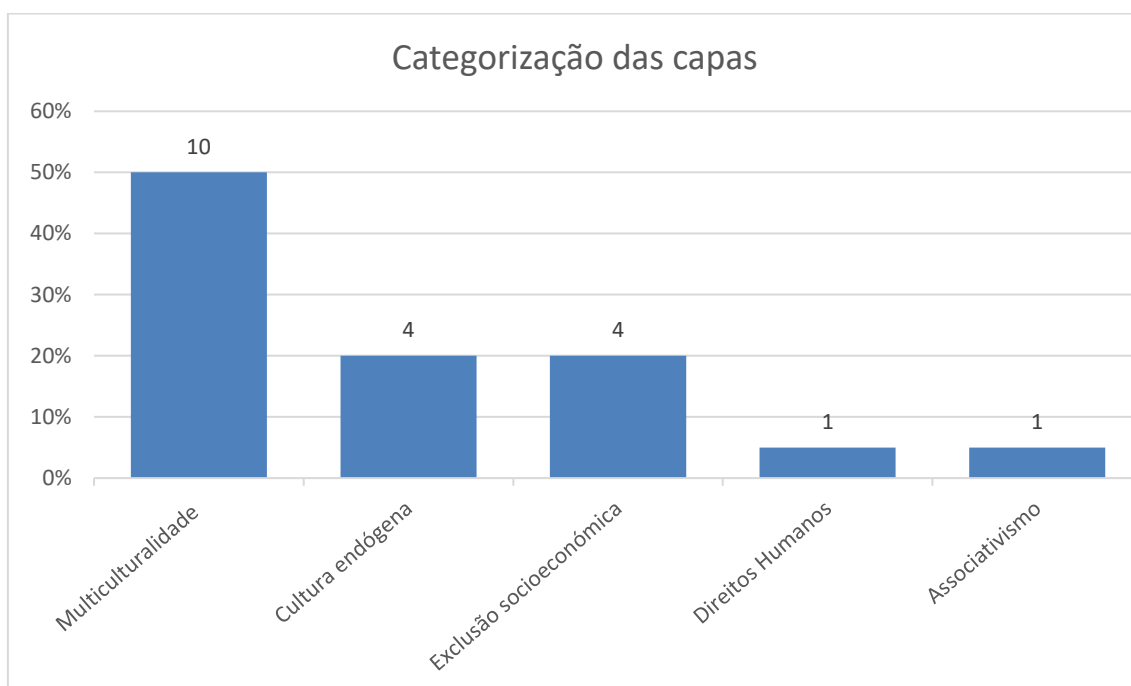


Gráfico 10 Categorização das capas (n=13).

A multiculturalidade é a categoria com mais unidades de registo, no total, contempla 10 referências. A cultura endógena e a exclusão socioeconómica têm a mesma prevalência (4). Por sua vez, as categorias direitos humanos e associativismo apresentam uma ocorrência.

À semelhança dos textos analisados anteriormente, a multiculturalidade configura-se com um elemento central, ao qual acorrem outros aspetos que relevam a importância da interculturalidade.

Tratando-se da análise das capas de um jornal, elemento destacado, visual e apelativo, importa compreender a linguagem que desenvolvem e as relações estabelecem. Assim, a Gramática do Design Visual pode contribuir para o desvendar dos significados que os vários elementos estéticos/gráficos, bem como a metafunção, exercem nas interações que reproduzem (Kress & van Leeuwen, 2006).

As capas da publicação em análise apresentam um tema central, ocupando este a generalidade do espaço. Por norma, o foco são os residentes do bairro. Devido à predominância visual e monotemática, irá para esta análise, em particular, empreender-se, como referido, a observação com recurso à Gramática do Design Visual (Kress & van Leeuwen, 2006), observando, em concreto, os significados representacionais, interativos e composicionais.

Os significados representacionais correspondem aos mecanismos que estruturam os participantes e respetivas relações com outros participantes e com o meio, evidenciando as circunstâncias em que se estabelecem estas relações. Relativamente aos significados interativos desvenda-se a relação entre os que produzem e os que consomem a mensagem, assim, são empreendidas estratégias de aproximação ou distanciamento face ao leitor. Por fim, os significados composicionais dizem respeito ao uso do espaço visual, o qual dita significações face ao posicionamento e destacamento dos vários elementos (Kress & van Leeuwen, 2006).

Esta Gramática de Kress e van Leeuwen (2006) será uma metodologia valiosa para analisar as capas do Jornal Rosa Maria uma vez que irá examinar como elementos visuais são usados em contextos sociais e culturais para transmitir significados específicos que conferem diferentes níveis de poder. Ao aplicar essa gramática às capas do jornal, pode-se entender como a seleção de imagens e textos, bem como a disposição desses elementos, afetam a perceção e o impacto da mensagem transmitida. Dessa forma, ajuda a compreender como o jornal Rosa Maria usa

elementos visuais para transmitir a sua mensagem. Assim é possível identificar padrões e tendências que desvendam os processos de criação.

Com a metodologia proposta foram analisadas todas as capas, individualmente, resultando os gráficos que se seguem da sistematização dessa observação. Foram, primeiramente, observados os significados representacionais, depois os interativos e finalmente os composicionais.

O gráfico 11 representa a distribuição das capas pelos significados representacionais sendo que das 13 capas, 9 são conceituais e 3 são narrativas, ou seja, os sujeitos, na primeira circunstância, apresentam-se de acordo com as suas características e identidades. Ou seja, apenas 3 capas apresentam os atores a desenvolver uma determinada ação, as restantes procuram representá-los na sua essência.



Gráfico 11 Frequência significados representacionais (n=13).



Figura 1 Capas das edições 6, 10 e 11 – Exemplos de capas com representação conceptual

Os significados representacionais conceptuais procuram representar o sujeito tal como ele é, demonstrando um enfoque nas identidades, nas características socioeconómicas e culturais, bem como na utilização de características pessoais, nestas capas reforçadas pela utilização do nome, idade, estruturas familiares, ocupações e ligação ao bairro da Mouraria.



Figura 2 Capas das edições 4, 5 e 7 – Exemplos de representação narrativa

Por conseguinte, os processos narrativos compreendem que o participante por ser quem realiza uma ação é simultaneamente denominado de ator, sendo que todo o processo material representado decorre da envolvimento com este(s) sujeito(s).

Em suma, estas representações conferem um destaque e proeminência às representações conceituais, que acentuam uma dinâmica de alteridade, que contribui para que a coexistência multicultural possa apresentar uma dimensão de interação e, conseqüentemente, materializar-se no respeito pelo Outro. Trata-se de uma oportunidade de dar visibilidade e rosto às diferentes identidades do bairro, que embora também visíveis nas representações narrativas, adquirem nas representações conceituais intensidade reforçada. Assim, poder-se-á perceber a relevância destas abordagens jornalísticas como garante do respeito pela diversidade e especificidade de cada pessoa/cultura, promovendo a interculturalidade.

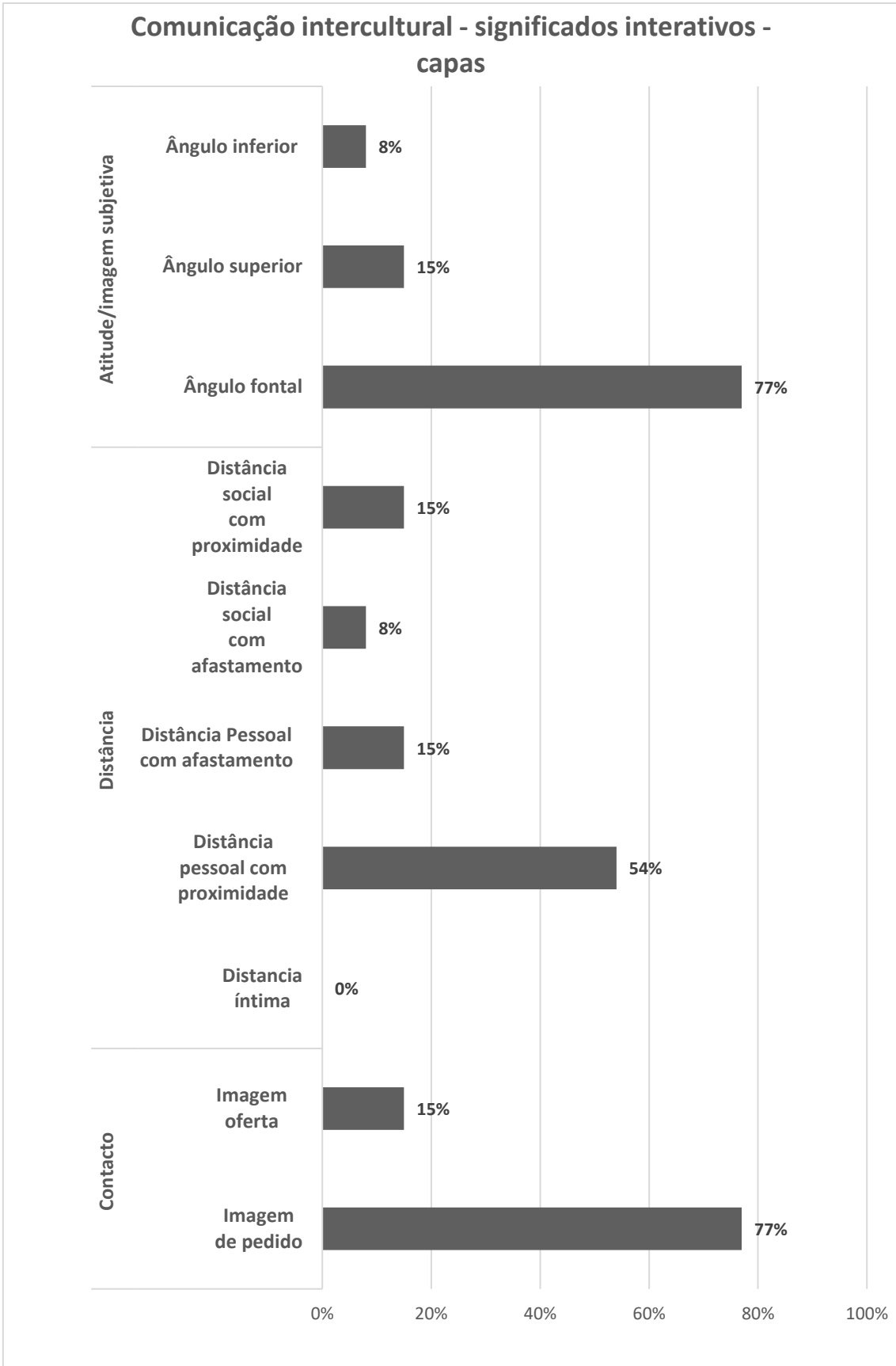


Gráfico 12 Frequência dos significados interativos (n=13)

Por sua vez, os significados interativos remetem para uma aproximação ou afastamento do leitor face às pessoas representadas uma vez que estabelecem um determinado tipo de interação. Pode observar-se, nas capas em análise, que as imagens são na maioria de pedido, com proximidade pessoal e com um ângulo frontal. Verifica-se uma predominância das imagens de pedido, as quais humanizam os sujeitos uma vez que estabelecem uma relação, por intermédio do olhar, com o leitor, tal como se verifica nos três exemplos infra. Com a mesma expressividade, ocorrem as imagens com ângulo frontal, estas são especialmente interessantes no âmbito do estabelecimento de relações/interações simétricas, operando uma representação dos sujeitos mais realista e próxima do leitor. Embora com menor expressividade, porém, prevalente em mais de metade das capas, é observável a distância pessoal com proximidade, o que corresponde a uma aproximação e ligação empática entre o leitor e o sujeito, fomentada por intermédio dos detalhes do rosto. Este critério, simultaneamente, pauta pela humanização dos sujeitos retratados, conferindo um elevado detalhe às emoções e à expressividade. Neste sentido predomina a utilização de recursos que estabelecem interações assentes em critérios de igualdade para com o leitor.



Figura 3 Capas das edições 1, 2 e 3

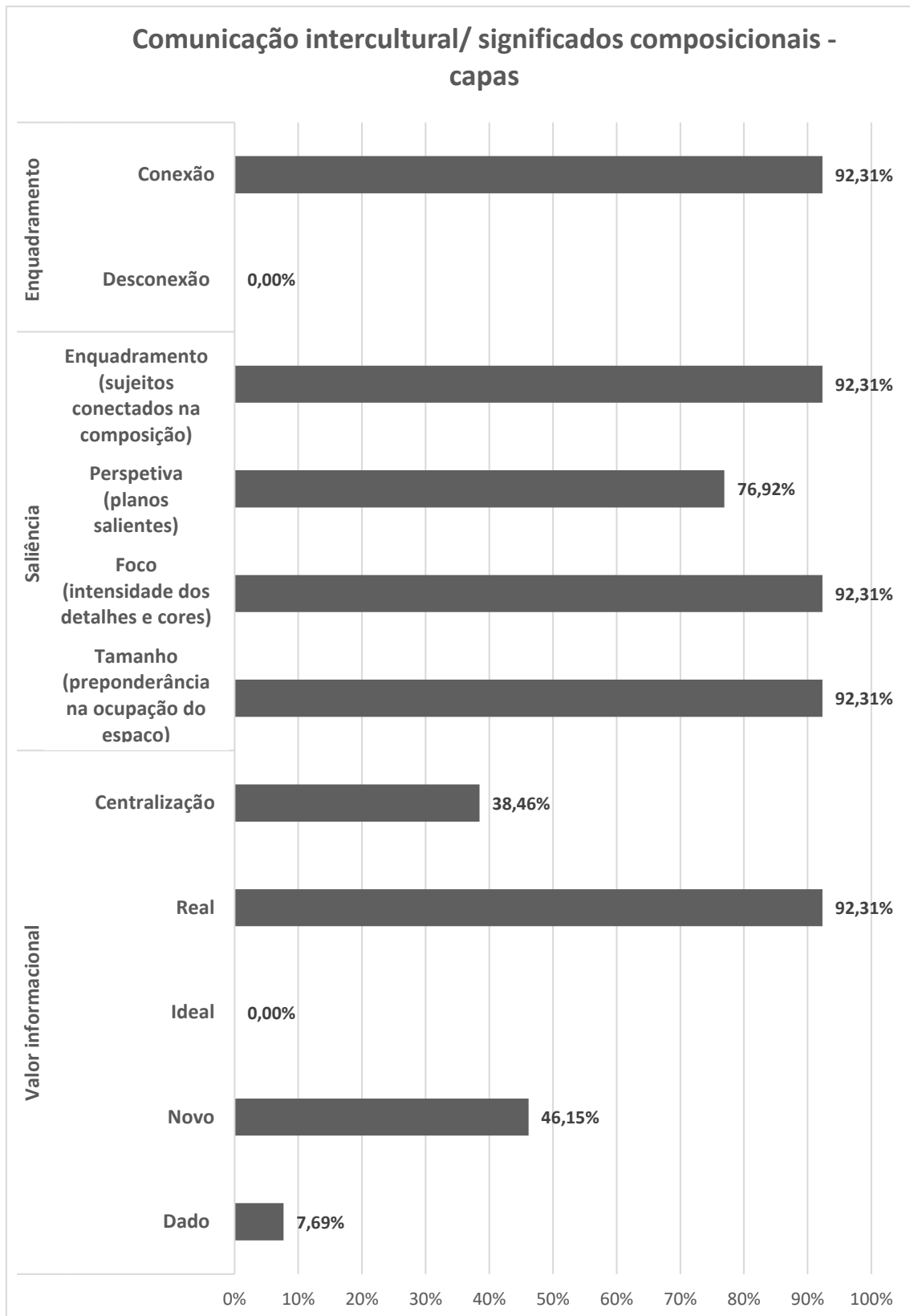


Gráfico 13 Frequência dos significados composicionais (n=13)

Através dos critérios de análise aplicados no âmbito da Gramática do Design Visual observamos que os sujeitos encontram-se representados, no que diz respeito ao valor informacional, principalmente no critério real o que significa a autenticidade e legitimidade das suas representações, destacadas também pela atribuição do espaço central e do espaço do “novo” que poderá incorrer numa maior atratividade. É atribuída, ao nível da saliência, um tamanho e foco muito expressivos, evidenciando o seu rosto, um elemento que atribui uma potenciação significativa do destaque no espaço e na relação com o leitor. O enquadramento ocorre através da conexão, os sujeitos encontram-se em inter-relação com espaço e com os demais elementos da capa em que se inserem, o que demonstra e confere maior poder por serem o elemento predominante e relacionador do espaço.



Figura 4 Capas das edições 0, 5 e 8

As capas apresentam, essencialmente, o ângulo frontal que potencia relações de envolvimento que se acentuam, ao nível composicional, com a representação no espaço ideal e central (que confere um alto grau de destaque). Finalmente, as capas apresentam um elevado grau de saliência face aos sujeitos representados, esta situação contribui para a atribuição de destaque e poder.

Em suma, nas várias capas do jornal Rosa Maria são representados vários atores sociais, sendo observáveis processos de individualização e personalização. Regista-se, assim, uma inclusão dos mesmos.

Estas observações evidenciam a existência de um contradiscurso por parte da publicação em análise. Considerando que esta opera as representações em benefício dos sujeitos, destacando as suas características e os seus papéis sociais e relacionais através dos vários processos que os humanizam e diferenciam. Estas dimensões confrontam as representações hegemónicas dos *mass media* que tendem a não considerar a individualidade destes atores, suprimindo, excluindo ou generalizando as pessoas que constam nos seus textos multimodais.

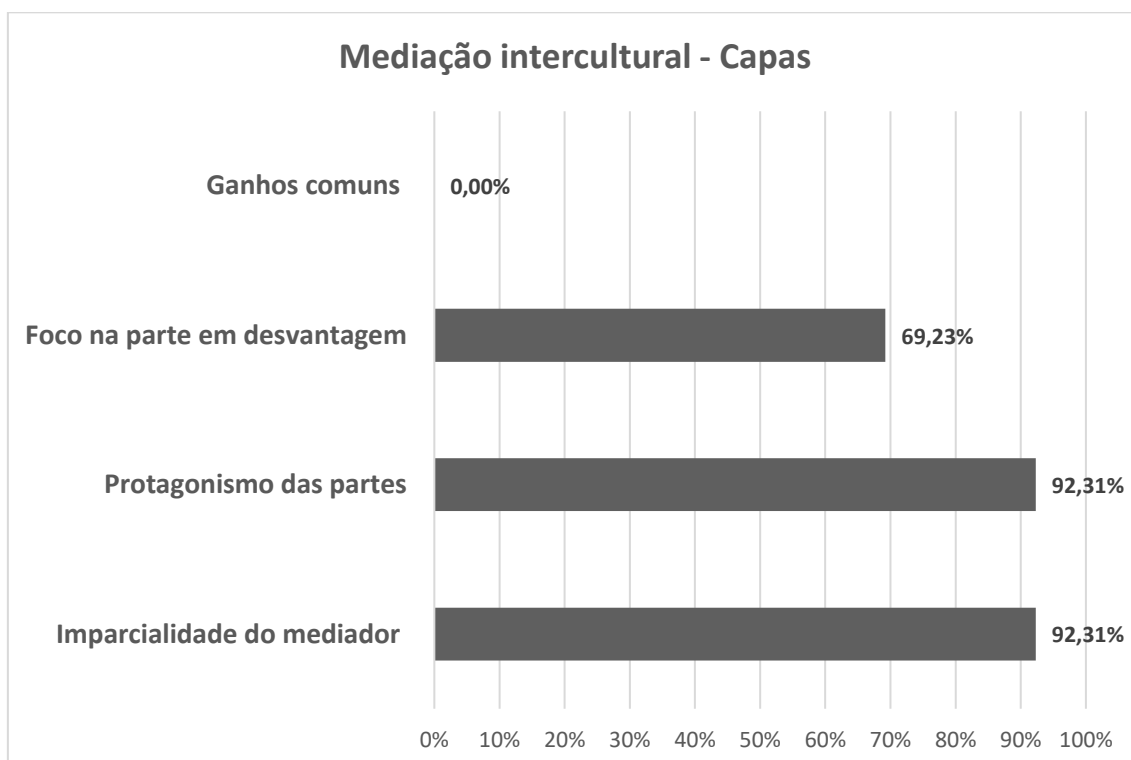


Gráfico 14 Frequência dos critérios de mediação intercultural nas capas (n=13)

A imparcialidade do mediador e o protagonismo das partes são as variáveis que predominam, surgindo em 12 edições. Estas duas dimensões são visíveis na caracterização objetiva, identificando os indivíduos com os seus substantivos próprios, designadamente: “Rarzena” (edição 0), “Maria das Flores” (edição 1), “João” (edição 2), “Clélia Pondja” (edição 3), “Guilhermino” (edição 4), “Augusto Afonso” (edição 5), “Vanessa Dias” (edição 6), “Chen Wue Hua” (edição 7), “Vitor Pereira” (edição 8), “Rosário Fernandes” (edição 9), “Rabman” (edição 10) e “Chimire” (edição 11). Os indivíduos também caracterizados pela proveniência geográfica, como sendo

“Bangladesh” (edição 0), “portuguesa” (edição 1), “português” (edição 2), “moçambicana” (edição 3), “português” (edição 4), “Mouraria” (edição 6, 8 e 9) e Portugal (edição 7). O foco na parte em desvantagem ocorre na maioria das capas, nomeadamente em 9, são várias as edições que destacam minorias nacionais e, inclusive, a situação socioeconómica dos sujeitos, como é caso de “João (...) desempregado há três meses” (edição 2), de “Clélia (...) moçambicana recém-chegada à Mouraria (...)” (edição 3) ou de “Vítor Pereira, a pessoa mais velha da Mouraria (...)” (edição 8).

CONCLUSÕES

O objetivo principal da investigação consistiu na verificação da existência de práticas de comunicação e de mediação intercultural no âmbito do jornalismo comunitário por intermédio da Análise de Conteúdo às 13 edições do jornal Rosa Maria, compreendidas entre 2010 e 2020. Como referido no enquadramento teórico, a comunicação efetuada por grandes conglomerados de *media* ocidentais, por vezes com visões etnocêntricas do mundo, não acompanha a crescente diversidade étnico-cultural das sociedades. Neste sentido, foi percecionado como pertinente o estudo de projetos alternativos (neste caso, um jornal comunitário) no âmbito do jornalismo em contextos multiculturais, considerando as possíveis práticas relevantes na promoção da interculturalidade.

Ao abrir as diferentes edições do Jornal Rosa Maria é evidente a presença de uma pluralidade considerável de origens étnicas e culturais, tal como decorre da própria expressão demográfica do Bairro da Mouraria. No entanto, a evolução da simples coexistência para a dimensão relacional proveitosa para todas as partes inscreve a transposição da multi para a interculturalidade. É nesse sentido, que se torna relevante a observação do modo como no Jornal Rosa Maria se exploram dinâmicas de interculturalidade. Nesse sentido, através de uma Análise de Conteúdo assente num quadro teórico com vista à ordenação do discurso em unidades lógicas e aferíveis, procurou-se observar a presença de características da comunicação intercultural e da mediação intercultural na publicação. De forma sucinta, que será seguidamente aprofundada, fica visível que as análises empreendidas aos conteúdos do jornal revelaram uma ampla existência de critérios interculturais.

Nos diversos géneros jornalísticos abrangidos nesta investigação, correspondendo os mesmos aos aspetos estruturais e maioritários das publicações, verificou-se, primeiramente, ao nível da comunicação mediática, a existência de critérios promotores de interculturalidade, predominando estes em todo o conteúdo analisado. Assim, ficou patente a pertinência do estudo de caso no âmbito do jornalismo comunitário uma vez que revela a possibilidade de incorporação nas suas práticas de

um conjunto de dimensões compatíveis com os seus valores deontológicos, quer no que respeita à objetividade, quer no que corresponde à pluralidade de visões. Neste sentido a perceção de que os principais *media* ocidentais não atendem à diversidade cultural, tal como exposto por Silva (2016, 2017), pode encontrar nas práticas de comunicação intercultural de Lazăr (2012) uma resposta promotora de um papel mais objetivo e imparcial do jornalismo face à crescente diversidade cultural das sociedades contemporâneas.

Neste trabalho tentou perceber-se se o jornal Rosa Maria poderia constituir-se como objeto de mediação intercultural. Da análise dos diversos editoriais foi explícito e incontornável o carácter associativo da publicação, o qual procura mais do que um registo da atualidade ou criação de conteúdos de interesse aos leitores. Quer pela composição editorial, quer pelo financiamento do jornal por fundos públicos/comunitários, existe um propósito claro ao nível da mediação intercultural, tendo por vista uma intervenção num dos bairros mais multiculturais do país, coincidente com um amplo plano de renovação e intervenção social e urbanística.

Pela observação conduzida, pode, também, observar-se que jornal Rosa Maria incorpora as várias dimensões da mediação intercultural, ao desempenhar um papel importante na promoção da compreensão mútua entre diferentes culturas e ao contribuir para a prevenção e resolução de conflitos na comunidade. Os ganhos comuns, o foco na parte em desvantagem, o protagonismo das partes e a imparcialidade do mediador encontram-se espelhados nos diversos conteúdos com incidências tendencialmente perto dos 100%.

Neste sentido, podemos afirmar que facilita a comunicação e a negociação entre as partes envolvidas, promovendo a inclusão e a construção de relações mais positivas e colaborativas (Simão et al., 2009; Romero, 1997). Acresce que as verificações dos critérios de mediação intercultural correspondem ao consagrado na Lei n.º 105/2001, de 31 de agosto, ao promover a comunicação intercultural, estimular a compreensão e o respeito pela diversidade cultural, prevenir e resolver conflitos, ajudar na interação entre as partes, promovendo a inclusão de cidadãos de diferentes origens sociais e culturais em igualdade de condições. O jornal fornece, assim, um espaço para o

diálogo, discussão, reflexão e consciencialização entre os membros da comunidade (Sousa, 2020), podendo ser visto como um importante instrumento de mediação intercultural. Tem o potencial de conectar diferentes culturas e de fomentar a compreensão mútua, baseada essencialmente na capacidade de empatia. Para alcançar tal objetivo, a mediação, por intermédio da comunicação, mostra-se como um aspeto fundamental, devendo ser assertiva, eficaz, acessível e adaptável, no sentido de abranger indivíduos de diferentes origens culturais (Silva & Costa, 2022).

Esta análise dual procurou assentar numa abordagem interdisciplinar, convocando conhecimentos no âmbito do jornalismo e da mediação intercultural. Neste sentido, a investigação procurou demonstrar que a comunicação mediática pode ter um papel inclusivo e promotor de acessibilidade e interculturalidade em contextos multiculturais.

Tal como demonstrado no estudo do Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano e Augusto Mateus & Associados (2013), o jornal contribuiu para a difusão da diversidade do bairro, promovendo o sentido de pertença dos seus residentes e reduzindo preconceitos e estereótipos, inserindo-se, com sucesso ao nível da promoção de uma cultura de convivência e de diálogo intercultural. Neste pressuposto a existência dos critérios de comunicação de Lazăr (2012) e Martins et al. (2020) e de mediação de Bush e Folger (2004), Moore (2014), Pereira (2008), Romero (1997) e Sousa (2020) podem atestar a sua pertinência no sucesso demonstrado na avaliação aos fundos comunitários aplicados no jornal Rosa Maria.

Se a globalização e a afirmação da identidade cultural assente na nacionalidade podem criar relações de tensão verificadas em fenómenos fundamentalistas e nacionalistas que se registam, por exemplo, na Europa, a fusão de culturas assente na diversidade pode promover a coesão (Hall, 1992/2006). Através dos resultados, e considerando a confluência entre a comunicação e a mediação, constata-se um grande envolvimento da comunidade, sendo o jornal um veículo promotor desta coesão, ao possibilitar o contacto e trocas simbólicas entre as várias culturas regularmente inscritas nas suas páginas. Através da aplicação dos critérios de comunicação intercultural e de mediação intercultural é possível afirmar que a realidade multicultural do território é

transposta para o seu *media*. O jornal Rosa Maria inclui a diversidade e apresenta características da comunicação intercultural que podem transformar a coexistência em diálogo.

Esta situação é sustentada no relatório, já referido, do Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano e Augusto Mateus & Associados (2013) que revela que todas as pessoas inquiridas conheciam o jornal e mais de metade referiu ler a publicação com regularidade. Em paralelo, perto de 4 em cada 10 pessoas incluídas no relatório fez parte de alguma das edições. Estes dados quando comparados com a validação expressiva da existência de critérios de comunicação e de mediação intercultural podem sugerir que a promoção da interculturalidade em contexto mediático favorece a participação das pessoas. Este dado é especialmente relevante na conclusão do presente estudo uma vez que poderá expandir ou contribuir para outras investigações, concretamente na relação entre a acessibilidade da comunicação e o maior grau de adesão/envolvimento dos vários públicos que coexistem nos processos comunicacionais. Neste sentido – e no contexto atual em que a sustentabilidade dos *media* noticiosos é cada vez mais um aspeto presente – esta proposta para trabalhos futuros poderá contribuir para uma visão mais holística da diversidade e dos mecanismos subjacentes para que os diferentes públicos/comunidades possam observar as formas como são representados, incluídos e/ou como podem ver no “Outro” uma oportunidade de conhecimento e aproximação empática.

Da leitura e análise das diversas edições do jornal Rosa Maria – considerando as características desta publicação – fazemos, em jeito de síntese, um paralelo entre a comunicação intercultural, a mediação intercultural e o jornalismo comunitário em contexto multicultural. Assim, os critérios de ambas as áreas de conhecimento aplicados e validados no estudo seguem, a título de contributo, através duas listas de verificação na expectativa de, eventualmente, enriquecerem a interculturalidade em contextos mediáticos:

Comunicação Intercultural:

- ✓ facilitador da mediação como terceira parte imparcial;

- ✓ coloca as partes em contacto;
- ✓ cria condições promotoras de participação;
- ✓ aborda a interculturalidade com termos isentos.

Mediação Intercultural:

- ✓ ganhos comuns;
- ✓ foco na parte em desvantagem;
- ✓ protagonismo das partes;
- ✓ imparcialidade do mediador.

As limitações do estudo concentram-se no debate que surge em torno do jornalismo comunitário, nomeadamente entre a sua profissionalização e a sua democratização. Efetivamente, o jornalismo comunitário apresenta uma estrutura de funcionamento por vezes mais flexível e menos profissionalizada, o que se cristaliza numa maior dificuldade de apuramento dos elementos clássicos e dos géneros jornalísticos. Inclusive, a presente investigação precisou definir os géneros jornalísticos, no *corpus*, no sentido de conferir uma maior coerência epistemológica perante conteúdos híbridos. Ou seja, o carácter dinâmico e informal das publicações, com estruturas de edição distintas, dificultou a metodologia e impediu a análise de todo o conteúdo, correspondendo este a mais de trezentas páginas. Assim, optou-se por analisar apenas os géneros mais relevantes e estruturais de um jornal.

A presente análise evidencia que é possível a aplicação de critérios de comunicação intercultural e de mediação intercultural a uma publicação periódica. Inclusivamente, a sua ampla existência poderá estar por detrás da validação, já mencionada, do relatório do Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano e Augusto Mateus & Associados (2013) que expõe que esta publicação contribuiu para o diálogo intercultural. Neste sentido, considera-se pertinente a transposição de observações desta natureza para os órgãos de comunicação social generalistas, uma vez que estudos desta natureza interdisciplinar são, face ao explorado, pouco frequentes.

Tal como apontado por Monteiro (2017), o jornalismo tem um papel importante na emancipação da sociedade, sendo um elemento crucial na democracia. Porém, Silva

(2016) reflete que alguns dos principais órgãos de comunicação social europeus têm apresentado a sua visão do mundo com padrões etnocêntricos. Perante esta dualidade, e considerando a dialética exposta por Freitas (2006) entre um jornalismo comercializável e um jornalismo cidadão, poderão observar-se, neste estudo, algumas respostas ou aprofundamentos reflexivos capazes de demonstrar, por um lado, que é possível afirmar o jornalismo comunitário como elemento de mediação intercultural, conjugando a deontologia jornalística com um olhar crítico e intercultural e, por outro, que estas práticas podem facilmente ser consideradas nas rotinas de produção dos *mainstream media*.

Espera-se que, à luz do enunciado por Silva (2017), este trabalho possa contribuir para a difusão do jornalismo intercultural, também defendido pela UNESCO, demonstrando que além da sua aplicação teórica e visível na literatura científica de especialidade se possa, por intermédio deste estudo de caso, demonstrar a plausibilidade e benefício da sua aplicação, quer em projetos específicos, quer nos meios de comunicação convencionais, constituindo-se como uma forma de incentivo à pluralidade e, conseqüentemente, como uma mais-valia na construção de um espaço público cada vez mais plural, acessível e inclusivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta. <http://hdl.handle.net/10400.2/2028>
- Almeida, A. R. E. (2016). *Mouraria: História e forma urbana* [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Lisboa. Faculdade de Arquitetura. <http://hdl.handle.net/10400.5/12758>
- Alto Comissariado para as Migrações. (2015). Vencedores do prémio de comunicação “Pela Diversidade Cultural.” *Alto Comissariado Para as Migrações*. <https://www.acm.gov.pt/-/vencedores-do-premio-de-comunicacao-pela-diversidade-cultural->
- Anderson, B. (1983). *Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*. Verso.
- Associação Renovar a Mouraria. (2022). *Jornal Rosa Maria. Associação Renovar a Mouraria*. <https://renovaramouraria.pt/jornal-rosa-maria/>
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo* (L. Reta & A. Pinheiro, Trad.; 4ª ed.). Edições 70. (Obra original publicada em 1977).
- Beck, U., Giddens, A., & Lash, S. (2000). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna* (M. Augusto, Trad.). Celta Editora. (Obra original publicada em 1994)
- Bravo, M. P. (1998). *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en psicopedagogía*. Em L. Eisman, M. P. Bravo, & F. H. Pina (Eds.), *Investigación Educativa* (pp. 251–286). McGraw-Hill.
- Brickman, A. S. (2009). "Object"? I object. *Psychoanalytic Psychology*, 26(4), 402–414. <https://doi.org/10.1037/a0017715>
- Byram, M., & Zarate, G. (Eds.). (1997). *Definitions, objectives and assessment of socio-cultural competence*. Council of Europe.

Cannadine, D. (2013). *The undivided past: Humanity beyond our differences*. Alfred A. Knopf.

Castells, M. (2010). *The rise of the network society* (2ª Ed.). John Wiley & Sons.

Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano & Augusto Mateus e Associados. (2013). *Avaliação estratégica do QREN - Contributo do QREN para a inclusão social de indivíduos residentes em territórios urbanos problemáticos*. Observatório do QREN.

Chen, L. (2017). *Intercultural communication*. Walter de Gruyter.

Comissão Europeia. (2016). *The result orientation: Cohesion Policy at work*. 7th European Evaluation Conference.

https://ec.europa.eu/regional_policy/en/policy/evaluations/conferences/evaluating-effects/#3

Craveiro, M., Belo, F., & Cardoso, M. (2017). *II diagnóstico social de Lisboa 2015-2016*. Rede Social de Lisboa.

Dahlgren, P., & Sparks, C. (1991). *The mass media and power in modern democracies*. Routledge.

Deuze, M. (2005). What is journalism? A pragmatic analysis of journalistic practice. *Journalism Studies*, 6(4), 443-457.

Fenton, N., & Barasi, V. (2012). *Community journalism: Trust, democracy and citizenship*. Routledge.

Fiske, J. (1995). *Introdução ao estudo da comunicação*. Edições Asa

Freitas, V. (2006). *O papel social do jornalismo comunitário: Um estudo do Jornal Cantareira*. Centro Universitário Nove de Julho

Galli, G. (2021). O jornalismo comunitário, a democracia e as identidades individuais e coletivas. *Revista Alterjor*, 23(1), 99-124. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-1507.v23i1p99-124>

- Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *O inquérito: Teoria e prática* (4.ª ed.). Celta editora.
- Hall, S. (1996). Who needs 'Identity'? Em P. Du Gay & S. Hall (Eds.), *Questions of Cultural Identity* (pp. 1–17). <https://doi.org/10.4135/9781446221907>.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (G. Louro & T. Silva, Trad.; 11ª ed.). DP&A Editora. (Obra original publicada em 1992).
- Huntington, S. P. (2011). *The clash of civilizations and the remaking of world order*. Simon & Schuster.
- INE. (2021). População residente (N.º) por Local de residência, Sexo e Nacionalidade; Decenal.
- Jandt, F. E. (2020). *An introduction to intercultural communication: Identities in a global community* (10ª ed.). Sage Publications.
- Kiousis, S. (2002). Public opinion and the media. Em M. McCombs & D. Shaw (Eds.), *Communication and democracy: Exploring the intellectual frontiers in agenda-setting theory* (pp. 103-112). Lawrence Erlbaum Associates.
- Kress, G., & Van Leeuwen, T. (2006). *Reading images: The grammar of visual design*. Routledge.
- Kunsch, M. (2017). Comunicação intercultural e cidadania em tempos de globalização. *A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas – o caso das Ciências da Comunicação* (pp. 337-354). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
- Lazăr, L. (2012). Media as a Mediator of Intercultural Communication in the Age of Globalization. *International Journal of Communication Research*, 2(4), 291–294. https://www.ijcr.eu/articole/95_19_pdfsam_IJCR%204-2012%20tipo.pdf
- Lei nº 105/2001 de 31 de agosto. Diário da República n.º 202/2001, Série I-A. Assembleia da República. <https://dre.pt/dre/detalhe/lei/105-2001-632069>

Lowry, J. (2002). The model of public communication revisited. Em M. McCombs & D. Shaw (Eds.), *Communication and democracy: Exploring the intellectual frontiers in agenda-setting theory* (pp. 113-128). Lawrence Erlbaum Associates.

Lundby, K. (2009). *Mediatization: Concept, changes, consequences*. Peter Lang.

Machado, L. M. (2012). 30 anos de reportagem político-social na imprensa escrita do Porto (1974-2004): Jornal de Notícias, o Primeiro de Janeiro e O Comércio do Porto. *Comunicação & Inovação*, 13(25), 3-12.

<https://doi.org/10.13037/ci.vol13n25.1467>

Martín-Barbero, J. (1997). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* (P. Ronald & S. Alcides, Trad.). Editota UFRJ. (Obra original publicada em 1987)

Martín-Barbero, J. (2008). Pensar nuestra globalizada modernidad. Desencantos de la socialidad y reencantamientos de la identidad. *Iberoamericana* (2001-), 8(30), 137-153.

<https://doi.org/10.18441/ibam.8.2008.30.137-153>

Marx, K., & Engels, F. (2005). *Manifesto comunista*. (O. Coggiola, Ed. & A. Pina Trad.). Boitempo Editorial. (Obra original publicada em 1848).

Matias, A. (2015). Um outro bairro na cidade: práticas de intervenção sócio urbanística no Bairro da Mouraria. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - UNL. Retrieved 6 April 2020, from <https://run.unl.pt/handle/10362/15755>

Matias, A. R. (2015). *Um outro bairro na cidade: práticas de intervenção sócio urbanística no Bairro da Mouraria* [Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório da Universidade Nova de Lisboa.

Matos, J. X., & Pedro, A. (2011). O estudo de caso na investigação em educação - em direção a uma reconceptualização. *Atas do XI Congresso Da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, 583–587. <http://hdl.handle.net/10451/9678>

Mayer, C. H. (2020). *Intercultural mediation and conflict management training*. Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-51765-6>

- McEnery, T. & Wilson, A. (1996). *Corpus linguistics*. Edinburgh University Press.
- Mendes, M. A. (2012). Bairro da Mouraria, território de diversidade: entre a tradição e o cosmopolitismo. *Sociologia: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto*, 1, 15–41. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10007.pdf>
- Menezes, M. 2004. *Mouraria, retalhos de um imaginário: Significados urbanos de um bairro de Lisboa*. Celta Editora.
- Mintz, S. W. (2010). Cultura: uma visão antropológica. *Tempo*, 14(28), 223–237. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042010000100010>
- Monteiro, S. (2017). Informar para emancipar. *A crise do jornalismo*. Deriva Editores.
- Ramos, M. & Saggin (2018). *Jornalismo comunitário no boca de rua: perspectivas para pensar a cidadania comunicativa e sujeitos comunicantes*. Universidade Federal do Pampa
- Rebelo, F. M. V. (2019). *Mediação intercultural no acesso da população imigrante, não lusófona e residente no Porto, aos cuidados de saúde primários* [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Leiria]. IC-Online. <http://hdl.handle.net/10400.8/4008>
- Ribeiro, S. (2022). Comunicação acessível: democratizar o acesso à informação. *Mediapolis – Revista De Comunicação, Jornalismo E Espaço Público*, 14, 137–148. https://doi.org/10.14195/2183-6019_14_7
- Romero, C. (1997). (1997). La naturaleza de la mediación intercultural. *Migraciones. Publicación Del Instituto Universitario De Estudios Sobre Migraciones*, 2, 125–159. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=195526>
- Santos, M. (2014). Da Participação na cultura à cultura da participação. Em *Cultura e Participação: Animação Sociocultural em Contextos Iberoamericanos* (pp. 71-78). RIAP - Associação Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural – Nodo Português.

Silva, A. M. C. e., & Costa, E. P. da (Eds.). (2022). *Mediação intercultural: formação, ação e reflexão*. UMinho Editora/CECS. <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.63>

Silva, D. (2016), Cultural journalism in a digital environment: new models, practices and possibilities. [Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (UT Austin | Portugal CoLab). Repositório da Universidade Nova. <http://hdl.handle.net/10362/17022>

Silva, D. S. (2017). As bases do jornalismo intercultural em ambiente digital. *OBSERVARE - JANUS - a Comunicação Mundializada*, 112–113. <http://hdl.handle.net/11144/3566>

Simão, A. V., Caetano, A. P., & Freire, I. (2009). *Tutoria e mediação em educação*. EDUCA.

Sinclair, J. (2005). Corpus and text-basic principles. *Developing linguistic corpora: A guide to good practice*, 92, 1-16.

Sousa, J. P. (2005). *Elementos de jornalismo impresso*. Letras Contemporâneas.

Ten Thije, J. D. (2020). What is intercultural communication? Em G. Rings & S. Rasinger (Eds.), *The Cambridge Handbook of Intercultural Communication* (pp. 35–55). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108555067>

Thompson, J. B. (1995). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa* (4ª ed.). Vozes.

Traquina, N. (2002). *O que é jornalismo*. Quimera.

Tuber, S. (2008). *Attachment, play, and authenticity: A Winnicott primer*. Jason Aronson.

Tulumello, S., & Allegretti, G. (2020). Articulating urban change in Southern Europe: Gentrification, touristification and financialisation in Mouraria, Lisbon. *European Urban and Regional Studies*, 28(2), 111–132. doi:10.1177/0969776420963381

Weber, M. (2002). Classe, estamento e partido. Em H. Gerth & C. Mills (Eds.), *Ensaaios de Sociologia* (5ª ed). LTC.

Williams, R. (2015). *Keywords: A vocabulary of culture and society*. Oxford University Press.

Yin, R. (2001). *Estudo de caso, planejamento e métodos*. Bookman.

ANEXOS

1. ANÁLISE DE CONTEÚDO AOS EDITORIAIS

As tabelas seguintes refletem a aplicação das grelhas de observação, demonstrando um exemplo por edição face à aplicação dos critérios de comunicação e mediação intercultural nos editoriais.

1.1. Comunicação Intercultural

Facilitador da mediação como terceira parte imparcial					
Editoriais por edição	Cobre ambas as partes	Não cobre ambas as partes	Não se aplica	Exemplo	
0	x			“A matéria-prima sempre esteve diante nós! Da realidade passou-se à ideia de um jornal que falasse da tradição e da história que se encontra nas gentes e nas casas, de um lugar multicultural e moderno”	
1	x			“(…) homenagem a todas as Rosas Marias”; “A ver a sua gente, as suas gentes”;	
2	x			“(…) as suas gentes, tão únicas e diversas como cada rua”	
3	x			“Pelo menos para Paulo Santos (ver destaque nas pp. 2 e 3) não foi aceitável ver degradar-se o prédio onde a família sempre viveu (...)”; “Outra oportunidade a não desperdiçar na Mouraria é a consagração internacional do fado (...)”; “Vontade não falta aos habitantes, que acorrem sempre que há tertúlias fadistas.”	
4	x			“(…) foi elaborado o Programa de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria, num processo inédito entre a Câmara Municipal de Lisboa e as associações locais. Mas o trabalho com as pessoas no bairro, tentando resolver problemas complexos e antigos, exige estar próximo, ouvir e dar tempo. E o tempo das populações nem sempre coincide com a urgência do poder económico e do poder político.”	

5	x			“(…) tem contribuído, não apenas o investimento em dinheiro, tempo e pensamento estratégico dos técnicos da autarquia e das diversas instituições que decidem e agem sobre esta área da capital, mas, mais que tudo - factor imprescindível -, o diálogo entre estes agentes e os moradores e trabalhadores do bairro.”
6	x			“Estamos todos ligados. Na Mouraria ainda mais. E não é apenas por ser um bairro e nos bairros as pessoas tenderem a estar próximas. É porque este bairro está, desde 2010, em processo de reabilitação, o que implica muita gente a trabalhar em rede. Cerca de cinquenta entidades cooperam diariamente. Como dizem os africanos: estamos juntos!”
7	x			“Temos um tema (intergerações) que marca grande parte dos artigos, temos um texto traduzido (página 22, em bengali) e temos uma nova secção: Conversas de Bazar (página 27). A propósito de produtos à venda nos bazares da Mouraria, a Rosa Maria descobre pessoas e estórias do mundo.”
8			x	
9		x		“Somos 508 milhões de europeus. Dos refugiados sírios, os que batem à porta da Europa são apenas 250 mil. Ou seja, 0,05% da população europeia: em cada 2000 europeus, um único cidadão sírio. “; “Se não soubermos agora acolher o outro – com medo do desconhecido, medo da diferença, medo do medo –, perdemos a compostura que gostamos de ostentar. E arriscamo-nos a perder os valores que tanto tentamos proteger.”
10	x			“(…) com colaboradores que trouxeram consigo a riqueza da diversidade e o traço comum a todas e a todos: uma ligação à Mouraria.”
11				
12			x	
Contabilização	9	1	2	

Criar condições promotoras de participação				
Edições	Adapta-se de forma a potenciar a participação	Não se adapta de forma a potenciar a participação	Não se aplica	Exemplo
0			x	
1			x	
2		x		“O bairro vê-se agora rodeado pelos poderes políticos: se no Largo do

				Intendente temos o governo na cidade, com a presença do gabinete do presidente da Câmara de Lisboa, no Largo do Caldas temos o assento de algumas figuras do novo governo do país.”
3	x			“(…) para Paulo Santos (ver destaque nas pp. 2 e 3)”; “Que venha em força e que dê força ao bairro (ver entrevista da p. 18).”
4			x	
5	x			“Sentimos a necessidade de ver os moradores da Mouraria ainda mais presentes, mais participativos, dando sugestões, trocando ideias e sugestões com a Associação Renovar a Mouraria e com outros interlocutores do bairro, mas também entre eles. No fundo, tê-los mais envolvidos nos projectos do bairro, sejam eles associativos ou não. Isso é que faz sentido. E, no final, define uma comunidade.”
6	x			“Estava aqui eu, Rosa Maria, a ler esta edição do nosso jornal, quando constato: ‘Eles são todos os mesmos, falam todos uns dos outros!’ (...) Pense numa pessoa que gostasse de contactar, seja quem for e onde quer que esteja neste planeta com sete mil milhões de habitantes.”
7	x			“Uma delas, a dona Almerinda, faz 101 já em Agosto. Tentámos entrevistá-la nesta edição, mas uma queda tem-na mantido menos conversadora e teremos de aguardar. A outra é a dona Emília. Respondeu a nove perguntas que recolhemos pelo bairro, entre pessoas dos 10 anos aos 90 anos”
8			x	
9			x	
10			x	
11				
12			x	
Contabilização	4	1	7	

Aborda a interculturalidade com termos isentos				
Edições	Abordagem objetiva e isenta	Abordagem parcial	Não se aplica	Exemplo
0	x			“Pois se houve mãos que aqui foram cometendo a iniquidade, podemos hoje mostrar, para fora das barreiras invisíveis, os nossos sonhos, as nossas ambições, as nossas cores, as cores dos outros
1	x			“(…) comecei a conhecer melhor a Mouraria. A ver a sua gente, as suas gentes. E descobri que o que parecia passado, era, afinal, um presente vigoroso e que era necessário atualizá-lo”
2	x			“as suas gentes, tão únicas e diversas como cada rua”
3			x	
4			x	
5	x			“aqueles a quem vulgarmente se chama de “a comunidade” – uma palavra com fronteiras bem mais fluídas que a sua definição semântica poderia deixar adivinhar.”
6		x		“Como dizem os africanos”
7	x			“(…) temos um texto traduzido (página 22, em bengali) (...) estudamos o hábito hindu de desenhar símbolos na testa – a tilaka (...)”
8		x		“Chegaram a vir-me as lágrimas aos olhos ao ler a história por detrás da pintura do Bazar da Severa. Tocou-me particularmente, talvez por ser mulher (eu, a Rosa Maria). Enterneceu-me a união de culturas e a vizinhança, mas indignou-me a hierarquia islâmica que apaga a existência feminina.”
9	x			“12 milhões de pessoas dentro da Síria precisam urgentemente de ajuda humanitária. Metade são crianças. 4 milhões de refugiados sírios fogem da guerra, da destruição, do vazio. Metade destes, adivinhou, são crianças (...)”
10	x			“Pessoas comuns, a expressarem-se sobre e como gostam, imprimindo um traço tão múltiplo quanto os idiomas que falam”
11				
12			x	

Contabilização	7	2	3	
----------------	---	---	---	--

1.2. Mediação Intercultural

Mediação intercultural dos editoriais				
Edições	Imparcialidade do mediador	Protagonismo das partes	Foco na parte em desvantagem	Ganhos comuns
0	X [ex. (...) as nossas cores, as cores dos outros (...)]	X [ex. (...) é também pelos olhos dos outros que continuamos a voltar (...)]	X [ex. (...) São Cristóvão e Santa Justa mais próximos e menos necessitados de Socorro (...)]	X [ex. (...) Sentiu o vinho das janelas e o cheiro a caril (...) sentiu-se gente nova (...) desmanchando-se em riso e música que animaram toda a rua (...)]
1	X [ex. (...) comecei a ver melhor a Mouraria. A ver a sua gente, as suas gentes (...)]	X [ex. (...) ela cantou como se faz na Mouraria/ e eu guardei a minha voz dentro de mim/ porque eu não sou e nem vou ser a Rosa Maria (...)]	-	X [ex. (...) comecei (...) a ver a sua gente, as suas gentes. E descobri que o que parecia um passado era, afinal, um presente vigoroso (...)]
2	X [ex. A Mouraria poderá finalmente mostrar-se orgulhosa aos seus moradores e visitantes, e as suas gentes, tão únicas e diversas como cada rua, sentirão orgulho em pertencer a este bairro tão antigo de Lisboa.]	X [ex. E o mais importante talvez: qual o contributo que cada um de nós está disponível para dar neste tempo novo que aí vem?]	X [ex. De que forma as mudanças do bairro contribuirão para mudar as condições de vida dos moradores? E os problemas sociais? E a insegurança? E o isolamento dos mais velhos? E a limpeza das ruas? E a falta de espaços para as crianças?]	X [ex. Ainda assim há interrogações e, sobretudo, tanto para fazer. Os projectos aprovados revelam que se quer ir além das fachadas e do “cartão-postal”. Mas há questões que devemos sempre todos ter em mente. De que forma as mudanças do bairro contribuirão para

				mudar as condições de vida dos moradores]
3	-	-	-	-
4	X [ex. Esperemos que as pessoas não sejam esquecidas e que os problemas que ali moram há décadas não sejam varridos para debaixo do novo pavimento do largo.]	X [ex. Num processo inédito entre a Câmara Municipal de Lisboa e as associações locais. Mas o trabalho com as pessoas no bairro, tentando resolver problemas complexos e antigos, exige estar próximo, ouvir e dar tempo.]	X [ex. O preço do metro quadrado vai certamente subir, empresários irão cobiçar o tesouro agora redescoberto. Esperemos que as pessoas não sejam esquecidas (...)]	X [ex. A reabilitação do eixo Mouraria-Intendente tem tido também a preocupação de olhar para as pessoas, de as convocar para a mudança. Para concretizar esse compromisso, foi elaborado o Programa de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria, num processo inédito entre a Câmara Municipal de Lisboa e as associações locais.]
5	X [ex. Este projecto comunitário tem feito progressos notáveis, mas, arriscamos, será necessário afirmar o seu aprofundamento. Só assim se conseguirá solidificar o já construído. Para e com as pessoas do bairro.]	X [ex. Sentimos a necessidade de ver os moradores da Mouraria ainda mais presentes, mais participativos, dando sugestões, trocando ideias e sugestões com a Associação Renovar a Mouraria e com outros interlocutores do bairro, mas também entre eles. No fundo, tê-los mais envolvidos nos	X [ex. (...) um bairro histórico da cidade, localizado junto ao seu coração geográfico, mas durante demasiado tempo na periferia das condições de vida, da agenda mediática-cultural e da atenção dos decisores urbanos.]	X [ex. Este projecto comunitário tem feito progressos notáveis, mas, arriscamos, será necessário afirmar o seu aprofundamento]

		projectos do bairro, sejam eles associativos ou não. Isso é que faz sentido. E, no final, define uma comunidade.]		
6	X [ex. Estava aqui eu, Rosa Maria, a ler esta edição do nosso jornal, quando constato: 'Eles são todos os mesmos, falam todos uns dos outros!' (...)]	X [ex. Pense numa pessoa que gostasse de contactar, seja quem for e onde quer que esteja neste planeta com sete mil milhões de habitantes. (...)]	-	X [ex. Estamos todos ligados. Na Mouraria ainda mais. E não é apenas por ser um bairro e nos bairros as pessoas tenderem a estar próximas. É porque este bairro está, desde 2010, em processo de reabilitação, o que implica muita gente a trabalhar em rede (...)]
7	X [ex. Nesta edição, o nosso contributo é o de sempre: ajudar a que nos conheçamos um pouco melhor, pois não há liberdade, igualdade nem fraternidade que resista à ignorância.]	X [ex. A propósito de produtos à venda nos bazares da Mouraria, a Rosa Maria descobre pessoas e histórias do mundo.]	X [ex. A célebre Liberdade- - Igualdade- Fraternidade decretada na Revolução Francesa, há mais de duzentos anos, continua uma recém-nascida, com quase tudo por aprender.]	X [ex. Abraços a todos. E não se esqueçam... O que podemos fazer nós hoje para que o ano de 2114 veja os nossos centenários bebês sorrir?]

8	X [ex. Emocionei-me bastante ao ler esta edição, cheia de notas muito interessantes sobre migrações. Chegaram a vir-me as lágrimas aos olhos ao ler a história por detrás da pintura do Bazar da Severa. Tocou-me particularmente, talvez por ser mulher (eu, a Rosa Maria).]	X Ex. [Enterneceu-me a união de culturas e a vizinhança]	X Ex. [Nesta edição cheguei também a sentir medo. Sim, medo. Medo que, pela má conduta de alguns, outros aproveitem para generalizar e fomentar a xenofobia. Pensei nisto ao ler sobre os vistos gold e a alegada corrupção que envolve empresários da China. Oiço amiúde neste bairro comentários antipáticos sobre as pessoas chinesas, e isso choca-me.]	-
9	X Ex. [Se não soubermos agora acolher o outro – com medo do desconhecido, medo da diferença, medo do medo –, perdemos a compostura que gostamos de ostentar. E arriscamo-nos a perder os valores que tanto tentamos proteger.]	-	X Ex. [Agora que nos pedem ajuda é que é a altura de perguntar pelos “nossos pobres”, prioritários na lista de espera da nossa caridade? Há prioridade na solidariedade?]	X Ex. [Nem é assim tão complicado: em Portugal, temos as pessoas, as instituições e a experiência para receber estes refugiados – mil, três mil, muitos mais. E nem precisamos de nos lembrar de quando fomos nós a saltar a fronteira para refazer a vida em países mais ricos que o nosso]
10	-	X Ex. [(...) Rosa Maria nº10 sai à rua vestido com as cores das bandeiras	X Ex. [(...) Gente que aqui trabalha, que aqui atravessa o seu quotidiano,	X Ex. [Uma construção coletiva, num constante processo

		de 15 países e com a participação de mais de 70 aventureiros.]	gente que ainda vive e muita gente que já não vive, obrigada a sair pelos preços proibitivos.]	
11				
12	X EX. [E aqui temos esta Rosa Maria, voz de tantos sotaques, a falar de silêncio (...)]	X Ex. [(...) este é o primeiro Rosa Maria que não leva rostos à capa. Também é o que mais leva rostos dentro.]	X Ex. [(...) Aprendemos sobre as mazelas de um sistema que assenta nas desigualdades, e que um direito básico – o de ter uma casa – é um privilégio de poucos.]	X Ex. [A todos aqueles que colaboraram nas últimas três edições do nosso Rosa Maria, àqueles que aqui chegaram muito antes e que nos permitiram estar aqui agora, àqueles que colaboraram e aqueles que se tornaram família, o meu mais profundo agradecimento (...)]
Contabilização	10	10	9	10

2. ANÁLISE DE CONTEÚDO ÀS REPORTAGENS

As tabelas seguintes refletem a aplicação das grelhas de observação, demonstrando um exemplo por edição face à aplicação dos critérios de comunicação e mediação intercultural nas reportagens.

2.1. Comunicação intercultural

Facilitador da mediação como terceira parte imparcial			
Edições	Cobre ambas as partes	Não Cobre ambas as partes	Exemplo
0		x	
1		x	
2	x		“Aqui vivem mais de 40 pessoas, entre indianos, romenos, portugueses e angolanos.

			Um verdadeiro cadinho de nacionalidades e religiões”
3	x		A livraria, situada no 1º andar do Centro Comercial da Mouraria, cativa clientes chineses. Mas há cada vez mais portugueses interessados, que estudam chinês e querem comprar livros, normalmente de difícil acesso.
4	x		Falam do profundo respeito que todas religiões lhes merecem e no seu altar como por exemplo, imagens católicas, como a da Nossa Senhora de Fátima.
5	x		“Contaram-me que todos fazem parte de um grupo auto-organizado de alunos bangladeshis, indianos e paquistaneses que queriam fazer teatro. “Gostávamos de fazer uma peça de teatro e representar as tradições dos nossos países, porque os portugueses não sabem muito; mostrar, por exemplo, um casamento na Índia, maneiras de celebrar ou formas de vestir”, conta a Naira - e mostra-me as mãos pintadas com hena, ornamento típico das mulheres dessa região.”
6	x		“Este grupo desenvolve trabalho desde 1998 baseado na filosofia do Teatro do Oprimido, uma metodologia criada na década de 60 pelo brasileiro Augusto Boal e que aposta nesta arte como uma poderosa ferramenta de transformação social.”
7	x		“Mais de cem ravidasis encheram a Sala Fernando Maurício do Grupo Desportivo da Mouraria, no passado dia 9 de Maio, para receberem uma sumidade: Sant Niranján Dass Ji, líder do santuário Dera Sach Khand, em Ballan, na região indiana do Punjab.”
8	x		“Hoje, o edifício que alberga o Centro Republicano (e também um cabeleireiro e lojas de revenda) pertence a um chinês que o comprou ao último dos quatro proprietários dos últimos quarenta anos. Recuperou a fachada do lado da Rua do Benfornoso e aceitou manter o tradicional espaço do Centro Republicano, respeitando o facto de ser uma associação tão importante e simbólica em Lisboa.”
9	x		Se a Mouraria é o centro da multiculturalidade lisboeta, então também é o umbigo da diversidade religiosa da cidade. Ao domingo, a fé toma conta do bairro, é espetáculo para os sentidos. O ROSA MARIA andou pelos templos a perceber quem são os líderes religiosos que

			aqui vivem – e quais as suas doutrinas. Uma viagem à volta do mundo, em oração.”
10	x		"Dhurba Ghimire chegou a Portugal há 4 anos, sem conhecimento algum do idioma ou mesmo sobre a cultura local. Encontrou acolhimento graça à grande comunidade nepalesa (...) garante ter amigos portugueses e muitos nepaleses"
11	x		"Para os bengaleses, além do clima similar, os locais são pacíficos e acolhedores"
12	x		"Passear pela Mouraria é sentir um estímulo aos sentidos: dos cheiros dos restaurantes de todos os cantos do mundo”
Contabilização	11	2	

Coloca as partes em contacto			
Edições	Integra as partes em assuntos comuns	Integra apenas uma das partes	Exemplo
0		x	
1		x	
2	x		““Somos do Punjab, que fica no norte da Índia. De Nova Deli partimos de avião até Istambul e daqui viemos para a Europa. Moramos na vila desde 2009 e gostamos de aqui estar”, conta Shifali. (...) Na vila Almeida de hoje vivem apenas dois casais portugueses. D. Rosa, 65 anos, é a moradora mais antiga. Seguindo pelo labirinto de corredores, chega-se ao rés- -do-chão, nº 2. Abre a porta o Sr. Diogo, companheiro de D. Rosa, que cordialmente informa: “a Rosinha deve estar no Clube Monte Pedral, na Graça””
3		x	
4	x		“Sentada num banco, Isabel, 50 anos e três décadas a vender o corpo, concorda, embora reconheça a utilidade de uma iniciativa de apoio social mais ampla. “O que eu gostava é de ter Segurança Social” (...) Maria Santos, 65 anos, concorda com a ideia, “porque todos precisam de segurança”. Já a sua mãe, Maria de Lurdes, 84 anos, gostava que as pessoas fossem ajudadas, mas tem algumas dúvidas. “Nunca vi o bairro tão degradado”, queixa-se.
5	x		“Entretanto, ao meu encontro vêm dois alunos acompanhados pelo director da turma. Jahidul, do Bangladesh, e Gurpreet, da Índia,

			(...) Fiquei com impressão que os imigrantes, vindo de fora e trazendo línguas, tradições e culturas estrangeiras, incompreensíveis para a maioria, também trazem à memória os hábitos que aqui existiam, mas que se vão esquecendo. Relembra a necessidade de reparar não tanto na diferença, senão na semelhança.”
6	x		“Dezenas de estrangeiros aprenderam língua portuguesa ao longo deste ano, em grupos de diferentes níveis, incluindo preparação para a prova obrigatória em processos de aquisição de nacionalidade. Na foto, uma aula com a professora Joana Chocalinho. (...) O angolano Aldo Milá, na foto, foi uma das pessoas que já cozinharam na cafetaria”
7	x		“As obras são feitas por gente mal-intencionada que quer ganhar muito e trabalhar pouco. Enganam até pessoas que sabem que são carenciadas”, diz Luís Lin, 57 anos, criado na Mouraria, filho de uma portuguesa e de um chinês imigrante que fabricava malas em casa, na Rua das Farinhas. (...) A ADAO é uma associação sem fins lucrativos e estava para nascer desde que começou a reabilitação da Mouraria, por ideia de João Meneses, coordenador do GABIP”
8	x		“Transmouraria (...) São as imagens de um bairro histórico e multicultural em reabilitação desde 2010 e cujo futuro já está a ser documentado, clique a clique, pela Carla”
9	x		“Edgar Clara O padre todo-o-terreno Tem oito igrejas a seu cargo e, para ir de umas para outras, prefere fazer-se ao caminho a pé. Mas, afinal, de onde vem e para onde vai o pároco dos três mil católicos que vivem na Mouraria? (...) Satnam Singh O banquete de fé: Há cânticos, há uma explosão de cores, há comida para toda a gente. A alegria serena da comunidade indiana é alimentada todos os domingos, no templo Shri Guru Ravidass Sabha”
10	x		Retratos da Mouraria
11	x		“Há rostos frente à loja”
12	x		“Duas histórias reais”
Contabilização	11	2	

Criar condições promotoras de participação			
Edições	Adapta-se de forma a potenciar a participação	Não se adapta de forma a potenciar a participação	Exemplo
0	x		"Quando se entra na pequena mercearia do Largo do Terreirinho somos de imediato contagiados (...)"
1	x		"Logo à entrada um curioso estendal comunitário, paleta colorida, onde sobressaem os amarelos, verdes e castanhos dos saris, a túnica das mulheres indianas. No pátio central, a algazarra das crianças a brincar e as mulheres a conversar à porta. Escutamos nomes como Harpiya, Nikita, Shifali ou Corina e sentimos o cheiro a especiarias - bem-vindos, estamos numa vila da Mouraria."
2	x		"Procuramos a nº 7 - aqui mora a família de Shifali, uma hindu de 13 anos. A porta está aberta e entramos directamente para uma cozinha muito estreita"
3	x		"Com espanto descobrimos a loja do Professor Wu no Centro Comercial Martim Moniz, rara em todos os sentidos. É uma livraria chinesa que também nos encanta com o seu artesanato vermelho, a cor da China."
4	x		"José e Fátima Aguiar recebem o Rosa Maria com atenção e solicitude. No R/C à entrada, escadas em pedra dão um ambiente de frescura, fazendo imediatamente esquecer o pó das obras (...)"
5	x		"Entro na escola. Os grupos de crianças de diferentes idades estão espalhados pelos corredores. (...) Entretanto, ao meu encontro vêm dois alunos acompanhados pelo director da turma. Jahidul, do Bangladesh, e Gurpreet, da Índia (...)"
6	x		"Sol caminha encurvada, mas o discurso é recto. E correcto. Dificilmente se adivinharia que ficou (...)"
7	x		"Dona A. vive no segundo andar em prédio centenário, num dos becos da Mouraria. Chega-se lá subindo uns estreitos lanços de escadas de madeira. E é à entrada de um apartamento minúsculo e velhíssimo que aguardamos que a senhora termine a higiene, serviço prestado pelo (...)"
8	x		"O senhor Vítor, com a mulher Alice Pereira e a filha Ana Maria, na casa desta, em

			recuperação após um internamento, em Outubro, devido a problemas pulmonares”
9	x		“O ROSA MARIA andou pelos templos a perceber quem são os líderes religiosos que aqui vivem – e quais as suas doutrinas. Uma viagem à volta do mundo, em oração.”
10	x		"Já quase em frente às (novas) escadinhas rolantes da Saúde, na Rua Marquês de Ponte de Lima, encontramos um café (...) somos recebidos por um jovem delicado a acolher (...)"
11	x		“Há rostos frente à loja”
12	x		“Numa caminhada durante a quarentena, as ruas, naturalmente, estão mais vazias, mas a vida do local, mesmo que reclusa, se faz presente de outra forma”
Contabilização	13		

Aborda a interculturalidade com termos isentos:			
Edições	Abordagem objetiva e isenta	Abordagem parcial	Exemplo
0	x		“Paula Petreca é natural de São Paulo, Brasil, e investigadora no Centro de Estudos em Dança da Universidade Católica (...)”
1	x		“Nasce em Moçambique em 1973 e vem morar na Mouraria com 4 anos”.
2	x		“Aqui vivem mais de 40 pessoas, entre indianos, romenos, portugueses e angolanos. Um verdadeiro cadinho de nacionalidades e religiões.”
3	x		“Wu Liang Yuan, nasceu em 1937 na localidade de Qing Tian, Província de Zhe Jiang.”
4	x		“Vieram do Punjab, no noroeste da Índia, mas não ao mesmo tempo. Primeiro chegou o pai, Singh, 40 anos, há 11 em Portugal.
5	x		“Na Escola Básica 2+3 Gil Vicente, alunos de várias culturas e etnias aprendem sobre a diferença e a semelhança.”
6	x		“Daljit Singh, 17 anos, residente na Mouraria”
7		x	“Chineses celebraram o ano novo no Martim Moniz”
8		x	“Hoje, o edifício que alberga o Centro Republicano (e também um cabeleireiro e lojas de revenda) pertence a um chinês que o comprou (...)”

9	x		“Madhu Sudan, outro funcionário da loja, está em Lisboa há poucos meses. Veio do Nepal à procura de oportunidades (...)”
10	x		“E a Mouraria é tão espaço quanto tempo. Abarca de onde viemos, onde habitamos, o tempo que seremos, que fomos e o tempo que somos “
11	x		“Como é a vida portuguesa do casal M. Ziaur Rahman e Fow Zia Sunny, que escolhei Lisboa para morar, criar as duas filhas e montar o próprio negócio”
12		x	“Conflito entre bengaleses (...)”
Total	10	3	

2.2. Mediação intercultural

Mediação intercultural das reportagens				
Edições	Imparcialidade do mediador	Protagonismo das partes	Foco na parte em desvantagem	Ganhos comuns
0	-	X Ex. [...] Frank, nome pelo qual gosta de ser tratado, fala (...)]	-	-
1	-	X Ex. [...] A família Amoedo (...)]	X Ex. [...] Em 1981 foi trabalhar para a Associação Pró-infância da Mouraria, que encerrou portas em Julho (...) não sabe o que o futuro lhe reserva (...)]	X Ex. [...] do “Boy Formoso” à carne halal (...) A rua é agora um mosaico de culturas onde o “Boy formoso” pode ser servido como carne halar (...)]
2	X Ex. [...] No pátio central, a algazarra das crianças a brincar e as mulheres a conversar à porta. Escutamos nomes como Harpiya, Nikita, Shifali ou Corina e sentimos o cheiro a especiarias - bem-vindos, estamos numa vila da Mouraria. (...)]	X Ex. [...] Em torno do pátio central, alinham-se as casas, separadas por menos de três metros. Procuramos a nº 7 - aqui mora a família de Shifali, uma hindu de 13 anos. A porta está aberta e entramos directamente para uma cozinha muito estreita. Ao ver-nos, Shifali dá uma última mexida no perfumado guisado vegetariano, cumprimenta-nos com um grande sorriso e acompanha-nos à única assoalhada da casa (...)]	X Ex. [...] O casal está desempregado, mas Medianca faz questão de explicar no seu português rudimentar que estão inscritos na “segurança social”. (...)]	-

3	X Ex. [Na casa do Sr. Carlos Cardeira (na foto) trava-se uma batalha inglória contra a humidade (...).O Rosa Maria tentou falar com o proprietário do edifício, mas sem sucesso.]	X Ex. [(...) Paulo Santos tem 24 anos e mora no Beco do Jasmim, freguesia do Socorro. Com 18 anos decidiu tomar em mãos a tarefa de recuperar a casa da avó. Ao Rosa Maria recordou, na primeira pessoa, as peripécias para reabilitar o edifício. Uma história movida pelo afecto e pelas memórias de família. (...)]	X Ex. [(...) Prédios a cair para o lado, pessoas de idade a viver em condições miseráveis, restaurantes que fecham. Há quem teime em reabilitar imóveis, mas a trama de dificuldades é complexa. Na Mouraria existem centenas de casas vagas ou em mau estado - paredes à espera e moradores que desesperam. (...)]	X Ex. [(...) Mas a reabilitação dos edifícios é uma tarefa de todos. Até porque, num terreno inclinado, os problemas de uns representam normalmente problemas para os outros. A Mouraria situa-se na colina norte do Castelo. E em vários casos que aqui mostramos, a realidade faz lembrar um castelo de cartas. (...)]
4	X Ex. [(...) A oferta gastronómica da Mouraria está cada vez melhor. Na nova pastelaria bangladeshiana, Sundorbon Sweets, podemos encontrar os mais variados doces e também uma grande oferta de pratos salgados da fascinante cozinha indiana: (...)]	X Ex. [(...) vieram do Punjab, no noroeste da Índia, mas não ao mesmo tempo. Primeiro chegou o pai, Singh, 40 anos, há 11 em Portugal. Durante o dia, trabalha como servente nas obras, à noite vende flores. (...)]	X Ex. [(...) Sozinhos em casa. Os dados do Instituto Nacional de Estatística dão que pensar: Portugal tem mais de um milhão e duzentos mil idosos a viverem sós ou na companhia de outros idosos. (...)]	X Ex. [(...) O Martim Moniz é o centro das compras desta família. Para terem acesso às roupas tradicionais só mesmo vindo da Índia. Aqui não há sítio para as comprar. Na escola, as roupas ocidentais cedem o lugar às belas vestes tradicionais, guardadas para estar em casa e para ir à igreja. (...)]
5	X Ex. [(...) Caracterizar um bairro é sempre um exercício sujeito à	X Ex. [(...) A antítese de visões permite olhar a Mouraria de outras maneiras,	X Ex. [(...) Entretanto, ao meu encontro vêm dois alunos	X Ex. [(...) Fiquei com impressão que os imigrantes, vindo de fora e

	<p>contradição. No fundo, reflecte as visões de cada um. No caso da Mouraria, área em mudança acelerada, isso ainda se sente mais. Entre a preservação da tradição e dos mitos do “bairro típico”, por um lado, e a criação de uma vibrante nova comunidade multicultural, por outro, joga-se muito do que será esta área do coração de Lisboa. (...)]</p>	<p>descobrir opiniões e pensamentos sobre o bairro. (...) A divergência ou convergência de visões da Mouraria, por dentro e por fora, de quem visita e de quem a retrata, não deixa de ser um retrato real e imaginado de um bairro.]</p>	<p>acompanhados pelo director da turma. Jahidul, do Bangladesh, e Gurpreet, da Índia, são amigos da turma 6ª terceira e vizinhos na Mouraria. Estão dispostos a mostrar-me a escola. (...)]</p>	<p>trazendo línguas, tradições e culturas estrangeiras, incompreensíveis para a maioria, também trazem à memória os hábitos que aqui existiam, mas que se vão esquecendo. Relembra a necessidade de reparar não tanto na diferença, senão na semelhança. (...)]</p>
6	<p>X Ex. [(...) Na Mouraria é habitual cruzarmo-nos com jovens que usam uma bolinha de pano sobre a cabeça. Que bolinha é essa? Chama-se patka. Usam-na os sikhs (...)]</p>	<p>X Ex. [(...) Daljit Singh, 17 anos, residente na Mouraria (...)]</p>	<p>X Ex. [(...) Feios, porcos e maus? A vizinhança atira-lhes baldes de água, a polícia faz marcação cerrada. Dependem de heroína ou cocaína. A Mouraria é ponto de encontro de mais de duzentos consumidores destas drogas. Viagem ao mundo da droga e do amor (...)]</p>	-
7	<p>X Ex. [Em que ano estamos? Depende do aniversário do profeta de cada</p>	<p>X Ex. [Nasceu em Belmonte no ano de 1913 e vive na Mouraria há mais de setenta.</p>	<p>X Ex. [Já está no terreno a ADAO – Associação Dedos à Obra. Foi criada a</p>	<p>X Ex. [Pela primeira vez, a comunidade chinesa festejou a chegada do novo</p>

	<p>cultura, sendo que a maioria dos dias de Ano Novo variável em função de calendários lunares. A Terra, essa, para os cientistas, existe há 4,5 mil milhões de anos. Os primeiros hominídeos terão surgido há uns cinco milhões e a actual espécie de seres humanos, homo sapiens sapiens, há duzentos mil anos.]</p>	<p>Conversou com o ROSA MARIA e respondeu às perguntas que recolhemos pelo bairro, entre os seus vizinhos, com idades dos 10 aos 90 anos.]</p>	<p>pensar especialmente nos idosos mais desfavorecidos da Mouraria, mas todos podem requisitar os serviços, até noutros bairros.]</p>	<p>ano num evento público organizado por todas as associações chinesas de Lisboa, em parceria com a câmara municipal e a embaixada da República Popular da China. No passado dia 1 de Fevereiro, o Ano do Cavalo chegou em grande ao Martim Moniz]</p>
8	<p>X Ex. [São os dois únicos jornais chineses feitos em Portugal para chineses, ambos semanários. Um está na Mouraria e chama-se Europe Weekly. O outro é o PuXin e acaba de mudar-se para Arroios. Só há dois jornais para chineses em Portugal e ambos estão por aqui.]</p>	<p>X Ex. [Hoje, o edifício que alberga o Centro Republicano (e também um cabeleireiro e lojas de revenda) pertence a um chinês que o comprou ao último dos quatro proprietários dos últimos quarenta anos. Recuperou a fachada do lado da Rua do Benfornoso e aceitou manter o tradicional espaço do Centro Republicano, respeitando o facto de ser uma associação tão importante e simbólica em Lisboa]</p>	<p>X Ex. [Amélia tem 80 anos. Na Mouraria, é a segunda pessoa a beneficiar deste tipo de pequenas remodelações pela Just a Change (uma simples mudança). Um dos quartos interiores, sem janela nem respiração, era húmido; a tinta estava enegrecida, as paredes rachadas, os tectos estragados]</p>	<p>X Ex. [Os fundos são angariados através de espectáculos de rua e donativos de empresas, ou mesmo com apoios de empresas na área da construção civil, que cedem os materiais – como é o caso das tintas Dyrup. A associação já remodelou cerca de quinze casas particulares e sete instituições.]</p>

9	X Ex. [(...) As crianças da Mouraria estream, finalmente, a Escola Básica do Convento do Desagravo. Situada no Campo de Santa Clara, junto ao Panteão Nacional, esta é a nova escola básica do Agrupamento Gil Vicente (...)]	X Ex. [(...) Se a Mouraria é o centro da multiculturalidade lisboeta, então também é o umbigo da diversidade religiosa da cidade. Ao domingo, a fé toma conta do bairro, é espetáculo para os sentidos. O ROSA MARIA andou pelos templos a perceber quem são os líderes religiosos que aqui vivem – e quais as suas doutrinas. Uma viagem à volta do mundo, em oração. (...)]	X Ex. [(...) Li Guo A resistência chinesa Perseguidos durante a revolução cultural, os evangélicos chineses constituem a segunda maior religião do país. (...)]	X Ex. [(...) Uma campanha de crowdfunding já permitiu angariar fundos para o restauro da Última Ceia. A compra de telhas é outra das muitas formas de contribuir para recuperar este património. Se quiser ajudar, ou apenas apreciar a “Arte por São Cristóvão”, pode passar na igreja ou visitar o site (...)]
10	X Ex. [Há tanto a se falar sobre esta família que deixamos aqui o convite para visita-los no número 21 da Rua Marquês de Ponte de Lima]	X Ex. [(...) Somos recebidos por um jovem dedicado a acolher com atenção os pedidos dos idosos (...) Dona Esmeralda (...) alegra-se ao saber que justamente o jovem por trás do balcão estará na próxima edição. Ao receber o seu prato diz: “Ele é mesmo muito bonzinho”.)]	X Ex. [As famílias da Rua dos Lagares então decidiram não estar à espera do despejo (...) nasceu assim a mobilização da Rua dos Lagares, liderada pelas mulheres do prédio (...)]	X Ex. [Dicionário da migração (...) emigrante é a pessoa que (...) imigrante é uma pessoa que (...) existem mais de 2 milhões de emigrantes portugueses (...)]
11	X Ex. [Durante a entrevista para a equipa do Jornal Rosa Maria, ela gentilmente oferece um lemon lassi,	X Ex. [Há rostos frente à loja (...) “Mouraria é (...) o lugar mais fotogénico da cidade (...) multicolorido, cheio de	X Ex. [A produção do rap encontra-se, não fugindo ao seu historial, numa representação desequilibrada	X Ex. [Para os bengaleses (...) os locais são pacíficos e acolhedores (...) A expectativa é que esta relação de mais de 500 anos

	bebida tradicional da sua cultura (...) observa a nossa reação ao experimentar: “gostaram?”]	contradições, mas acima de tudo, verdadeiramente autêntico e único]	no concerne ao género. Este artigo tem a intenção de dar-vos a conhecer os primórdios do rap com a estética feminina em Lisboa]	entre ambos os países permaneça amigável ao longo do tempo]
12	X Ex. [(...) mais do que a igualdade, o arco-íris da bandeira LGBTQI+ representa a liberdade e a luta pra podermos ser diferentes, com direitos e R-E-S-P-E-I-T-O (...)]	X Ex. [(...) Mouraria. Imigrante. Estranho. Em meu primeiro contacto ao chegar à Lisboa (...)]	X Ex. [O corpo queer, imigrante e afro descendente, debruça sobre um tipo de corporeidade em trânsito de género face ao racismo e a sua relação com a produção do medo e da violência na cidade (...)]	X Ex. [(...) a partir desses movimentos temos a chance de estarmos um pouco mais confortáveis no caminhar na cidade em coletivo com segurança que não estamos sozinhos com a sensação que podemos nos sentimos em casa (...)]
Contabilização	11	13	12	10

3. ANÁLISE DE CONTEÚDO ÀS NOTÍCIAS

As tabelas seguintes refletem a aplicação das grelhas de observação, demonstrando um exemplo por edição face à aplicação dos critérios de comunicação e mediação intercultural nas notícias.

3.1. COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

Facilitador da mediação como terceira parte imparcial			
Edições	Cobre ambas as partes	Não cobre ambas as partes	Exemplo
0		x	

1	x		“uma mesa e à volta dela portugueses, italianos, indianos, romenos e brasileiros, de todas as idades, de todas as crenças, de todas as cores (...)”
2	x		“Eleições na comunidade Bangladesh (...) বাংলাদেশ কমমউমিটি অফ পৰ্তু গাল ”
3	x		“Festival celebrou a cultura chinesa” “José Manuel Osório, um fado fortaleza”
4	x		“Alfabetização para todos, língua e cultura portuguesas para imigrantes, apoio ao estudo e apoio ao cidadão (...)”
5	x		“Tal missão é conseguida pelo contacto das pessoas que usam drogas, trabalhadores do sexo, migrantes em situação de vulnerabilidade e pessoas sem-abrigo com os serviços de saúde e sociais.”
6	x		“Líderes de várias religiões estiveram reunidos em fraternidade.”
7	x		“A Associação Renovar a Mouraria, em parceria com o Instituto Marquês de Valle Flôr, acaba de colocar o bairro da Mouraria na rede internacional MygranTour – Rotas Urbanas Interculturais. É uma rede de guias migrantes que permite a cidadãos oriundos de outras partes do mundo mostrarem os bairros onde escolheram viver, tal como eles os vêem – convidando todos os que por lá passam a olhar para as ruas com outros olhos e a escutar novas histórias.” “O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, António Costa, passou (...)”
8	x		“Foram arrematados sobretudo por investidores chineses (...) após o leilão, rebentou o escândalo dos vistos gold, que implicou a demissão do ministro da Administração Interna, Miguel Macedo.
9	x		“Florência, de Buenos Aires, e Erica, de São Paulo, conheceram-se em Lisboa (...)” “Um dos projectos incubados é desenvolvido por Mauro Cordeiro, 26 anos, e João Patrício, 30.”
10	x		“Foram capacitados 21 formados, provenientes da Argentina, Brasil, Guiné-Bissau, Japão, Polónia, Rússia, Síria e Ucrânia”
11	x		“(...) por mulheres, pessoas trans, não binárias e, inclusive, homens. Brancxs e negrxs, mais ou menos jovens, portugueses e estrangeiros.”

12	x		“Conflito entre bengaleses na Mouraria, qual é a história por detrás” “Toda essa situação era observada de perto por alguns jornalistas. Dentre eles, uma mulher portuguesa nascida em (...)”
Total	12	1	

Coloca as partes em contacto			
Edições	Integra as partes em assuntos comuns	Integra uma das partes	
0	x		“Assim, convidamos TODOS a conhecerem o grande circo cigano de Alexander Romanès (...) a acompanharem o fado de Aldina Duarte (...)”.
1	x		“uma mesa e à volta dela portugueses, italianos, indianos, romenos e brasileiros, de todas as idades, de todas as crenças, de todas as cores (...)”
2	x		“Eleições na comunidade Bangladesh (...) বাংলাদেশ কমমউমিটি অফ পতু গাল ”
3	x		“Dezenas de pessoas participaram nas actividades, aproximando o bairro e o público à comunidade chinesa.”
4	x		“A Escola da Madalena, inserida na rede da Escola Intercultural, reúne alunos de mais de 15 nacionalidades. O objectivo foi trabalhar as relações entre a Arquitectura, as artes e o espaço urbano da Mouraria”
5	x		“(...) onde todos puderam usufruir de uma tarde de festa e cultura, com desfile de gaiteiros, exposição de fotografia de Camilla Watson, flamenco e fado, entre outros.”
6	x		“Líderes de várias religiões estiveram reunidos em fraternidade.”
7	x		“Os novos guias da Mouraria são do Brasil, Congo, Irão, Bangladesh, Paquistão, da Polónia e da Ucrânia, entre outros países. Um convite a conhecer as mil e uma Mourarias, a não perder!”
8	x		“O projecto chama-se “Migrantour – Rotas Urbanas Interculturais” e está a ser implementado desde Maio, com uma fase inicial de recrutamento e formação que contou com imigrantes do Brasil, Bangladesh, Congo, Irão, Paquistão, Polónia e Ucrânia.

			Em Janeiro abrem mais vinte vagas. É a segunda fase deste projecto que começou em 2010 com o operador de turismo sustentável italiano Viaggi Solidali, a fundação de empreendedorismo social ACRA e a Oxfam Itália, filial da rede anti-pobreza Oxfam. Co-financiado pela União Europeia, está agora em nove países. Em Portugal, os parceiros são a Associação Renovar a Mouraria e o Instituto Marquês de Valle Flôr.”
9	x		“Vivem na Mouraria ou noutros bairros lisboetas, mas chegam de todas as partes do mundo: Portugal, Brasil, Gâmbia, Angola, Cabo Verde, Guiné, Uruguai, Argentina, Espanha, Itália, Bielorrússia e tantos outros lugares. São estes vizinhos que todas as sextas e sábados, sempre às 19 horas, trazem música ao palco da Mouradia. O projecto, feito em parceria com a câmara municipal, promove artistas emergentes e traz ao público cultura gratuita. O objectivo maior é fazer circular estes artistas por outros palcos, nacionais e internacionais.”
10		x	
11	x		“(…) por mulheres, pessoas trans, não binárias e, inclusive, homens. Brancxs e negrxs, mais ou menos jovens, portugueses e estrangeiros.”
12			“(…) orquestra de percussão instrumental, corporal, exploração sonora e voz, direccionada à comunidade migrante e não migrante.”
Total	12	1	

Cria condições promotoras de participação			
Edições	Adapta-se de forma a potenciar a participação	Não se adapta de forma a potenciar a participação	Exemplo
0	x		“(…) conta a Rosário Farmhouse, Alta Comissária do ACIDI (…)”
1		x	
2		x	
3	x		“O MASC - Movimento de Amigos de São Cristóvão, como está referido na sua página de facebook “partiu da vontade e das conversas de rua/café do bairro de alguns amigos (…)”
4		x	

5	x		“Como somos da Mouraria, inovámos, enriquecendo a tradicional e clássica visita pelo bairro (...)”
6	x		“Qualquer cidadão do bairro pode cozinhar um jantar típico da sua região. Divulga a sua cultura, delícia os convidados e reforça os seus rendimentos.”
7	x		“(...) conta Ana Silva, 57 anos, desde os 12 por aqui.”
8	x		“(...) conta Ana Cosme, do Catch Up.”
9	x		“(...) Contudo, Pedro Santana Lopes informou que o edifício servirá para “resposta social, cultural e (...)”
10	x		“Para uma imigrante (...)”
11	x		“Dá-te a conhecer ao feminismo (...)”
12		x	
Total	9	4	

Aborda a interculturalidade com termos isentos			
Edições	Abordagem objetiva e isenta	Abordagem parcial	Exemplo
0	x		“(...) este é um território pleno de História e de histórias
1	x		“O Ramadão na Mouraria (...) Entre Agosto e Setembro, sempre ao pôr do sol, o cheiro a comida espalhava-se pelas ruas (...)”
2	x		“Eleições na comunidade Bangladesh (...) resultou a vitória da lista Verde, liderada por Rabbir (...)”
3	x		“Identidades Híbridas é um projecto sobre as novas relações que se estabelecem nos bairros das cidades da Europa; e de como estas relações contribuem para a criação de formas identitárias pela interculturalidade.”
4	x		“Na MOURADIA os projectos são de todos e para todos, transversais a todas as idades, apostando num enriquecimento intergeracional e intercultural.”
5	x		“Tal missão é conseguida pelo contacto das pessoas que usam drogas, trabalhadores do sexo, migrantes em situação de vulnerabilidade e pessoas sem-abrigo com os serviços de saúde e sociais.”
6	x		“Religiões Unidas Líderes de várias religiões estiveram reunidos em fraternidade.”
7	x		“É uma rede de guias migrantes que permite a cidadãos oriundos de outras partes do mundo mostrarem os bairros onde escolheram viver, tal como eles os vêem (...)”
8	x		“Foram arrematados sobretudo por investidores chineses, numa operação com um valor base de (...)”
9	x		“Florência, de Buenos Aires, e Erica, de São Paulo, conheceram-se em Lisboa (...)”
10	x		“Foram capacitados 21 formandos, provenientes da Argentina, Brasil (...)”
11	x		“(...) por mulheres, pessoas trans, não binárias e, inclusive, homens. Brancxs, negrxs, mais ou menos jovens, portugueses e estrangeiros (...)”
12	x		“(...) através da ativista americana Kimberlé (...)”
Total	13	0	

3.2. Mediação intercultural

Mediação intercultural das notícias				
Edições	Imparcialidade do mediador	Protagonismo das partes	Foco na parte em desvantagem	Ganhos comuns
0	X Ex. [Já tínhamos centenas de propostas, novas iam chegando, eis quando surge a Adriana com a rosa Maria perdigueira e irrequieta. De imediato foi sugerido o seu nome foi a votos e ganhou com: o jornal da maioria e de seu nome Rosa Maria]	X Ex. [A dançarina Paula Peteca está a preparar uma performance (...) é natural do brasil (...)]	-	X Ex. [Novos vizinhos para o Intendente]
1	X [as visitas guiadas a maioria são dos vários projetos dinamizados pela Associação Renovar a Mouraria (ARM) e pretendem dar a conhecer um dos bairros mais tradicionais e multiculturais de Lisboa]	X Ex. [(...) a Conversas de Rua é uma Instituição Particular de Solidariedade Social que, dentro do seu quadro de intervenção, trabalha no reforço das capacidades das pessoas, associações e outras (...)]	X Ex. [O Ramadão na Mouraria]	X Ex. [Guiados por residentes, os participantes entram facilmente na intimidade de um bairro cheio de tesouros. Sem reservas. Basta aparecer.]
2	X [Será um trabalho indissociável dos laços e dos afectos construídos em torno do Edifício-Manifesto. Em nome da Mouraria, em nome de Lisboa.]	X [Eleições na comunidade Bangladesh]	X [Eleições na comunidade Bangladesh]	X [O Festival Todos só acontece em Setembro, mas a Mouraria já começa a viver o espírito daquele que já é considerado um dos mais importantes

				eventos culturais da cidade.]
3	X Ex. [Mais uma boa notícia para a Mouraria e mais uma prova de que quando o esforço e a vontade colectiva se conjugam é, de facto, possível mudar para melhor.]	X Ex. [Espalhados no meio da multidão estavam muitos moradores da freguesia do Socorro, que vieram dar um abraço a São Cristóvão mostrando que essa coisa de Mouraria de cima e de baixo não existe.]	X Ex. [Mais uma boa notícia para a Mouraria e mais uma prova de que quando o esforço e a vontade colectiva se conjugam é, de facto, possível mudar para melhor.]	X Ex. [Para além de fomentar a cidadania activa, este programa visa envolver a população na melhoria das suas condições de vida, promover a capacidade de iniciativa local, bem como contribuir para uma imagem positiva destes espaços, por forma a permitir e reforçar a sua integração harmoniosa na cidade, sem discriminações no acesso aos bens e serviços a todos devidos.]
4	X Ex. [A Rota, essa, fica no nosso bairro! (...) O convite é que venham à Mouraria experimentar os sabores do mundo!]	-	X Ex. [Na MOURADIA os projectos são de todos e para todos, transversais a todas as idades, apostando num enriquecimento intergeracional e intercultural.]	
5	X Ex. [Quem não conhece, não pode gostar. Este foi o mote que levou a Associação Renovar a Mouraria a desenvolver, desde 2008, o projecto das visitas guiadas. Os ingredientes	-	-	X Ex. [Em breve, teremos cinco novos percursos, associados a cinco temáticas. Para a concretização deste projecto, a associação tem vindo a formar guias locais, contribuindo para a criação de

	estavam lá: a riqueza histórica e sócio cultural de um bairro antigo, que tem a capacidade de nos encantar, pela sua diversidade e vida dinâmica]			emprego e valorização profissional e pessoal dos residentes da Mouraria.]
6	X Ex. [Qualquer cidadão do bairro pode cozinhar um jantar típico da sua região. Divulga a sua cultura, delícia os convidados e reforça os seus rendimentos]	X Ex. [Religiões Unidas Líderes de várias religiões estiveram reunidos em fraternidade.]	X Ex. [Um dos principais feriados do calendário islâmico – sistema lunar com uma diferença superior a quinhentos anos face ao solar – foi bem notado por todos os que passaram pela Praça Martim Moniz na manhã de 15 de Outubro.]	X Ex. [Qualquer cidadão do bairro pode cozinhar um jantar típico da sua região. Divulga a sua cultura, delícia os convidados e reforça os seus rendimentos]
7	X Ex. [João Meneses (coordenador do GABIP Mouraria) e Luís Mendão (presidente do GAT) acreditam que os moradores compreendem o que agora se propõe: não um “spa do consumo”, mas uma casa de acolhimento que aproveite os técnicos de intervenção comunitária, médicos e enfermeiros para criar empatia com os	X Ex. [as os moradores rejeitam tal argumento, salientando que as pedras pretas da calçada portuguesa já têm uns “biquinhos anti-derrapantes”, como diz João Brito, dono da Leitaria do Benfornoso]	X Ex. [Primeira sala de consumo assistido de drogas prestes a nascer na Mouraria]	X Ex. [João Meneses (coordenador do GABIP Mouraria) e Luís Mendão (presidente do GAT) acreditam que os moradores compreendem o que agora se propõe: não um “spa do consumo”, mas uma casa de acolhimento que aproveite os técnicos de intervenção comunitária, médicos e enfermeiros para criar empatia com os

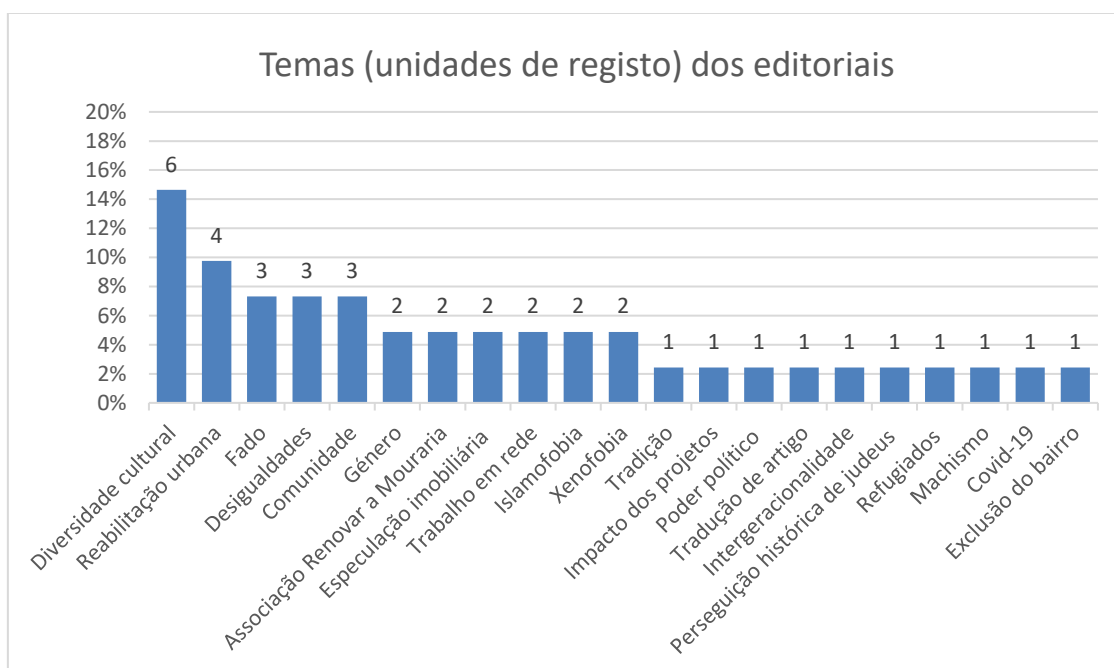
	consumidores e apostar na sua regeneração e formação profissional. Ou seja, uma casa como o In Mouraria, mas com um quarto a mais. Será desta?]			consumidores e apostar na sua regeneração e formação profissional. Ou seja, uma casa como o In Mouraria, mas com um quarto a mais. Será desta?]
8	X Ex. [Uma ajudinha para o São Cristóvão! A paróquia de São Cristóvão precisa de um milhão de euros. Conseguiu 75 mil no Orçamento Participativo. Mecenas procuram-se! (...) Agora, além de dinheiro, procuram-se pessoas com experiência em estratégias de financiamento e gestão de projectos.]	X Ex. [á arrancaram as visitas com guias imigrantes]	X Ex. [É unissexo e para todas as idades. Cá no bairro, as dificuldades financeiras deixaram de ser impedimento para andarmos todos mais bonitos, e de auto-estima em alta. Criámos o Cabeleireiro Solidário para todas as pessoas – mulheres e homens – que não podem dar-se a certos “luxos”.]	X Ex. [Mouraria Integra ainda mais (...) este ano apoia 163 projectos semelhantes, para integração de imigrantes oriundos de países externos à União Europeia com diferentes contextos económicos, sociais, culturais, religiosos, linguísticos e étnicos.]
9	X Ex. [Diário de Todos: o jornal luso-chinês]	X Ex. [Florência, de Buenos Aires, e Erica, de São Paulo, conheceram-se em Lisboa e por cá ficaram. As duas bailarinas provam os vestidos que elas próprias imaginaram, com a ajuda de Amália, para o casamento de uma amiga]	-	X Ex. [O projecto, feito em parceria com a câmara municipal, promove artistas emergentes e traz ao público cultura gratuita. O objectivo maior é fazer circular estes artistas por outros palcos, nacionais e internacionais.]
10	X Ex. [A ARM quer que a Praça	X Ex. [Foram capacitados 21	X Ex. [Aprender português deixa	X Ex. [“Para uma imigrante, o

	do Martim Moniz (...) promova o lazer e convívio entre comunidades]	formandos, provenientes da Argentina. Brasil. Guiné-Bissau, Japão, Polónia, Rússia, Síria e Ucrânia]	as pessoas mais felizes (...) É assim que Sabina, vinda do Nepal (...)]	Migrantour é uma experiência única e enriquecedora que permite conhecer pessoas de tantas nacionalidades e culturas diversas]
11	X Ex. [É um chamamento para a festa, para o arraial, é também um chamamento para a inclusão e, é, ainda um sinal de revitalização num bairro antigo de Lisboa]	X Ex. [Vistas guiadas e histórias em primeira pessoa]	X Ex. [Festival Feminista de Lisboa Uma experiência inovadora que põe o feminismo na agenda da cidade (...)]	X Ex. [É um chamamento para a festa, para o arraial, é também um chamamento para a inclusão e, é, ainda um sinal de revitalização num bairro antigo de Lisboa]
12	X Ex. [Mais de quatro anos a apoiar a integração de crianças migrantes em Lisboa (...)] Porque um sorriso sempre pode superar a barreira da língua]	X Ex. [Conflito entre bengaleses na Mouraria, qual é história por trás] *texto bilíngue escrito por pessoa do Bangladesh	X Ex. [Mais de quatro anos a apoiar a integração de crianças migrantes em Lisboa (...)] Porque um sorriso sempre pode superar a barreira da língua]	X Ex. [Há mais de 500 anos atrás os portugueses chegaram no Bangladesh (...)] Agora os bengaleses vêm também para Portugal (...)] esperamos que estas boas relações possam permanecer ao longo dos anos.]
Contabilização	13	11	11	13

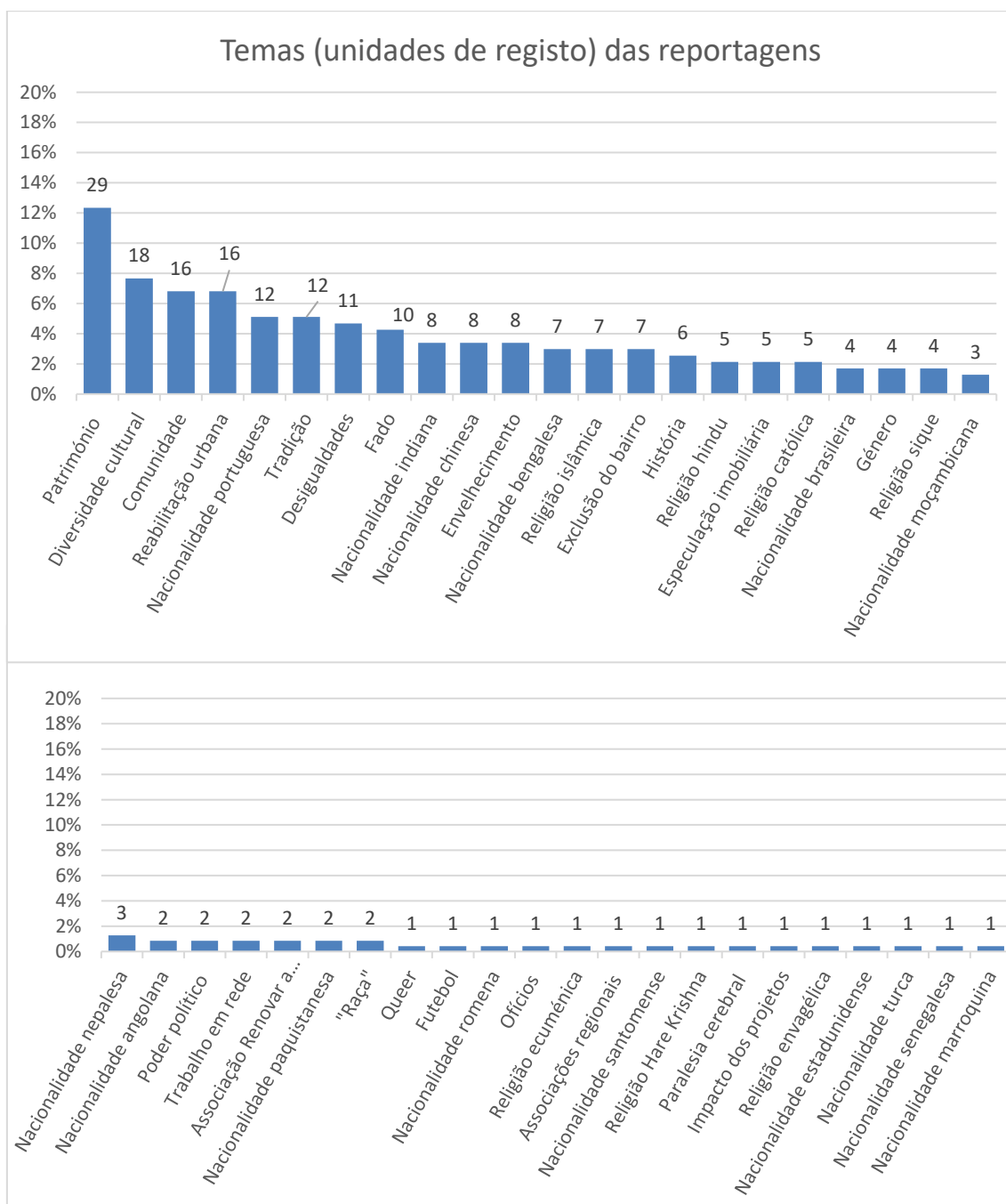
4. FREQUÊNCIA DAS UNIDADES DE REGISTO

O levantamento dos principais tópicos de cada conteúdo em análise evidenciou, simultaneamente, os temas, assim, os gráficos seguintes demonstram não só todas as questões abordadas como a sua respetiva prevalência.

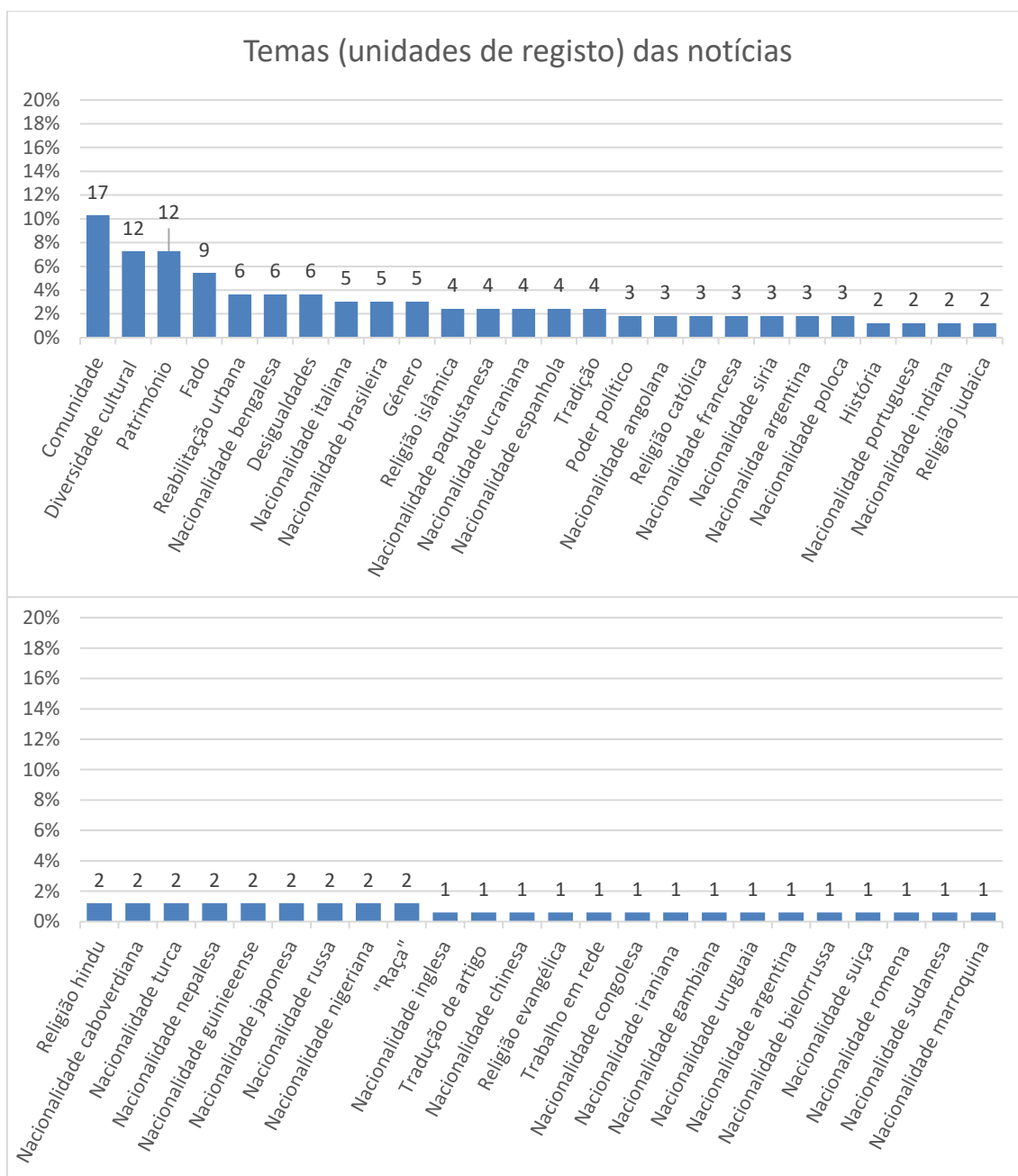
4.1. Unidades de registo dos editoriais



4.2. Unidades de registo das reportagens



4.3. Unidades de registo das notícias



4.4. Unidades de registo das capas

